

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

ANDRÉ DE MELO SANTOS

A CONCEPÇÃO DE SOCIALISMO EM ERICH FROMM

Goiânia
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☐ Dissertação ☒ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: André de Melo Santos

Título do trabalho: A Concepção de Socialismo em Erich Fromm

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

André de Melo Santos

Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

[Assinatura]
Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 01 / 07 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

ANDRÉ DE MELO SANTOS

A CONCEPÇÃO DE SOCIALISMO EM ERICH FROMM

*Tese de doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Faculdade de Ciências
Sociais da Universidade Federal de
Goiás, como requisito final à obtenção do
título de doutor em Sociologia.*

Goiânia

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

de Melo Santos, André

A Concepção de Socialismo em Erich Fromm [manuscrito] /
André de Melo Santos. - 2019.

CXLIX, 149 f.

Orientador: Prof. Dr. Nildo da Silva Viana.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-
Graduação em Sociologia, Goiânia, 2019.

1. Marxismo. 2. Psicanálise. 3. Socialismo. I. da Silva Viana,
Nildo. orient. II. Título



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DA TESE DE DOUTORADO DE

ANDRÉ DE MELO SANTOS

Aos dezessete dias do mês de maio de 2019, às 14h30, na sala de defesas da Faculdade Ciências Sociais, Prédio das Humanidades I, da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão de julgamento do trabalho de Tese de Doutorado de **ANDRÉ DE MELO SANTOS**, intitulado *A CONCEPÇÃO DE SOCIALISMO EM ERICH FROMM*. A Banca Examinadora foi composta pelos/a seguintes Professores/a Doutores/a: Nildo Silva Viana (presidente, UFG), Cleito Pereira Dos Santos (UFG); Edmilson Ferreira Marques (UEG), Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira (UFG) e Weder David de Freitas (IFG). O candidato apresentou o trabalho, os/a examinadores/a o arguíram e ele respondeu às arguições. Às 17:00 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, atribuindo ao doutorando os seguintes resultados:

☒ **Aprovado** ☐ Reprovado

Prof. Dr. Nildo Silva Viana

☒ **Aprovado** ☐ Reprovado

Prof. Dr. Cleito Pereira dos Santos

☒ **Aprovado** ☐ Reprovado

Prof. Dr. Edmilson Ferreira Marques

☐ **Aprovado** ☐ Reprovado

Prof. Dra. Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira

☒ **Aprovado** ☐ Reprovado

Prof. Dr. Weder David de Freitas

Resultado Final APROVADO.

Reaberta a sessão pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, agradecendo a participação dos arguidores, da qual se lavrou a presente ata que será assinada pela Banca Examinadora e entregue à secretaria do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, para fins.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer especialmente ao meu orientador Nildo Viana pela paciência em momentos difíceis que passei na elaboração dessa tese, suas contribuições e incentivo. Também gostaria de agradecer aos meus companheiros do Movaut que colaboraram em momentos que eu estava com dificuldade, especialmente Erisvaldo Sousa e Edmílson Marques. Também gostaria de prestar uma homenagem póstuma ao autor que virou meu tema de pesquisa, Erich Fromm. A leitura de sua obra foi muito boa e me apresentou para o marxismo e a psicanálise, leituras que foram importantes não apenas para a minha formação intelectual, como tiveram grande influência na minha formação humanista. Também vale a lembrança para meus familiares que me apoiaram nos momentos finais da elaboração desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho busca discutir a concepção de socialismo em Erich Fromm, um autor de uma vasta obra sobre o marxismo e a psicanálise. Fromm foi um dos primeiros a buscar uma síntese entre o marxismo e a psicanálise, junção essa que abriu novos horizontes para o avanço do pensamento social, ampliando a compreensão do homem na sociedade capitalista e contribuindo para desvendar os mecanismos psíquicos que essa sociedade se utiliza para dominar os indivíduos. Sua obra tem influência de Marx, um pensador revolucionário, e Freud, politicamente um pensador conservador. Essa dupla influência pode fazer emergir a ideia de que existe uma ambiguidade ou lacuna no que se refere a concepção de socialismo de Erich Fromm. No contexto em que viveu, foi contemporâneo da Revolução Russa, da ascensão do Estado integracionista no período do regime de acumulação conjugado, no qual se produziu a ideologia e tentativa da integração da classe operária na chamada “sociedade de consumo”. É perceptível que Fromm realiza críticas à sociedade capitalista, bem como ao “socialismo real”. Isso gera uma nova dúvida sobre qual forma de socialismo ele defendia, o que não se esclarece apenas com os termos que ele utilizava, tal como “socialismo humanista”. Em toda sua obra existe uma busca por um socialismo humanista que, segundo Fromm, está de acordo com o pensamento de Marx. Assim, o nosso tema é a concepção de socialismo em Erich Fromm. O nosso problema de pesquisa, tendo em vista a sua crítica do “socialismo real” e outras concepções de socialismo, é descobrir qual é sua concepção de socialismo. Para conseguir responder a este problema, lançamos mão do método dialético. O método dialético nos trouxe uma rica indicação do processo analítico no caso de uma pesquisa teórica, tal como é a nossa. O material informativo, para compreender um pensador, é fundamentalmente sua obra escrita, da qual lançamos mão e fizemos análise pormenorizada. Porém, o contexto social e cultural é fundamental para tal análise, pois é isto que explica a formação do pensamento de um autor. Assim, o método dialético permitiu unir o geral, os contextos social e cultural, e o particular, no qual Fromm se insere de forma específica. Nesse contexto, também lançamos mão da teoria da consciência de Marx, bem como de autores que forneceram complementos para sua teoria, visando explicar a formação social e intelectual da consciência, para, posteriormente, utilizar isso na explicação do pensamento de Fromm. A análise das obras de Fromm e suas referências diretas à sua concepção de socialismo assumem um significado fundamental para entender seu pensamento a este respeito. O resultado a que chegamos é a de que a concepção de socialismo de Fromm, que ele denominava “humanista” e em certo momento “comunitário”, é uma concepção utópica e que se diferencia das demais concepções de socialismo mais conhecidas em sua época, a bolchevista e a socialdemocrata, bem como também distinta da de Marx, apesar de algumas proximidades. O socialismo comunitário de Fromm padecia de uma base teórica mais profunda e uma compreensão mais ampla do modo de produção capitalista e da obra de Marx a respeito do comunismo, o que explica, parcialmente, os elementos utópicos em sua concepção, bem como seus limites.

Palavras-chave: Marxismo, psicanálise, socialismo

ABSTRACT

The present work seeks to discuss the conception of socialism in Erich Fromm, an author of a vast work on Marxism and Psychoanalysis. Fromm was one of the first to seek a synthesis between Marxism and psychoanalysis, a junction that opened new horizons for the advancement of social thought, broadening the understanding of man in capitalist society and contributing to unravel the psychic mechanisms that society uses to dominate individuals. His work is influenced by Marx, a revolutionary thinker, and Freud, politically a conservative thinker. This double influence may give rise to the idea that there is an ambiguity or gap in Erich Fromm's conception of socialism. In the context in which he lived, he was a contemporary of the Russian Revolution, of the rise of the integrationist state in the period of the regime of combined accumulation, in which the ideology and attempt of the integration of the working class in the so-called consumer society took place. It is noticeable that Fromm criticizes capitalist society as well as "real socialism." This raises a new question about what form of socialism he advocated, which is not only explained by the terms he used, such as "humanistic socialism." Throughout his work there is a search for a humanist socialism which, according to Fromm, is in accordance with Marx's thought. Thus, our theme is the conception of socialism in Erich Fromm. Our problem of research, in view of its critique of "real socialism" and other conceptions of socialism, is to discover what its conception of socialism is. In order to be able to respond to this problem, we use the dialectical method. The dialectical method has brought us a rich indication of the analytical process in the case of a theoretical research, such as ours. The information material, to understand a thinker, is fundamentally his written work, from which we have come to grips with and have done detailed analysis. However, the social and cultural context is fundamental for such an analysis, because this is what explains the formation of an author's thought. Thus, the dialectical method allowed to unite the general, the social and cultural contexts, and the particular, in which Fromm inserts itself in a specific way. In this context, we also use Marx's theory of consciousness, as well as authors who have provided complements to his theory, in order to explain the social and intellectual formation of consciousness, and to later use it in explaining Fromm's thinking. The analysis of Fromm's works and his direct references to his conception of socialism assume a fundamental meaning in order to understand his thinking in this respect. The result is that Fromm's conception of socialism, which he called "humanist" and at some "communitarian" moment, is a utopian conception, and which differs from the other conceptions of socialism best known in his day, Bolshevik, and Social Democrat, as well as distinct from Marx's, despite some proximity. Fromm's communal socialism suffered from a deeper theoretical basis and a broader understanding of the capitalist mode of production and of Marx's work on communism, which partly explains the utopian elements in its conception as well as its limits.

Keywords: Marxism, psychoanalysis, socialism.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1:	18
PRODUÇÃO DA CONSCIÊNCIA E CONCEPÇÕES DE SOCIALISMO	18
1.1. A produção social da consciência.....	19
1.2. Capitalismo e a Gênese das Ideias Socialistas.....	24
1.2.1. O Movimento Operário e as ideias socialistas	29
1.2.2. Socialismo e Intelectuais	33
1.3. Concepções de Socialismo.....	39
1.3.1. O Socialismo Utópico	41
1.3.2. Anarquismo	43
1.3.3. Socialdemocracia.....	48
1.4.4. Bolchevismo	51
1.4. A Concepção Marxista de “Socialismo”: Comunismo e Autogestão.....	53
1.4.1. O Comunismo segundo Marx.....	54
1.4.2. O Comunismo de Conselhos.....	61
1.4.3. O marxismo autogestionário	65
CAPÍTULO 02.....	71
A FORMAÇÃO SOCIAL E INTELECTUAL DE ERICH FROMM	71
2.1. Uma breve biografia	71
2.2. A Formação Intelectual de Erich Fromm	73
2.3. Fromm e Freud.....	78
2.4. Fromm e Marx.....	85
CAPÍTULO 03.....	96
O SOCIALISMO COMUNITÁRIO DE ERICH FROMM	96
3.1. O Humanismo de Erich Fromm	97
3.2. O socialismo humanista	113
3.3. A Crítica do Capitalismo de Estado	118
3.4. O Socialismo Comunitário.....	124
3.5. Fromm, o Socialismo e o Marxismo	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	145

INTRODUÇÃO

O tema da presente tese é a concepção de socialismo em Erich Fromm. Tendo formação em psicanálise e participado da fundação da Escola de Frankfurt, ficou conhecido como um dos pioneiros na tentativa de unir o materialismo histórico e a psicanálise freudiana. Fromm se tornou um autor renomado mundialmente e recebeu muitas críticas e defesas de diversos autores. Embora ele encontre resistência por parte de alguns pensadores, ele acabou influenciando psicanalistas, marxistas, cientistas sociais e outros.

Este autor tem uma vasta obra na qual se propõe a fazer a junção entre o marxismo e a psicanálise. Essas duas teorias, o marxismo e a psicanálise freudiana, são muito debatidas nas ciências sociais, sendo que Marx, é considerado um dos clássicos da sociologia, embora o mesmo não se considerasse sociólogo. Já a psicanálise, ela se tornou uma nova ciência de ampla aceitação e popularização, e a obra de Freud se tornou grande referência não só para os psicanalistas, mas também para a psicologia e diversas outras ciências humanas.

Fromm se insere no debate entre marxismo e psicanálise questionando certas interpretações dos dois autores fundadores dessas duas concepções. Ao mesmo tempo, ele se posiciona como defensor do marxismo. O marxismo surge com a produção teórica de Marx, e após esse momento inaugural, sua obra recebe diferentes interpretações e diversos indivíduos, pensadores, militantes, partidos políticos, passam a adotar o “marxismo”. Muitos intérpretes conseguiram manter fidelidade ao pensamento de Marx em suas interpretações, enquanto que muitos realizaram apropriações problemáticas, indo desde o revisionismo socialdemocrata, passando pelo ecletismo acadêmico, até chegar ao processo de transformação do marxismo em ideologia de justificativa do “socialismo real”, seja o stalinismo na URSS e casos semelhantes.

Marx pensou o socialismo como uma sociedade sem a exploração de uma classe sobre a outra, ele via o proletário na luta para se libertar da exploração na sociedade capitalista, como um agente que libertaria a si e a toda a sociedade. O pensamento de Marx tem uma perspectiva, e as correntes que foram surgindo nos anos posteriores à sua morte em algumas houve um afastamento da sua concepção original de socialismo, como no caso do bolchevismo que defendia que uma vanguarda deveria conduzir a classe operária, algo distante da teoria de Marx, que falava da auto emancipação da classe operária. Outros mantiveram o projeto original de comunismo desenvolvido por ele, dando continuidade à sua obra, como no caso dos comunistas conselhistas, que apontaram para os conselhos operários como os órgãos de autogoverno dos produtores em substituição ao capitalismo.

Outra influência no pensamento de Fromm é a psicanálise de Freud. A psicanálise é considerada, por Fromm, uma psicologia revolucionária, que busca desvendar o inconsciente. A descoberta do inconsciente não se deve a Freud, pois outros autores já tinham usado o termo ou percebido a existência de elementos não conscientes na mente humana. Contudo, Freud elaborou uma nova compreensão do inconsciente, gerando uma teoria e sistematização através do que denominou “aparelho psíquico”. Freud, apesar de sua descoberta revolucionária, era um indivíduo típico da Europa do final do século XIX, um conservador em termos políticos e isso fez com que setores da esquerda considerassem a psicanálise como uma “psicologia burguesa” e que, portanto, não seria relevante para se pensar o homem na sociedade capitalista, entre outras críticas que foram endereçadas a ele.

Fromm, embora fosse crítico das posições políticas de Freud, considerava a psicanálise revolucionária. Para ele, o que Marx fez desmascarando as ideologias que ocultam a dominação burguesa que existe no capitalismo, Freud fez com a mente humana ao desvendar o inconsciente. Para Fromm, a união do marxismo com a psicanálise poderia contribuir muito para a compreensão de como as ideologias operam a nível individual e poderia ser uma ferramenta para auxiliar a libertação do homem.

Tendo em vista que Fromm foi influenciado por Freud, um pensador conservador, e, por Marx, um pensador revolucionário, então é possível pensar em um impacto disso em suas posições políticas e intelectuais. Por outro lado, Fromm busca ler e interpretar Marx diretamente, se afastando das interpretações canonizadas do

leninismo e da socialdemocracia. Porém, ele não se filiava a nenhuma tendência do marxismo e, embora fizesse referências a muitos marxistas, não adotava nenhuma das concepções defendidas por eles. Além disso, ele era um erudito e se inspirava nas mais variadas tradições de pensamento, desde elementos da cultura oriental, passando por pensadores considerados “místicos” e religiosos, até chegar a diversos filósofos que ele lia e trabalhava seu pensamento, sem falar em autores contemporâneos, tais como Ernst Bloch, Ivan Illich, entre outros. Sem dúvida, o seu pensamento político tinha várias fontes e essas distintas concepções certamente tiveram impacto sobre sua concepção da nova sociedade que substituirá o capitalismo.

Por outro lado, ele sempre colocava em sua obra uma crítica ao capitalismo, tanto diretamente quanto indiretamente. O seu questionamento do modo de vida da sociedade capitalista, centrada no ter e não no ser, o seu humanismo e crítica de desumanização da sociedade moderna, a sua análise do psiquismo humano e dos dilemas e problemas existenciais e sociais que atingem os indivíduos, entre diversos outros aspectos, deixam entrever que ele propunha uma sociedade pós-capitalista. Em algumas obras ele interpreta a concepção de socialismo em Marx e, em outras, ele defende a necessidade de se produzir uma sociedade socialista.

Esse conjunto de elementos (influência de Freud, de Marx, de diversas tradições de pensamento, etc.) e suas referências a uma nova sociedade torna explícita sua defesa do socialismo. Ele, explicitamente, postulava a constituição de um “socialismo humanista”. A própria expressão, que foi título de uma obra organizada por Fromm (1976), já revela um diferencial em relação a Marx (que também era um humanista, mas que não via necessidade de acrescentar tal palavra ao termo “comunismo”, pois este pressupunha a realização do humanismo).

No entanto, Fromm nem sempre se mostrava coerente em sua discussão sobre o socialismo e em certas obras apontava para uma determinada concepção e, em outras, já fornecia orientação distinta. Sendo assim, o nosso problema de pesquisa aponta para o questionamento sobre qual é a concepção de socialismo de Erich Fromm. Fromm seria um adepto da concepção de comunismo de Marx? Ou se aproximaria mais de uma posição existencial e religiosa, com foco na preocupação com a alienação, que seria mais ética do que política propriamente dita? Outras possibilidades existem e por isso a pesquisa visa destrinchar e entender qual é sua concepção de socialismo.

Um dos elementos menos conhecidos em sua obra é sua concepção de socialismo. Muitos comentaristas como Schaar (1965) discutem sua concepção de alienação, de homem, de liberdade, bem como analisam sua concepção de psicanálise, sua relação com Marx e/ou Freud, entre diversos outros temas, mas sobre sua concepção de socialismo não encontramos nenhum trabalho específico. Isso mostra que é um elemento importante a se desbravar na sua produção intelectual, bem como apresenta uma contribuição para pensar a sociedade em que vivemos e as alternativas existentes.

Fromm, apesar de questionado por muitos autores, é uma das figuras mais importantes do pensamento social na sociedade moderna e produziu obras de grande valor teórico e político. Da mesma forma, a sua popularidade, que pode ser notada em suas diversas traduções (quase todas as suas obras estão traduzidas para o idioma português, o que é mais significativo se recordarmos que ele publicou uma grande quantidade de livros). Fromm tem um papel importante tanto na divulgação da psicanálise como do marxismo. Essas duas teorias são complexas e existem várias concepções dentro de cada campo, segundo Schaar (1965), Fromm tem a capacidade de dizer coisas complexas em linguagem simples, o que segundo esse autor, pode justificar a sua popularidade.

Para efetivar a pesquisa, utilizamos o método dialético e isso estará explícito em nosso “método de exposição” – que Marx (1988) distinguia do “método de pesquisa” – pois a pesquisa foi realizada e após concretizada o que apresentamos é o resultado dela e não seus procedimentos metodológicos. Para descobrir qual é a concepção de socialismo de Fromm o caminho trilhado foi o das leituras teóricas para embasar o procedimento analítico e as leituras das obras de Fromm, tanto as gerais quanto aquelas nas quais ele discutiu o socialismo. Depois das leituras, foi realizada uma análise delas e uma contextualização do autor, e um aprofundamento na interpretação de sua concepção de socialismo. Esse foi o método de pesquisa. O método de exposição apresenta os resultados e por isso apresentamos, no primeiro capítulo, a teoria que embasa a análise do pensamento de Fromm e sua concepção de socialismo, a contextualização que traz as determinações do seu pensamento, e no terceiro e último capítulo, a análise focalizada em sua concepção de socialismo.

O método de análise busca apresentar a essência dos fenômenos e depois disso busca mostrar a existência, ou seja, o que é concreto, histórico. Como não se trata de pesquisa empírica, então o material informativo utilizado foi fundamentalmente as obras de Fromm, que é onde está exposta sua concepção de socialismo. Algumas obras foram priorizadas, especialmente as que expressam melhor sua concepção geral quanto as que tratam diretamente de sua concepção de socialismo. Assim, a leitura crítica é a base da presente tese. A reconstituição do pensamento de Fromm e sua concepção de socialismo foi possível ao ler sua obra e suas referências ao socialismo. Da mesma forma, a investigação bibliográfica foi fundamental para as demais partes do trabalho, especialmente a teoria e a contextualização. Assim, o método dialético é o mais adequado para a pesquisa teórica, tal como a nossa. Isso, por outro lado, não quer dizer que não sirva para pesquisa concreta, pois é aplicável aos dois casos. No entanto, no caso da pesquisa teórica não existem muitos apontamentos no sentido metodológico e os métodos existentes nas ciências humanas não se aplicam a este tipo de pesquisa.

O Objetivo central da pesquisa é analisar e reconstituir a concepção de socialismo de Erich Fromm. Derivado desse objetivo central, emergem os seguintes Objetivos específicos: contextualizar e analisar a produção intelectual de Erich Fromm; Comparar a concepção de socialismo de Fromm com a de Marx; Identificar as fontes inspiradoras da concepção de socialismo de Fromm.

A organização da tese está dividida em três capítulos de forma que, no primeiro capítulo vamos fazer uma discussão teórica sobre a produção da consciência e, de forma derivada, sobre o processo de formação das ideias socialistas. Tendo em vista que, para explicar a formação da concepção de socialismo de Fromm, precisamos de ferramentas intelectuais e um referencial teórico para tal, a teoria da consciência de Marx e uma concepção marxista sobre a formação das ideias socialistas nos dão a chave interpretativa para entender o caso específico que é a concepção de socialismo em Fromm. Nesse sentido, apresentaremos como Marx teorizou o comunismo, como que as ideias socialistas foram formadas antes de Marx e depois de Marx. As várias concepções de socialismo, passando pelo anarquismo, marxismo, bolchevismo, socialdemocracia, conselhismo, exerceram uma grande influência sobre os pensadores e, deixaram um legado para as gerações futuras, que foram formadas e influenciadas por essas concepções.

No segundo capítulo, nos dedicaremos ao processo de compreensão da formação social e intelectual de Fromm. A partir da discussão teórica do primeiro capítulo, fica evidente que a compreensão das ideias de um pensador remete para o seu processo histórico de vida, o que inclui tanto a sua vida geral e cotidiana, quanto a sua formação intelectual e cultural em geral. A breve biografia apresentada aponta para entender os itens seguintes, tal como sua influência religiosa, a sua adesão à psicanálise e aproximação com o marxismo. A sua formação psicanalítica ajuda a explicar, por exemplo, a sua crítica ao economicismo dos supostos “marxistas”, bem como sua aproximação com o pensamento de Marx colabora com a explicação de Freud. A sua relação com a Escola de Frankfurt também ajuda a entender alguns elementos. Assim, a sua leitura de Marx e Freud é fundamental para compreender seu pensamento em geral e sua concepção de socialismo, mais especificamente. Esse capítulo nos proporciona, por exemplo, as bases para compreender algumas das determinações da concepção de socialismo de Erich Fromm.

No terceiro capítulo, apresentaremos a explicação da concepção de socialismo em Fromm. A sua concepção de socialismo tem um elemento fundante e fundamental, que é seu humanismo. Nesse sentido, torna-se fundamental entender sua concepção de natureza humana, bem como a ideia derivada de “socialismo humanista”. A respeito da natureza humana, vemos novamente o impacto das obras de Freud e Marx, especialmente deste último. A sua discussão mais geral e abstrata sobre “socialismo humanista”, por sua vez, ajuda a entender suas propostas concretas de mudança social. Essas propostas concretas aparecem na sua discussão sobre “socialismo comunitário”. O que significa e quais são os elementos dessa proposta concreta de socialismo? Isso precisa ser analisado e assim se compreender mais adequadamente sua concepção de socialismo, o elemento fundamental de nossa pesquisa. A sua crítica do “socialismo real”, ou seja, ao capitalismo de Estado, abre amplas possibilidades de entender o seu afastamento do bolchevismo e outras concepções próximas de socialismo, elemento abordado e que se justifica com esse objetivo. Uma comparação do pensamento de Fromm com a concepção marxista de comunismo se faz necessária, pois a sua distinção com a concepção bolchevista e seu humanismo parece aproximá-lo da concepção de Marx e isto precisava ser esclarecido. Por fim, o significado do socialismo na obra de Fromm e o seu caráter são esclarecidos. Para conseguir dar conta disso, foi preciso

remontar as bases de sua concepção de socialismo, o humanismo, bem como sua proposta concreta de socialismo comunitário e sua posição e comparação com outras concepções. Este foi o objetivo deste capítulo.

Desta forma, na sociedade atual do regime de acumulação integral, o debate é atual e relevante para se pensar na transformação da sociedade. A obra de Fromm e seu impacto tem vários sentidos, desde aqueles que procuram “auto compreensão” (alguns, até mesmo “autoajuda”) e encontram algumas obras que ajudam a conseguir isso, especialmente as mais psicanalíticas e voltadas para análise do indivíduo, até as críticas políticas da sociedade atual e do capitalismo estatal, passando por suas críticas pontuais e análise de diversos fenômenos sociais (religião, psicanálise, ética, caráter, etc.). A sua concepção de socialismo foi pouco trabalhada e discutida. E isso até mesmo por militantes políticos e teóricos da política que extraíram elementos de sua abordagem, mas desconsideraram sua concepção de socialismo, com raríssimas exceções. Isso justifica nossa pesquisa sobre a concepção de socialismo em Fromm.

Em síntese, realizamos um trajeto de reconstituição da concepção de socialismo em Erich Fromm e os resultados conseguidos nos parecem satisfatórios. O socialismo proposto por Fromm se diferencia do anarquismo, do bolchevismo, entre outras propostas, bem como se fundamenta numa crítica ampla e radical do capitalismo estatal. Reconstituir esse pensamento, na época atual, que muitos apontam como sendo o “fim das utopias”, assume grande importância. O regime de acumulação integral começou com a divulgação ampla do “pensamento único”, o neoliberalismo, e acabou se metamorfoseando, em diversas ideologias semelhantes, mas acabou chegando a um momento de desestabilização e uma nova forma de neoliberalismo, mais autoritário e fundado em políticas de austeridade, passa a conviver com o retorno do reacionarismo político e moral, que emerge num momento de crise das ideias socialistas e bolchevistas, bem como do moralismo progressista. A saída aponta para a retomada de uma concepção que ultrapasse os moralismos, os burocratismos, os liberalismos, entre outras ideologias e concepções, e abram caminho para uma nova perspectiva, uma nova forma de ver o novo, o “socialismo” (termo desgastado e deformado, tanto por “defensores” quanto por detratores). O humanismo socialista de Fromm traz elementos que, vistos criticamente, contribuem para a retomada do marxismo livre de suas deformações e do anti-humanismo, burocratismo e economicismo, que infligiram a ele

desde o seu surgimento. Assim, a reconstituição do pensamento de Fromm sobre a nova sociedade é um passo importante para pensar o novo diante da aproximação da crise que já vem sendo anunciada a um bom tempo. Esse foi nosso trajeto e esforço, que esperamos que ao final do trabalho consigamos reconstituir a concepção de socialismo em Erich Fromm.

CAPÍTULO 1:

PRODUÇÃO DA CONSCIÊNCIA E CONCEPÇÕES DE SOCIALISMO

Na sociologia existem poucas pesquisas dedicadas a autores determinados. O pensamento dos sociólogos clássicos e outros que tiveram impacto na sociologia são apresentados nas disciplinas denominadas “teorias sociológicas”. Uma das poucas exceções são as disciplinas e linhas de pesquisa denominadas “pensamento social brasileiro” e em alguns casos na sociologia da literatura ou na sociologia dos intelectuais. Como pretendemos reconstituir a concepção de socialismo no pensamento de Erich Fromm, teremos que realizar uma discussão teórica para embasar tal empreitada, saindo das concepções meramente descritivas, ou então da interpretação pura, como é mais comum na filosofia. Desta forma, trabalharemos, nesse primeiro capítulo, os elementos teóricos que serão fundamentais nos próximos capítulos, para entender a concepção de socialismo em Erich Fromm.

Como compreender a formação do pensamento de Erich Fromm e, mais especificamente, sua concepção de socialismo? Esse é o questionamento que gera a reflexão teórica que aqui realizamos. Para tanto, teremos que tratar do processo de produção da consciência e de suas formas, bem como de como emerge as ideias socialistas. Com este objetivo, vamos apresentar uma discussão mais ampla e geral, sobre a constituição social da consciência, para depois abordar as ideias socialistas e as concepções de socialismo, finalizando com a concepção marxista de socialismo.

A constituição social da consciência nos ajuda a perceber o processo geral da formação da consciência e abre caminho para o item seguinte, que é a produção das ideias socialistas. Uma vez discutidos os elementos de produção social da consciência e ideias socialistas, abordamos, nos dois itens seguintes. As concepções de socialismo e a concepção marxista, pois isso será importante para entender a concepção de Fromm, já que ele conhecia, mesmo que parcialmente, as ideias socialistas anteriores, bem como realizar um processo comparativo.

1.1. A produção social da consciência

O questionamento da consciência e da produção das ideias vem desde a filosofia dos gregos. Claro que não estamos preocupados em fazer uma história das ideias, uma vez que por mais relevantes que sejam os conhecimentos deixados pelos gregos, eles viviam em uma sociedade escravista, algo bem distinto da sociedade capitalista que vivemos hoje.

Existe um grande debate dentro do pensamento social que abrange a relação entre indivíduo e sociedade. Decorrente deste debate emerge a discussão sobre como ocorre a produção das ideias. As ideias têm sua origem na mente dos indivíduos ou na sociedade? Até que ponto a sociedade influencia na formação da consciência? Essa discussão sobre a consciência gera bastantes controvérsias. A consciência é algo que emerge a partir do próprio indivíduo ou é algo que é produzido fora dele? Afinal, na relação entre indivíduo e sociedade, quem exerce uma influência determinante? A consciência pode conhecer a verdade? Isso gerou as posições diversas sobre a questão do conhecimento e no interior do que se convencionou chamar de “teoria do conhecimento”: materialismo versus idealismo; objetivismo versus subjetivismo; dogmatismo versus ceticismo, entre diversas outras (HESSEN, 1978).

Não poderemos, nem mesmo breve e superficialmente, entrar nesse amplo e complexo debate. Por isso vamos apenas expor nossa concepção a respeito do processo de produção da consciência, das ideias, a partir da teoria elaborada por Karl Marx. Ele trata da questão da consciência em vários escritos, mas em alguns ele desenvolve mais sua concepção. A sua obra, *A Ideologia Alemã*, é aquela na qual ele mais aprofunda a questão da produção da consciência (MARX, 2005).

O ponto de partida de Marx na *Ideologia Alemã* é compreender a realidade da Alemanha da sua época. Entusiasmados pela filosofia de Hegel e seu idealismo, muitos filósofos acreditavam que o problema da Alemanha era as ideias religiosas e, que o país se encontrava em um processo revolucionário liderado pela burguesia alemã. Para Marx isso era ilusório, e era necessário que se voltasse para a realidade, segundo ele:

Os homens, até hoje, sempre tiveram falsas noções sobre si mesmos, sobre o que são ou deveriam ser. Suas relações foram organizadas a partir das representações que faziam de Deus, do homem normal, etc. O produto do seu cérebro acabou por dominá-los inteiramente. Os criadores se prostraram

diante de suas próprias criações. Libertemo-nos, portanto, das ficções do cérebro, das ideias, dos dogmas, das entidades imaginárias, sob o domínio dos quais definham. Rebelemo-nos contra o domínio das ideias (MARX, 2005, p.35).

Os filósofos estavam errados em sua interpretação sobre o Alemanha. Este país no início do século XIX se encontrava atrasado em relação as demais nações da Europa, em especial à Inglaterra. Logo, Marx combateu o idealismo da filosofia de Hegel e começou a elaborar a sua concepção materialista da história, que era uma crítica aos jovens hegelianos que não conseguiam ultrapassar o nível da ideologia.

É nesse embate intelectual que emerge a elaboração de Marx sobre a consciência humana. Marx vai destacar que a consciência não é “nada mais” do que “o ser consciente”. Isso significa uma identidade entre o ser e a consciência. O ser, para Marx, é o indivíduo real, vivo. O indivíduo não é uma entidade abstrata, metafísica. O indivíduo é um ser humano que existe em determinada sociedade, época, pertence a determinadas relações sociais, classe social. Assim Marx sintetiza sua discussão.

A produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens aparecem aqui ainda como a emanção direta de seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual tal como se apresenta na linguagem da política, na das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc. de todo um povo. São os homens que produzem suas representações, suas ideias, etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente e o ser dos homens é seu processo de vida real (MARX e ENGELS, 2002, p. 19).

Isso significa que, para Marx, a consciência é social. Ela é um produto social e histórico e é somente nesse âmbito que pode ser entendida. Por isso Marx realiza uma crítica ao idealismo, em suas várias formas. Ele faz crítica ao idealismo hegeliano:

Para Hegel, a ideia é um “sujeito autônomo” e, por conseguinte, “demiurgo (criador) do real”, sendo este uma mera manifestação externa. A concepção aqui é a de que as ideias constituem a realidade. Napoleão, para Hegel, por exemplo, só teve importância histórica por ter encarnado uma ideia. Para Marx, ao contrário, o “ideal”, ou seja, a consciência, não é nada mais que uma tradução e transposição do material para a mente humana. Sem dúvida, alguns pseudomarxistas pensam que “cabeça” significa “cérebro”, no sentido físico do termo, e “transposição do material” é visto mecanicamente, o que significa transformar Marx num materialista vulgar. Dizer que o material é transposto para a mente é o mesmo que afirmar que o real (que, nesse contexto, significa o mesmo que material) é transposto para a mente no sentido de que ela “reconstitui” ele idealmente, realizando sua

“tradução”, o que significa que não é uma transposição mecânica (GOMES, 2017, p. 10)

Esse idealismo hegeliano parte da concepção que as ideias constituem a realidade. Marx mostra que as coisas se passam diferente no mundo real. Mas ele também critica a concepção de que as ideias determinam a realidade de forma monocausal:

As formas de consciência (ou a cultura, representações, ideias, etc.) não determinam a realidade, pois esta afirmação tem um caráter monocausal, como se o motor da história fossem as ideias. Isso é facilmente refutado se lembrarmos de que as formas de consciência são constituídas social e historicamente e que a cultura é muito mais produto do que produtor da história. Existem bases reais para determinadas ideias surgirem, se reproduzirem, ganharem força. E isso está ligado a interesses (individuais e outros, mas especialmente de classe) e outros processos (sentimentos, valores, etc.). As ideias religiosas que foram hegemônicas na sociedade feudal, emergiram a partir das relações sociais reais e interesses de classe que surgem a partir delas. Elas, uma vez existindo, tinham a função de reproduzir e regularizar tais relações, o que significa que se tornam ideias dominantes e que serviram para manter a dominação (GOMES, 2017, p. 11).

Isso significa que as ideias são produzidas social e historicamente e são determinadas socialmente, mas não são apenas “determinadas”, pois também fazem parte da realidade e atuam sobre ela (GOMES, 2017; KORSCH, 1977; VIANA, 2006). Esse é um dos pontos da teoria da consciência de Marx, que aponta o caráter social e histórico da consciência. Também adentra em outro elemento, é de que isso não significa que as ideias não tenham importância no processo social e nas lutas de classes. As ideias são importantes nas lutas políticas, sob várias formas. No *Dezoito Brumário*¹, Marx (1978) mostra como elas intervêm na realidade, mesmo sendo ilusórias.

A crítica ao idealismo emerge a partir da concepção materialista da história. Essa expressão liga Marx ao materialismo. O termo “materialismo”, no entanto, se presta a muita confusão. Qual é esse “materialismo” de Marx? Muitos confundiram o materialismo histórico com o materialismo burguês².

¹ Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob as circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhar-se em revolucionar-se a si e as coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada (MARX, 1978).

² Pannekoek (1978), por exemplo, afirma que Lênin adotou o materialismo burguês por ter uma concepção semiburguesa.

Marx se opôs ao idealismo em suas formas metafísica, histórica e ética. O idealismo metafísico vê a realidade constituída, ou dependente do espírito (finito ou infinito) ou ideias (particulares ou transcendentais); o idealismo histórico entende as ideias ou a consciência como agentes fundamentais ou únicos da transformação histórica; o idealismo ético projeta um estado empiricamente infundado (superior ou melhor) como uma maneira de julgar ou racionalizar a ação. O anti-idealismo ou materialismo do Marx não pretendia negar a existência e/ou eficácia causal das ideias (pelo contrário, por oposição ao materialismo reducionista, insistia nisso), mas apenas a autonomia e/ou o primado explicativo a elas atribuído (BHASKAR, 2012, p. 269).

O materialismo histórico foi uma denominação que Marx não utilizou. Ele usou outros termos, como “concepção materialista da história” (VIANA, 2007). A ideia que fundamenta esse materialismo é uma recusa do materialismo contemplativo e também do idealismo (VIANA, 2007). A historicidade está presente nessa concepção de materialismo. Marx, vê que são os homens reais no processo de produção da sua existência que impulsionam a transformação da sociedade. É no processo de produção e reprodução das condições materiais de existência que os homens produzem a história, a sociedade, a si mesmos. O materialismo histórico aponta para a percepção de que os homens são seres reais, de carne e osso, que precisam satisfazer suas necessidades (básicas) e fazem isso através do trabalho, da produção. Esse ato de produzir seus meios de existência, que ocorre via trabalho e cooperação (MARX; ENGELS, 2005), se torna uma necessidade e a determinação fundamental da história da sociedade.

Mesmo com toda a discussão filosófica sobre os pressupostos do materialismo, em linhas gerais esse materialismo afirma que tudo que existe é apenas matéria. E nada além e nada que pode transcender a isso. Marx compartilha dessa visão materialista da história e do homem, contudo o seu materialismo não reduz o homem a matéria.

Uma outra discussão a respeito da consciência é a referente ao problema da verdade. Para alguns, os céticos e relativistas, a verdade é impossível ou “subjetiva”. Para outros, os dogmáticos, a verdade é algo sólido e sem maiores problemas (HESSEN, 1978). Marx tem uma posição diferenciada. Ele nem acredita que só existam ilusões, que a verdade é inacessível, bem como discorda também de que o mundo é transparente, que a verdade é facilmente conquistada. Para ele, as representações que os indivíduos criam podem ser verdadeiras ou falsas e isso é algo explicado pela sociedade.

As representações que estes indivíduos elaboram são representações a respeito de sua relação com a natureza, ou sobre suas mútuas relações, ou a

respeito de sua própria natureza. É evidente que, em todos estes casos, estas representações são a expressão consciente – real ou ilusória – de suas verdadeiras relações e atividades, de sua produção, de seu intercâmbio, de sua organização política e social. A suposição oposta é apenas possível quando se pressupõe fora do espírito de indivíduos reais, materialmente condicionados, um outro espírito à parte. Se a expressão consciente das relações reais deste indivíduo é ilusória, se em suas representações põem a realidade de cabeça para baixo, isto é consequência de seu modo de atividade material limitado e das suas relações sociais limitadas que daí resultaram (MARX e ENGELS, 2005, p. 36).

As representações ilusórias são produtos sociais e históricos, assim como as verdadeiras e por isso é no processo histórico e social que poderemos entendê-las e saber de suas determinações e não em discursos sobre “ideias eternas”, “vontade divina”, “matéria”, ou quaisquer outras afirmações metafísicas.

Marx concebe, então, a produção da consciência de forma concreta e por isso ele, além dessa discussão mais geral e abstrata, analisa a consciência e sua relação com o desenvolvimento histórico. É nesse contexto que ele cita as diversas formas assumidas pela consciência: direito, moral, religião, etc. E é nesse mesmo contexto que ele observa a emergência da ideologia. A ideologia surge com a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. É nesse momento histórico que surgem aqueles que se dedicam ao trabalho intelectual, exclusivamente. Os especialistas no trabalho intelectual são denominados por Marx como “ideólogos”.

E quem são os ideólogos? O que é ideologia? Marx considera que os ideólogos são os especialistas no trabalho intelectual que produzem ideologias. O conceito de ideologia recebeu inúmeras definições e a concepção de Marx a esse respeito foi interpretada também de forma variada. A interpretação mais adequada é a que enfatiza que a ideologia tem um elemento de falsidade e outro de sistematicidade. Marx (MARX; ENGELS, 2005) coloca que a ideologia inverte a realidade, a colocando de cabeça para baixo, e diz que ela é produto dos especialistas no trabalho intelectual, que possuem tempo para sistematizar as ideias. Por isso, a ideologia pode ser considerada uma falsa consciência sistematizada ou sistema de pensamento ilusório (VIANA, 2007; VIANA, 2017).

Por outro lado, Marx observa a relação entre consciência e classes sociais, o que é importante, já que as formas de consciência são produtos históricos e que revelam o social, sendo assim as divisões sociais aparecem também no plano do pensamento. Para

entender isso, é preciso compreender o conceito marxista de classes sociais. Uma classe social se caracteriza por ser:

Um conjunto de indivíduos que possuem um mesmo modo de vida (condições de vida, modo de atividade, costumes, representações) que gera interesses comuns e oposição a outras classes. Este modo de vida é constituído por uma determinada posição na divisão social do trabalho, que por sua vez é determinada pelo conjunto das relações de produção sendo que o modo de produção dominante é determinante nessa configuração da divisão social do trabalho. Constituindo duas classes fundamentais, a classe dominante e a classe produtora. Coexistem modos de produção subordinados que constituem outras classes. Existem as classes improdutivas e as marginalizadas e, todas entram em luta pelos seus interesses e também se confrontam com a luta de classes entre as classes fundamentais (VIANA, 2012, p. 82).

Na sociedade capitalista, como outras sociedades divididas em classes sociais, existem duas classes fundamentais, a classe exploradora (detentora dos meios de produção) e a classe produtora (que produz os bens materiais necessários para a reprodução da sociedade). Também existem outras classes, subsidiárias das classes fundamentais. No capitalismo, esse é o caso da burocracia e de classes remanescentes de outros modos de produção que coexistem como o modo de produção dominante.

Recordando que, para Marx, a consciência é determinada socialmente e, cada classe elabora sua forma de consciência, então é preciso entender as distintas produções intelectuais de cada uma delas. Um ponto importante nessa relação é que a divisão entre duas classes fundamentais geradas no modo de produção dominante, produz uma classe exploradora que elabora ideias que legitimam a sua dominação e uma classe explorada que elabora ideias que contestam a dominação. Assim, é possível falar de “consciência de classe”. Apesar disso, Marx alerta que as ideias dominantes são as ideias da classe que domina. A consciência de classe dos explorados só se manifesta parcialmente e submetida às ideias dominantes, a não ser nos momentos históricos de ascensão das lutas dos trabalhadores.

1.2. Capitalismo e a Gênese das Ideias Socialistas

A compreensão da produção social da consciência é importante e nos ajuda a trazer elementos analíticos das obras de qualquer pensador. Essa discussão traz importante contribuição para analisar a obra de Fromm e tentar descobrir qual é sua concepção de socialismo, já que somos alertados que as ideias precisam, para ser

explicadas, da compreensão dos seus produtores, da época e do momento histórico, da situação de classe de quem elabora as ideias, entre diversos outros elementos. As ideias socialistas são uma forma específica de consciência que surge com a sociedade capitalista. Sendo assim, dedicaremos o presente tópico para analisar essa especificidade e trazer mais elementos analíticos que utilizaremos nos próximos capítulos.

O materialismo histórico, é uma teoria da história que afirma que o que entendemos como processo histórico é uma sucessão de modos de produção, que é o modo como os seres humanos produzem e reproduzem os meios de sobrevivência em determinada sociedade (VIANA, 2007). Em cada modo de produção temos as forças produtivas que contém os meios de produção e a força de trabalho que se desenvolvem nas relações sociais ou relações de produção estabelecidas pelos seres humanos no processo de produção (VIANA, 2007). Logo, cada modo de produção é composto pelas forças produtivas e pelas relações de produção. O desenvolvimento de um modo de produção leva a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção. Daí que temos a sucessão de modos de produção na história.

Segundo Marx:

A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. Em certo estágio de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, que é sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinha movido até então. De forma de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social. A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura. Ao considerar tais alterações é necessário sempre distinguir entre a alteração material – que se pode comprovar de maneira cientificamente rigorosa – das condições econômicas de produção, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência deste conflito, levando-o às suas últimas consequências. Assim como não se julga um indivíduo pela ideia que ele faz de si próprio, não se

poderá julgar uma tal época de transformação pela mesma consciência de si; é preciso, pelo contrário, explicar esta consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. Uma organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter; nunca relações de produção novas e superiores se lhe substituem antes que as condições materiais de existência destas relações se produzam no seio da velha sociedade. É por isso que a humanidade só levanta os problemas que é capaz de resolver e assim, numa observação atenta, descobrir-se-á que o próprio problema só surgiu quando as condições materiais de o resolver já existiam ou estavam, pelo menos, em vias de aparecer. Em um caráter amplo, os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno podem ser qualificados como épocas progressivas da formação econômica da sociedade. As relações de produção burguesa são a última forma contraditória do processo de produção social, contraditória não no sentido de uma contradição individual, mas de uma contradição que nasce das condições de existência social dos indivíduos. No entanto, as forças produtivas que se desenvolveram no seio da sociedade burguesa, criam ao mesmo tempo as condições materiais para resolver esta contradição. Com esta organização social termina, assim, a Pré-História da Humanidade (MARX, 2003, p. 24-25).

Esse trecho, considerado uma síntese do materialismo histórico, aponta para uma compreensão da mudança histórica e do papel da consciência nesse processo. É através da consciência que os homens tomam consciência dos conflitos e o efetivam. A questão das classes sociais é destacada em outros textos, mas a grande questão é que as forças produtivas e relações de produção, no capitalismo, apresentam o confronto das duas classes sociais fundamentais, a burguesia e o proletariado.

A formação da consciência, questão discutida no tópico anterior, é um processo social, não existindo separação entre o ser e a consciência. A consciência se forma a partir das relações sociais concretas. Na sociedade capitalista, o processo produtivo é caracterizado pela luta entre duas classes fundamentais: a burguesia e o proletariado. O capitalismo vai gerar outras classes sociais além dessas, além de sobreviver, no seu interior, por algum tempo, classes decorrentes de modos de produção anteriores. Outras classes existentes no capitalismo são a burocracia, a intelectualidade, o campesinato, o lumpemproletariado, entre outras.

O nosso objetivo aqui é explicar a gênese das ideias socialistas. Entenda-se por ideias socialistas todas as concepções que defenderam ou discutiram a concepção de uma nova sociedade, oposta ao capitalismo. A gênese das ideias socialistas emerge no interior da sociedade capitalista e por isso é preciso uma breve discussão sobre essa.

A sociedade capitalista tem como fundamento o modo de produção capitalista. O modo de produção capitalista significou, ao surgir dos escombros do feudalismo, a generalização da produção de mercadorias. Um erro muito comum é confundir capitalismo com comércio ou apenas produção de mercadorias. Houve produção de mercadorias antes do capitalismo. No capitalismo, com o seu desenvolvimento, a produção de mercadorias se generaliza na produção de bens materiais e por isso essa é sua aparência. Contudo, de acordo com a teoria elaborada por Marx (1985), a especificidade do capitalismo reside não apenas na produção de mercadorias ou sua generalização e sim na forma específica de produção de mercadorias instituída nessa sociedade.

As mercadorias são valores de uso e valores de troca. Elas são produzidas por serem valores de troca. O valor de troca é a motivação para a produção de mercadorias, pois isso permite o lucro. Eaton (1965) afirma que o segredo do lucro na sociedade capitalista não está na troca e circulação de mercadorias. Para ele, como para Marx, o lucro obtido pelo capitalista advém do mais-valor, mas o que vem a ser o mais-valor? Todo modo de produção tem como característica fundamental a forma como os homens organizam a produção. Na antiguidade, a forma dominante era a escravista, na qual o trabalhador é obrigado a trabalhar sem as mínimas condições de sobrevivência. No feudalismo, a forma de trabalho dominante é o servil, nesta modalidade o trabalhador é subordinado ao senhor feudal, o possuidor das terras e que este trabalhador estabelece uma relação de dependência e que destina grande parte do seu trabalho.

Na sociedade capitalista, temos uma situação em que o trabalhador é formalmente livre, ele não é escravo e nem é obrigado a se subordinar a um senhor feudal para trabalhar. O trabalhador na sociedade capitalista tem a possibilidade de escolher onde e como trabalhar. Isso em tese, pois esse trabalhador é desprovido dos meios de produção. Marx, nos seus primeiros trabalhos, observava como que os camponeses foram expulsos das terras e o Estado legitimava os títulos de propriedade, legitimando os cercamentos, o que possibilitou a formação de uma força de trabalho para a nascente indústria.

Esse trabalhador é livre, mas não dispõe dos meios de produção e por isso ele é obrigado a vender a sua força de trabalho para o capitalista. Ele vende sua força de trabalho em troca de um salário. O que o capitalista obtém desse processo é o mais-

valor. É nesse processo que ocorre a exploração do proletário. Se o proletário trabalha por 8 horas por dia, seu salário equivale a 2 ou 4 horas por dia. O capitalista extrai mais-valor após deduzir os gastos com capital fixo (meios de produção) e salários, obtendo um excedente, que, no caso do modo de produção capitalista, é o mais-valor.

Durante boa parte do século XIX, os trabalhadores eram expostos a jornadas de 16 horas por dia, com baixos salários, condições degradantes de trabalho. Isso motivou a organização dos trabalhadores que reivindicavam melhores condições de trabalho, uma jornada menor e também melhores salários. Uma vez conquistada alguns desses direitos, como redução da jornada de trabalho, os capitalistas buscaram através das técnicas da administração elevar a produtividade no interior de uma jornada menor de trabalho. Daí surge a administração científica que teve como expoente inicial Taylor que buscava formas de aumentar o rendimento do trabalhador. No século XX essas teorias foram aperfeiçoadas por Fayol e Ford e, durante o século XX, o que predominou foram jornadas menores e com trabalho mais intensivo.

O capital é visto geralmente como dinheiro que é usado como recursos que os capitalistas se utilizam a fim de impulsionar o processo produtivo. Também é visto como os meios de produção ou como ações que estão no mercado e que podem representar dinheiro.

O capital, portanto, não é apenas uma soma em dinheiro, ou de instrumentos de produção, ou de ações ou títulos. É tudo isso, mas sob condições históricas e sociais muito definidas, segundo as quais os meios de produção são de propriedade de um pequeno grupo – os capitalistas – em oposição aos quais estão os trabalhadores sem propriedades, obrigados, pela necessidade econômica e social, porque não tem meios de trabalhar para si mesmos, a vender a sua capacidade aos capitalistas e com isso produzir o mais-valor. O capital, portanto, toma a forma material dos meios de produção, etc., mas não é capital em virtude de suas propriedades materiais, e sim em virtude da relação social entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores (EATON, 1965, p.92-93).

Desta forma os capitalistas estão em competição entre si e, buscam constantemente aumentar a sua produção e seus lucros. Porém essa competição infinita faz com que a produção não pare de crescer, o que torna a produção anárquica. O que acaba por gerar as constantes crises que a sociedade capitalista passa, segundo Eaton:

A inevitabilidade da crise capitalista vem da contradição entre o caráter social da produção e a apropriação privada dos valores produzidos pelos capitalistas que os utilizam exclusivamente com a finalidade de obter mais lucro. A sede de lucro faz que cada capitalista, de um lado, amplie seus limites seus recursos produtivos e, de outro, limita cada vez mais a parcela

do produto destinada ao trabalhador. O mesmo motivo- o lucro- estimula essas tendências mutuamente contraditórias. “A causa final de todas as crises reais”, escreve Marx no trecho parcialmente citado acima, “sempre continua sendo a pobreza e o consumo restrito das massas, em comparação com a tendência da produção capitalista de desenvolver as forças produtivas como se apenas o poder absoluto do consumo de toda a sociedade fosse seu limite (O CAPITAL, Vol. III) (1965, p.176).

Esses e outros aspectos do modo de produção capitalista, que não poderão ser desenvolvidos aqui, mostra uma relação de classe fundada na exploração e que gera processos de conflitos e lutas, não só no modo de produção, mas também no resto da sociedade. O Estado é chamado para amortecer os conflitos, reprimir os trabalhadores, entre outras ações. O processo de exploração no modo de produção capitalista é acompanhado por outras formas de exploração, dominação e repressão. Nesse contexto, a história do capitalismo é marcada pela luta de classes.

A luta operária e a insatisfação de grande parte da população gerou a formação de um conjunto de ideias que faziam a crítica do capitalismo e propunham mudanças no mesmo ou a transformação social. Alguns operários tentaram desenvolver ideias nesse sentido, bem como indivíduos de outras classes sociais preocupados com a vida miserável dos trabalhadores na época da revolução industrial, e, em menor número, em períodos posteriores. A gênese das ideias socialistas é explicada pelo processo de exploração e dominação capitalista e pela resistência e luta do proletariado e seu impacto no resto da sociedade.

1.2.1. O Movimento Operário e as ideias socialistas

As ideias, incluindo as socialistas, são originadas das condições sociais reais em cada época e sociedade. A resistência e luta do proletariado, que citamos no final do item anterior, ao lado do processo de exploração e dominação, criam uma situação na qual os trabalhadores começam a gestar ideias críticas, propostas de mudanças, e alguns setores das demais classes, especialmente os intelectuais, vão produzir um conjunto de ideias que tematizam essas questões e oferecem soluções alternativas.

Assim, nada mais natural que surja o que Marx denominou “sistemas utópicos”, ou seja, utopias derivadas da situação (exploração/dominação e resistência/luta, ou, simplesmente, luta de classes). A utopia é uma consequência natural dessa situação e

numa sociedade que teve que desenvolver a escrita de forma nunca vista antes, bem como meios de comunicação, organizações, entre outros processos. É por isso que é importante tratar da utopia e das primeiras manifestações de ideias socialistas.

O termo utopia assume um significado pejorativo nas representações cotidianas (“senso comum”) e em certas ideologias. Geralmente a utopia é associada a algo irrealizável. A palavra significa literalmente “não lugar”. Ela é compreendida, geralmente, como algo que reside apenas no pensamento, tal como a ilha utópica de Thomas More, na qual os homens vivem em harmonia. Os sonhos de uma vida melhor para todos os homens e de uma sociedade justa são ideais que moveram e movem milhares de homens. Porém, quando pensamos em sociedades classistas como a capitalista, a transformação passa necessariamente pela abolição da luta de classes, a abolição da exploração de uma classe sobre a outra. Marx apontou isso quando se referiu aos socialistas crítico-utópicos, que segundo ele surgem em um período em que a luta de classes está pouco desenvolvida.

Mas a forma pouco desenvolvida da luta de classes, assim como sua própria situação de vida, tem por consequência se julgarem muito acima daquele antagonismo das classes. Querem melhorar a situação de vida de todos os membros da sociedade, mesmo a dos mais bem situados. Por isso apelam continuamente ao conjunto da sociedade, sem distinção- de preferência, inclusive, à classe dominante. Basta compreender o seu sistema para reconhecê-lo como o melhor plano possível da melhor sociedade possível (MARX, 2011, p.98).

Os socialistas utópicos foram muito influenciados pelas filosofias humanistas que surgiram com o renascimento acreditavam que os homens livres do pensamento religioso poderiam construir uma sociedade justa. O socialismo utópico, com sua variedade de pensadores e pensamentos, foi a primeira manifestação das ideias socialistas.

Marx, nasceu no século XIX, um período no qual o desenvolvimento do capitalismo, longe de promover a melhoria da sociedade, promovia o enriquecimento da burguesia e o empobrecimento do proletariado. Diante dessa realidade e, com base em seus estudos sobre a sociedade capitalista, da condição de exploração da classe operária, da condição de miséria a que estavam sujeitas, apenas uma revolução proletária poderia extinguir tal situação.

Os socialistas crítico-utópicos³ também percebiam essa condição de exploração a que a classe operária estava submetida. O problema, identificado por Marx, são as alternativas que buscam para superar tal situação, uma vez que querem a constituição de cooperativas, financiadas pelo Estado para se contrapor ao capital privado. Esse tipo de proposta, melhora a vida de uma pequena quantidade de trabalhadores e não afeta o funcionamento do capitalismo. Segundo Marx:

O significado do socialismo e do comunismo crítico-utópicos está na razão inversa do seu desenvolvimento histórico. Na mesma medida em que a luta de classes se desenvolve e se configura, essa elevação fantástica sobre tal luta, esse combate fantástico movido contra esta, perde todo valor prático, toda justificativa teórica. Se, portanto, os artífices também foram revolucionários em muitos aspectos, os seus discípulos constituem, a cada vez, seitas reacionárias (MARX, 2011, p.99-100)

Apesar das boas intenções, falta ao socialismo utópico uma melhor compreensão do funcionamento do capitalismo e a partir disto conseguir avançar em uma proposta de luta contra este. O socialismo utópico é produto da situação de vida do proletariado no capitalismo nascente e de sua luta incipiente. Porém, os socialistas utópicos eram filantropos e pessoas das classes abastadas, como o capitalista Robert Owen, e não se fundamentavam no incipiente movimento operário, mas sim em suas ideias e planos mirabolantes. É o que se vê nos falanstérios de Charles Fourier ou na ideia de cooperativa de Owen (inclusive sua tentativa fracassada nos Estados Unidos).

O desenvolvimento do movimento operário gerou novas concepções, algumas como resquícios de utopismo, outras que se autodeclaravam científicas. A ascensão das lutas operárias, a partir da década de 1840 até 1871, marcam a emergência do marxismo e do anarquismo. Marx destacou que em 1848 (MARX, 2011; MARX, 2012), durante o processo revolucionário desse ano, o proletariado apareceu na arena política pela primeira vez de forma autônoma e independente. As lutas de classes foram fortes nesse período e em 1871 houve a derrota do movimento operário, não se antes assustar a burguesia e tentar a primeira revolução proletária da história, a Comuna de Paris.

³ O foco aqui é o socialismo utópico do século 19, por ser a primeira manifestação mais desenvolvida de ideias socialistas. Já no estágio final deste, emergem um conjunto de outras concepções autodenominadas “socialistas”, tal como o “socialismo verdadeiro”, e outras, como o “socialismo feudal” (nome atribuído por Marx) e que receberam duras críticas no *Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, ANO). O objetivo aqui é tratar da relação do movimento operário e o socialismo, e o socialismo utópico fazia um discurso para o proletariado, e por isso as outras formas de socialismo criticadas por Marx não serão trabalhadas aqui.

O anarquismo possuía um vínculo ambíguo com o movimento operário. Por um lado, alguns anarquistas saíam de sua vida como príncipes (Bakunin, Kropotkin) e aderiam ao anarquismo, mas sem maior vínculo direto com as lutas especificamente operárias (Bakunin defendeu, em algumas oportunidades, os “marginais” ou o “lumpemproletariado” como aquele que seriam os agentes da transformação, ao invés do proletariado, para citar um exemplo). Num período posteriormente, o anarco-comunismo e o anarcossindicalismo apresentavam maior proximidade com as lutas operárias, mas o primeiro perdeu fôlego e se dissipou após a década de 1910 e o segundo desapareceu (ou vegeta marginalmente com pouca expressão e poucos militantes) após a intensificação da burocratização dos sindicatos nos países mais atrasados (Brasil, por exemplo, que após 1917 viu o anarquismo – tanto o comunista quanto o sindicalista – desaparecer).

O marxismo emerge nesse momento de ascensão do movimento operário e esse é um dos elementos que explica seu caráter revolucionário (KORSCH, 1977). Nesse sentido, há um encontro entre uma maior radicalidade política, oriunda da ascensão do movimento operário, com uma base teórica desenvolvida, que se expressa na formação intelectual de Marx (Hegel, filosofia alemã, economia política, socialismo utópico), o que lhe permite sua criticidade revolucionária. Com Marx, o movimento operário encontrou, finalmente, sua expressão teórica revolucionária (KORSCH, 1977).

Após isso, a hegemonia passou a ser da socialdemocracia e bolchevismo, que se declaram marxistas, mas são contestados em tal caráter por várias tendências. As demais correntes políticas do socialismo são, geralmente, derivados e atualizações das mais antigas (socialismo utópico, marxismo, anarquismo) ou dessas duas tendências. A socialdemocracia nasce no interior dos partidos políticos formados, com sua estrutura burocrática, mas possuem certa influência nos meios operários, tanto por fazer discurso (pelo menos por um certo tempo) para os trabalhadores, como ter alguns no seu interior. Robert Michels (1981) colocou que os operários e camponeses no interior dos partidos socialdemocratas acabam tendo uma “metamorfose psicológica” e aderindo aos ditames do partido e tendência moderada politicamente.

O bolchevismo emerge a partir da socialdemocracia e assim acaba reproduzindo os mesmos elementos, embora se proponha ser “revolucionário” e um “partido de

quadros” ao invés de um “partido de massas⁴”. A sua relação com o movimento operário, no entanto, é um pouco diferenciada, pois ao se julgar “vanguarda” do proletariado e tendo um papel dirigente, acaba sofrendo do mau do autoritarismo, denunciado por Rosa Luxemburgo (1991).

As ideias socialistas produzidas por todas essas concepções refletem um conjunto de determinações e uma delas é o vínculo com o movimento operário. Poucos operários conseguem um espaço dentro dos partidos, geralmente comandados por burocratas ou intelectuais. Assim, com algumas exceções históricas, os operários pouco produziram em matéria de ideias socialistas⁵. Os grandes responsáveis pelo pensamento socialista foram, no fundo, em sua grande maioria, intelectuais (como Marx e Engels, por exemplo) ou burocratas (Lênin e Stálin, por exemplo). Por isso torna-se importante discutir a relação entre ideias socialistas e intelectuais.

1.2.2. Socialismo e Intelectuais

Se poucos operários produziram ideias socialistas e, menos ainda, uma discussão sobre a sociedade socialista, então quem produz concepções de socialismo? Num primeiro momento podemos dizer que indivíduos de todas as classes podem produzir ideias a respeito de uma suposta “nova” sociedade e dar-lhe o nome de socialismo. E isso ocorreu efetivamente. Se o operário Proudhon gerou a ideia do socialismo mutualista ou federalista, o capitalista Robert Owen produziu a ideia de uma sociedade cooperativa, bem como o intelectual, professor de filosofia, Eugene Dühring, produziu um sistema filosófico que continha uma ideia de organização social chamada de “socialismo” e os exemplos poderiam se multiplicar, atingindo indivíduos de outras classes sociais.

⁴ Rosenberg (1986), Tragtenberg (2006) colocam que num primeiro momento a revolução russa era contra o Czarismo que era uma monarquia absolutista. Com as condições atrasadas que estava a Rússia, para os bolcheviques, era necessário desenvolver o capitalismo no país para posteriormente implementar o comunismo. Tragtenberg que é mais crítico coloca que a revolução russa foi contra o Czarismo e que o bolchevismo criou um capitalismo de Estado.

⁵ E alguns destes, pelo menos os mais renomados, são questionados se são realmente proletários e alguns passaram do proletariado para outra classe social. Os exemplos geralmente citados são Proudhon, Weitling, Dietzgen, entre outros, sendo que alguns tiveram uma produção mais significativa em quantidade e qualidade, outros bem menos.

O que distinguiria uma ou outra concepção de socialismo nesse sentido mais genérico? A distinção ocorreria entre maior ou menor embasamento, maior ou menor complexidade do projeto de socialismo, maior ou menor utopismo (e quanto mais descrições detalhadas, mais utopista é a ideia). Assim, podemos dizer que o maior embasamento e complexidade é comum nas concepções originadas pelos intelectuais. Depois de operários, a classe social que mais gerou idealizadores de socialismo foi a intelectual. Por fim, os grandes projetos de socialismo que tiveram maior força e persistência históricas, foram produzidos por intelectuais. Assim, é possível recordar Lassalle, Marx, Engels, Düring, Bernstein, Pannekoek, entre inúmeros outros, que desenvolveram projetos de socialismo.

Isso nos leva a considerar que os intelectuais são os principais produtores de projetos de socialismo, e, secundariamente, teríamos operários, burocratas e outros. Por isso é importante fazer uma análise dos intelectuais e seu papel na sociedade moderna. No entanto, a classe intelectual não é homogênea (VIANA, 2012), pois, como todas as classes, é subdivida em frações, entre outras divisões. No interior da intelectualidade, a fração que mais se dedicou a produzir ideias socialistas foram os cientistas e filósofos. Marx tinha formação filosófica, Pannekoek era astrônomo, para citar apenas dois exemplos. Artistas que produziram concepção de socialismo, bem como outras frações da intelectualidade, foram pouquíssimos.

Esses aspectos trazem a necessidade de estudar e analisar a classe intelectual. Inicialmente defendemos que a intelectualidade é uma classe social, porque tem interesses próprios, tanto imediatos, como históricos. De imediato podemos dizer que a intelectualidade tem como objetivo manter e ampliar seu espaço na sociedade capitalista. Este espaço diz respeito ao rendimento que obtêm do seu trabalho e, do prestígio que detém perante as demais classes, visto que seu discurso, no caso dos cientistas⁶, é embasado pelo saber científico, um saber que tem legitimidade na sociedade capitalista.

Se o burocrata executa tarefas de gerência, úteis para a burguesia, o intelectual, se dedica a elaborar ideias. Essas ideias podem ser artísticas, científicas, religiosas, etc. O importante é que a burguesia se dedica a extração do mais-valor, e cabe ao intelectual

⁶ A autolegitimação e autoavaliação de outras frações da intelectualidade ocorrem sob outras vias, mas o foco aqui são os cientistas devido sua relação com a elaboração de projetos de socialismo.

a serviço da burguesia elaborar os discursos que justificam e legitimam a sociedade capitalista. Assim como outras classes que não produzem mais-valor, a intelectualidade tem os rendimentos extraídos da renda nacional, segundo Makhaïsky:

O intelectual, enquanto isso, emprega no mercado os conhecimentos que adquiriu graças ao trabalho dos operários, assim como deles adquiriu o capitalista na fábrica; pois, enquanto ele estudava na universidade ou viajava para praticar no exterior, os operários debatiam-se na fábrica, produzindo para aquele ensino e formação em favor da humanidade. O intelectual vende aos capitalistas sua habilidade para extrair o melhor possível o suor e o sangue dos operários. Ele vende o diploma que adquiriu graças a essa exploração (1981, p. 110)

Pelos rendimentos podemos afirmar que a intelectualidade assume uma posição conservadora em relação à sociedade capitalista. Segundo Viana (2012), a intelectualidade, enquanto classe auxiliar da burguesia deve produzir ideologias e outros produtos culturais que sirvam a manutenção da sociedade capitalista. A intelectualidade, assim como a burocracia, não produz mais-valor, tal como faz um proletário. Porém, o intelectual além do *status* superior que goza na sociedade, vive para se dedicar ao trabalho intelectual e tem um rendimento mais elevado do que a classe operária. Um intelectual, enquanto indivíduo, pode produzir ideologias que legitimam essa sociedade ou pode assumir uma perspectiva crítica, porém sem apontar para a superação dessa sociedade; ou, ainda, assumir uma perspectiva revolucionária, deixando de expressar a perspectiva da burguesia.

Podemos dizer que a intelectualidade enquanto classe social, tem como objetivo imediato a ampliação do seu campo, bem como manter o prestígio que detém como produtora de cultura. Os intelectuais assumem várias posições diante da cultura, sociedade, questões específicas. Segundo Viana (2012), a intelectualidade é uma classe que surge na sociedade capitalista e que se caracteriza por possuir, na divisão social do trabalho, a função de produzir cultura (ciência, arte, etc.). Como classe auxiliar da burguesia, a sua produção cultural acaba sendo voltada para a reprodução dessa sociedade, gerando processos culturais de legitimação, justificação e reforço desta. No caso dos cientistas e filósofos, geralmente produzem ideologias. Porém, é preciso distinguir entre indivíduo e classe, pois a classe intelectual tem uma função de reprodução da cultura adequada à reprodução da sociedade moderna, mas os intelectuais enquanto indivíduos, concretos e reais, nem sempre fazem isso, o que complexifica a questão.

Segundo Hobsbawm (2013), os intelectuais são um grupo social e somente são revolucionários quando individualmente decidem sê-lo. Esta frase revela como um intelectual se vê e como socialmente é visto. A questão é que, como classe auxiliar da burguesia, a intelectualidade tem como interesse imediato, manter a sua posição na sociedade, seu prestígio e seus rendimentos. Em momentos de crise aguda do capitalismo, como no maio de 1968 na França, muitos intelectuais assumiram uma posição revolucionária, também se tornam mais críticos quando passam por um processo de proletarianização.

É bem difundido a ideia de que a intelectualidade não é uma classe social, mas um grupo social, que é definido como:

Um grupo social pode ser definido como um agregado de indivíduos no qual: I) existem relações definidas entre os indivíduos que o compreendem; II) cada indivíduo tem consciência de próprio grupo e símbolos. Em outras palavras, um grupo social tem pelo menos uma estrutura e organização rudimentares (inclusive regras, rituais, etc.) e uma base psicológica na consciência de seus membros (BOTTOMORE, 1970, p.88).

Para Hobsbawm (2013), como outros autores, o intelectual detém o conhecimento científico que pode conduzir o proletariado ao processo revolucionário, como também vende seus serviços para a burguesia e conseqüentemente para a manutenção da sociedade capitalista. O que Hobsbawm não deixa claro é que existem intelectuais conservadores e intelectuais revolucionários, sendo que os primeiros, são sim defensores da burguesia mesmo quando não a defendem abertamente. Os intelectuais que defendem a burguesia buscam elaborar um discurso de legitimação da sociedade capitalista e apresentam a possibilidade de transformação dessa como algo improvável.

É também improvável que os trabalhadores façam uma revolução vitoriosa sem contar com os intelectuais, e menos ainda contra eles. Podem recair em um movimento estreito e limitado dos que trabalham com suas mãos, militante e poderoso dentro dos limites do economicismo, mas incapaz de ir muito além dos limites de um ativismo de base. Ou podem alcançar o que parece ser o ponto mais alto dos movimentos proletários espontâneos: uma espécie de sindicalismo que certamente contempla e busca construir uma nova sociedade, mas é incapaz de conseguir seus objetivos. Não importa muito que a impotência isolada dos operários e de outras massas de trabalhadores pobres seja de um gênero distinto daquela dos intelectuais, já que as massas trabalhadoras por si mesmas são capazes de derrubar uma ordem social, enquanto que os intelectuais por si mesmos não o são. Se se trata de edificar uma sociedade humana digna desse nome, ambos são reciprocamente necessários (HOBBSAWM, 2013, p. 265).

O que o autor acima afirma é a necessidade de que o proletariado esteja junto com os intelectuais. Contudo, o mesmo autor afirma que o intelectual só se torna revolucionário quando se encontra em um processo de proletarização. Fromm, especificamente nos primeiros trabalhos ainda na Escola de Frankfurt (1968) que contribui com essa discussão através de sua distinção entre caráter rebelde e caráter revolucionário. O caráter rebelde luta contra a sociedade por uma condição de exclusão dessa, e, uma vez atendidas as suas demandas, ele deixa de criticar. Já o revolucionário, critica a sociedade não por causa de sua posição pessoal, mas porque enxerga as injustiças e existe um desejo real de que exista condições de vida melhores para todos os indivíduos.

A intelectualidade, classe auxiliar da burguesia, pode se tornar uma classe revolucionária? Por não estar inserida nas relações de exploração, a intelectualidade detém privilégio se comparada com a classe trabalhadora. A teoria marxista afirma que a revolução é uma tarefa da classe operária. Nos escritos de Marx, tal como no *Manifesto Comunista* (2011), temos a ideia de que a classe operária deve tomar o poder político e instaurar uma ditadura do proletariado. Posteriormente, com a experiência da Comuna de Paris, quando a classe operária gerou uma primeira experiência socialista, Marx apontou que foi finalmente encontrada a forma de emancipação política do proletariado para destruir o Estado e o capitalismo. Assim, a conclusão óbvia é a de que a intelectualidade não pode ser uma classe revolucionária, pois este papel cabe, como já dizia Marx, ao proletariado. Marx deixou claro, no *Manifesto Comunista*, que indivíduos, até da burguesia, poderiam se aliar ao proletariado, mas não a classe burguesa ou outras classes.

A posição de classe dos intelectuais burgueses se torna clara quando desqualificam ou colocam no esquecimento as produções que expressam a consciência do proletário revolucionário. Obviamente que isso não é realizado de forma desinteressada, uma vez que o desprezo ou a defesa deste ou daquele ponto de vista pressupõe uma posição de classe. Inclusive, criam argumentos para justificar e garantir a sua predominância do campo da produção intelectual, como por exemplo, que determinadas ideias estão ultrapassadas, que determinado autor não explica mais o mundo atual, ou que determinado assunto ou ideia é retrógrada, entre os milhares de outros adjetivos e termos pejorativos, que expressam o objetivo da intelectualidade em tornar suas ideias predominantes (MARQUES, 2014, p.33)

Sendo assim, qual é a relação dos intelectuais com o socialismo? Se recordarmos que anteriormente colocamos que são os intelectuais os principais

responsáveis pelas ideias socialistas, então como explicar isso? A explicação disso remete para a seguinte questão: os intelectuais, por serem, na divisão social do trabalho do capitalismo, os responsáveis pela produção intelectual, então também são, quantitativamente, os principais produtores de ideias socialistas. Obviamente, que isso é realizado geralmente pelos estratos inferiores da intelectualidade (VIANA, 2008), devido a “rebeldia” de uns, vínculo mais próximo com o proletariado de outros, etc. Geralmente as ideias socialistas geradas pela intelectualidade são abstratas, deslocadas da realidade e isso desde os socialistas utópicos e os adeptos do “socialismo verdadeiro”, entre diversos outros. Assim, o bolchevismo e a socialdemocracia, como já coloca Makhaïsky, por sua condição de classe, dizem e/ou pensam estar tratando de socialismo, mas, no fundo, revelam seu caráter de classe e seus limites, nunca questionando a divisão social do trabalho e, portanto, sua própria existência de classe.

Mas uma minoria dos intelectuais, a começar por Marx e o próprio Makhaïsky, produzem ideias socialistas no sentido revolucionário da palavra. Assim, o importante é discutir a emergência de intelectuais revolucionários ou, pelo menos, intelectuais radicais. Existem, no entanto, diversas produções de intelectuais que supostamente tratam do socialismo. A lista seria longa: Fourier, Saint-Simon, Owen, Proudhon, Marx, Engels, Bakunin, Kropotkin, Lênin, Trotsky, Mattick, etc.

Assim, nos encontramos diante de uma situação na qual o proletariado, que é quem tem mais interesses em produzir ideias socialistas, tem dificuldades e produz pouco, e os intelectuais, que não possuem esse interesse a partir da classe à qual pertencem, possuem facilidades (pelo seu trabalho ligado a produção de ideias) e produz muito (comparativamente falando). Isso é normal e a questão é quais são as concepções de socialismo produzidas pelos intelectuais? Aí temos uma grande quantidade e que vão desde as ideias mais mirabolantes até as mais pragmáticas e pouco “socialistas”. É por isso que há uma discussão adicional no pensamento de Marx que nos ajuda a pensar isso: a relação entre os representantes intelectuais de uma classe social e a classe que representam⁷. Segundo Marx, cada classe social gera os seus representantes intelectuais e estes, uma vez existindo, produzem ideias que

⁷ A ideia de “representantes intelectuais” das classes sociais aparece em algumas obras de Marx (VIANA, 2008 – O QUE É MARXISMO) e reaparece em Korsch e Lukács (VIANA, 2008).

correspondem aos seus interesses. Os representantes intelectuais de uma classe seriam como que a “superestrutura” intelectual da classe.

E o que definiria se um intelectual representa uma ou outra classe? O seu discurso? A sua auto definição? Sem dúvida, isso não seria condizente com o materialismo histórico. Não se trata das ilusões, discursos ou autoconsciência dos intelectuais. Marx explicita que a identificação de qual classe um intelectual representa é realizada através de quais problemas e soluções ele apresenta e a qual classe social corresponde (VIANA, 2008). Nesse sentido, os intelectuais que representam o proletariado são aqueles que apresentam os problemas e soluções que interessam para esta classe e não seu discurso, autoimagem ou qualquer outra coisa. Os representantes intelectuais do proletariado são aqueles apresentam os problemas e soluções que correspondem aos interesses dessa classe social. Para que isso ganhe concentricidade no caso dos intelectuais revolucionários, é preciso entender as diversas concepções de socialismo, pois, supostamente, todas elas seriam correspondentes aos interesses do proletariado.

1.3. Concepções de Socialismo

As ideias socialistas não são uma novidade na história. Contudo, elas surgem na sociedade capitalista, na qual a existência humana se fundamenta na exploração do homem pelo homem. Ao mesmo tempo que desenvolveu as forças produtivas, desenvolveu a ciência que criou as condições para o desenvolvimento intelectual, os meios de comunicação e transporte, a imprensa. Também decorrente do processo produtivo, da apropriação do produto do trabalho, acabou por criar uma classe revolucionária que pode gerar uma nova sociedade. O proletariado é a classe que não possui os meios de produção e, para sobreviver necessita vender sua força de trabalho para os capitalistas. Ao longo da história da sociedade capitalista assistimos a luta entre as classes fundamentais dessa sociedade, o proletariado e o burguês. Dessa luta vemos surgir os ideólogos da burguesia que buscam manter essa sociedade e, os intelectuais ligados aos interesses dos trabalhadores e, os próprios trabalhadores que lutam contra a exploração da sociedade capitalista, surgindo assim, as ideias socialistas em suas mais variadas formas.

Durante a revolução industrial, com suas longas jornadas de trabalho, condições de vida precárias, problemas habitacionais, entre outros, começa a emergir o movimento operário. Ao lado disso, as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, propaladas pela Revolução Francesa, não se estendeu para a classe operária. O movimento operário, inicialmente luta contra essas condições de vida e, posteriormente, passa a lutar pela transformação da sociedade. A situação do proletariado, o alto grau de exploração, o desenvolvimento geral da sociedade, criaram as condições para a formação do projeto socialista. Mesmo quando a sociedade capitalista dispensa as longas jornadas de trabalho e outros processos, democratiza a dominação, permite maior renda e acesso aos bens produzidos trabalhadores, o socialismo continua existindo. Desde o chamado “socialismo utópico”, passando por outras concepções, como o marxismo, anarquismo e as variações dentro deste, até as formas que se afastam da concepção autenticamente marxista, como a socialdemocracia e o bolchevismo, temos uma enorme quantidade de projetos de socialismo.

Marx no *Manifesto Comunista*(2011) criticava as concepções de socialismo que, segundo ele, defendiam seus interesses usando o nome do socialismo. Como o socialismo feudal, no qual os remanescentes do feudalismo que iam perdendo seu status e poder na sociedade capitalista se opunham a essa com o objetivo de voltar a roda da história. Ou o socialismo pequeno-burguês no qual essa classe, temendo ser destruída pelos grandes capitalistas e oscila entre o proletariado e a burguesia, se alia ao primeiro acreditando manter seus interesses.

Na contemporaneidade, Viana (2008) também identificou vertentes que derivados do processo de desenvolvimento do capitalismo, que possuem interesses próprios derivados de sua posição social e geralmente falam em nome do proletariado. Assim, outras classes sociais começam a dizer que representam o proletariado e geram concepções de socialismo que, no entanto, não tem mais nada a ver com o pensamento de Marx e com o proletariado. Para esse autor, hoje existem tendências pseudomarxistas na academia, no qual muitos intelectuais defendem o marxismo como “ciência” e o juntam com outras concepções do pensamento burguês, domesticando e o transformando em algo que nada mais tem de revolucionário. Esse pseudomarxismo acadêmico geralmente não têm pretensões políticas, mas se aproxima dos partidos de

esquerda e das organizações sindicais. Os partidos e os sindicatos ao longo do tempo foram sendo incorporados à democracia burguesa e, para tal abandonaram suas perspectivas revolucionárias em prol de defender, quando muito, o reformismo. Dizemos “quando muito” porque essas instituições se corromperam e embora tenham o objetivo declarado de defender os trabalhadores, na prática defendem os seus próprios interesses, o que é coincidente com os interesses da classe capitalista.

Nesse sentido, é interessante analisar as principais concepções de socialismo produzidas por diversas correntes, pois essa compreensão ajudará na análise da concepção de socialismo de Erich Fromm. A razão de escolher analisar apenas as principais remete ao fato da diversidade e quantidade de teses supostamente socialistas. Assim, definimos que vamos sintetizar as seguintes concepções: a) socialismo utópico; b) anarquismo; c) socialdemocracia; d) bolchevismo.

1.3.1. O Socialismo Utópico

O socialismo utópico, surgido no fim do século XVIII e início do século XIX, criticava as condições dos trabalhadores no período. Na época as condições dos trabalhadores nas fábricas eram muitos ruins, influenciados por isso, os primeiros socialistas buscam uma melhor condição para o trabalhador o que incluía destruir as fábricas, sem, contudo associar o desenvolvimento fabril ao desenvolvimento da sociedade capitalista.

A oposição entre a ciência e utopia está carregada dessa pretensão cientificista do século XIX. Somente o método marxista, o materialismo dialético e histórico, pode pretender ser verdadeiramente científico. Qualquer outro método, ou ausência de método – o dos Fourier, Leroux, Cabet, Owen e Louis Blanc –, é utópico, ou seja: ingênuo, pueril, irrealista, idealista, moralista, metafísico, até mesmo religioso; e, tal como a religião, a utopia adormece o povo e amacia a sua consciência de classe (CHATELET, 2005, p. 140-141)⁸.

Seus principais expoentes produziram um pensamento utópico que buscava construir a cidade ideal na qual os homens viveriam em harmonia. Nesse ponto reside a questão principal do socialismo utópico. Ele não possuía uma teoria explicativa da sociedade capitalista e por isso buscaram reformas que não apontavam para a superação

⁸ O autor aqui exagera a crítica de Marx aos socialistas utópicos, inclusive por não diferenciá-los, sendo que Marx fazia uma diferenciação entre eles.

dessa forma de sociedade. Por isso, a maioria construiu projetos de mudanças parciais que coexistiriam com o capitalismo. A criação de cooperativas e a realização de reformas no Estado é algo proposta por alguns deles e que não significa a destruição do modo de produção capitalista.

Fourier propunha a organização de comunidades compostas, cada uma, de dez mil pessoas a que chamava falanstérios. Nestas comunidades a distribuição dos encargos seria feita segundo o que chama a atração passional, porquanto Fourier acreditava que a natureza distribuiu aos indivíduos as vocações de tal maneira que ficam em perfeita harmonia com as necessidades que a humanidade pode ter em relação a tal ou qual espécie de trabalho (MOSCA, 1968, p. 228).

Acima temos a proposta utópica de Fourier, com sua ideia de falanstérios, uma produção de sua cabeça e não de fontes reais, tendências, forças sociais. Outro autor utópico muito citado é Proudhon, que se destacou por uma de suas primeiras obras, de crítica da propriedade:

A obra que lhe deu notoriedade foi sua memória sobre a propriedade, publicada em 1840 e na qual vê-se claramente que o autor tinha querido espantar as classes possuidoras pela violência de sua linguagem. Proudhon toma uma frase que havia sido escrito há sessenta anos por Brissot de Warville: A propriedade é um roubo. Mas, no fundo, Proudhon não admitia o comunismo e se limitava a substituir a propriedade privada por uma espécie de posse temporária. Além do mais, julgava ele que as reformas econômicas deveriam preceder as reformas políticas (MOSCA, 1968, p. 242).

Os socialistas utópicos percebiam a exploração sobre a classe operária:

Em 1840 Louis Blanc publicou seu famoso livro sobre a organização do trabalho, no qual expõe seu programa de reformas sociais e políticas. O livro começa com um quadro muito sombrio da condição a que havia sido reduzido o proletariado, cuja miséria era tal que se encontrava ele na alternativa de tornar-se criminoso ou de se acabar. Este estado de coisas era imputável a duas instituições: a apropriação privada dos capitais e a concorrência (MOSCA, 1968, p.238)

O que ele percebe é a exploração e situação miserável do proletariado, mas sem maior compreensão do que significa esse processo de exploração. Louis Blanc como outros socialistas utópicos não compreendiam a essência do capitalismo, e acreditava que certas alternativas, como, por exemplo, utilizar o Estado para esse fim, seria uma solução. Assim, os socialistas utópicos apresentavam críticas violentas, como o livro de Proudhon, *A Propriedade é um Roubo* (2014), mas quando se tratava de construir algo novo, suas propostas eram confusas.

A concepção de socialismo dos utópicos era muito ingênua, muitas vezes excessivamente detalhada, muitas vezes apenas reformas no capitalismo. A crítica maior de Marx aos socialistas utópicos eram ao caminho que eles apresentavam: justiça, reformas, educação, razão, etc. Isso era explicado, por Marx, pelo desenvolvimento incipiente do movimento operário e suas lutas, o que permitia aos socialistas utópicos substituir a luta real por planos ideais de suas cabeças, muitas vezes totalmente descoladas da realidade.

1.3.2. Anarquismo

O anarquismo é, de certa forma, herdeiro do socialismo utópico. O anarquismo como corrente de pensamento procura manter um espírito revolucionário. Ele, tal como o socialismo utópico, tem várias tendências, umas mais radicais, outras nem tanto. Diante dessa constatação poderíamos descartar a discussão sobre o anarquismo, mas como corrente socialista, o anarquismo tem sua importância e exerce uma influência muito grande principalmente entre os jovens, uma vez que seu ativismo se mostra como uma opção de luta. Os anarquistas lutam contra a autoridade do Estado, o domínio espiritual exercido pela Igreja. Estes se tornaram os alvos principais dos anarquistas, uma vez que, para eles, representariam a dominação de classe exercida na sociedade.

O movimento anarquista do século XIX se inscreve numa tradição muito antiga, marcada ao mesmo tempo pela reivindicação da independência do indivíduo que recusa a ordem sócio-política imposta – da qual os cínicos da antiguidade são os representantes mais audaciosos –, e pela afirmação de que os grupos humanos são capazes de se organizar de modo autônomo, segundo seus desejos e suas vontades, fora ou à margem da autoridade política- posições muitas vezes adotadas, tanto pelas comunidades cristãs quanto pelos burgueses da Idade Média ou pelos diggers da Revolução Inglesa, por exemplo (CHATELET, 1985, p 148).

A luta antiautoritária dos anarquistas faz com que coloquem o Estado como a origem de todas as relações de exploração. Logo, destruir o Estado é o objetivo central dos anarquistas, ao contrário do marxismo, que coloca como fundamental a abolição das relações de produção capitalistas. Para o marxismo, são estas que mantêm o aparato estatal, não o contrário, embora possa parecer, já que o aparato repressivo estatal é mais visível, que este que devesse ser o foco do movimento socialista.

Vares (1986) coloca que as ideias anarquistas expressam a infância do socialismo, e, como consequência, o anarquismo deveria ter sido superado. O auge do movimento anarquista foi no século XIX e começo do XX, a partir daí o anarquismo manteve uma influência em países de capitalismo atrasado (WOODCOCK, 2002), como na Espanha, Grécia e até no Brasil.

Porém, o anarquismo continua a exercer influência, principalmente entre a juventude que devido à sua condição na sociedade capitalista tende a contestar os valores dominantes dessa sociedade e, em momentos de grande revolta popular, como no maio de 1968, quando os estudantes foram às ruas em vários países para protestar contra o autoritarismo, a miséria do meio estudantil, a guerra do Vietnã. Anos mais tarde na década de 1990 surge o movimento antiglobalização do fim dessa década e início dos anos 2000. Esse movimento também tinha uma grande participação de jovens e lutavam contra a chamada globalização neoliberal. Nestes momentos, não apenas o anarquismo, mas outras correntes mais radicais emergem. Isso se deve ao fato do anarquismo rejeitar a luta política (institucional). Um dos principais autores anarquistas, Bakunin, defendia a ação direta, como forma de conduzir a luta da classe trabalhadora.

Segundo Woodcock, do ponto de vista histórico, o anarquismo é uma doutrina que propõe uma crítica à sociedade vigente, uma visão da sociedade ideal do futuro e os meios de passar de uma para a outra (2002, p.7). Neste ponto o anarquismo está em total sintonia com o marxismo, visto que buscam a superação de uma sociedade que se baseia na exploração. Também estão em sintonia, no que diz respeito aos objetivos:

Seu objetivo final é sempre a transformação da sociedade; sua atitude no presente é sempre de condenação a essa sociedade, mesmo que essa condenação tenha origem numa visão individualista sobre a natureza do homem; seu método é sempre de revolta social, seja ela violenta ou não (WOODCOCK, 2002, p.7)⁹.

Se os objetivos são aparentemente os mesmos, o que diferencia o anarquismo do marxismo são os métodos. O anarquismo prega o ativismo e a destruição do Estado, visto como a causa de todos os problemas dos trabalhadores. O marxismo vê como principal problema, as relações de produção capitalistas, o Estado é um aparato da

⁹ Essa é a posição do autor. No entanto, falta a este autor uma análise mais profunda, inclusive das distintas tendências do anarquismo, além do significado de “transformação da sociedade”, pois, assim, abstratamente, parece que essa concepção é sempre revolucionária, o que não condiz com a realidade.

sociedade e, uma vez que for destruído o capitalismo, o Estado ruirá. Esse ponto mostra que o marxismo tem uma maior elaboração teórica, algo no que os anarquistas são deficitários. Proudhon é um dos mais destacados pensadores anarquistas e foi considerado por alguns como um socialista utópico.

Tão afastado do liberalismo quanto do socialismo autoritário, o anarquismo de Proudhon recusa a existência formal ou real de qualquer princípio que transcenda a sociedade. Ele recusa o aparelho do Estado encarregado de executar os decretos da vontade geral; desconfia das lições que a competência política pretende dar aos produtores; não reconhece a autoridade de um partido, por mais revolucionárias que sejam suas proclamações. Não admite senão uma única transcendência: a da ideia de justiça. Ela intervém como valor regulador, no duplo sentido de que constitui a motivação concreta dos movimentos operários que lutam contra a espoliação, a humilhação e a impotência (às quais a irracionalidade e a violência burguesas condenam os trabalhadores), e o ideal que eles devem visar (CHATELET, 1985, p.154).

Muitos são os defeitos apontados por alguns autores ao anarquismo mutualista de Proudhon: idealismo, crença ingênua no homem, otimismo incon siderado no que diz respeito às capacidades das coletividades de se encarregar de seus conflitos, espírito “pequeno-burguês” e culto a individualidade; realismo grosseiro, exaltação de tendências materialistas, gosto pela expressão violenta e pelo ato excessivo, coletivismo que não hesita em ironizar os sentimentos naturais, complacência culpável em face do desvio e da anormalidade (CHATELET, 1985, p.157).

Outro pensador muito influente no anarquismo foi Bakunin. Este não tem uma grande obra escrita dedicada ao anarquismo. A sua vida é marcada pela sua militância e pela tentativa de organizar o movimento anarquista na Europa. Bakunin também tem um intenso debate com Marx. Para Bakunin os anarquistas são libertários, enquanto os marxistas são estatistas. Ele escreveu:

Detesto o comunismo porque trata-se da negação da liberdade e eu não posso conceber nada humano sem a liberdade. Não sou comunista ainda porque o comunismo consome e absorve todas as forças da sociedade nas mãos do Estado, enquanto eu quero a abolição do Estado- a extirpação radical da autoridade e da tutela do Estado, que sob o pretexto de moralizar e civilizar os homens, até hoje só os aviltou, oprimiu, explorou e desaprovou. Quero a organização da sociedade e da propriedade coletiva ou social de baixo para cima, pelo caminho da livre associação, e não de cima para baixo, por meio de qualquer autoridade seja ela qual for. É nesse sentido que eu sou coletivista e de nenhuma maneira comunista (BAKUNIN, apud VARES, 1986, p. 39).

Desta forma se instala a polêmica entre o marxismo e o anarquismo, na qual os marxistas são acusados de serem estatistas e autoritários, algo que não corresponde ao pensamento de Marx. Segundo Tragtenberg (2011) se cria um debate entre uma tendência supostamente autoritária (marxismo) e uma libertária (anarquismo) e tende a tornar-se filológico e paroquial se descolando do real movimento dos trabalhadores.

Vemos a precariedade da visão da oposição na Primeira Internacional entre Marx/Bakunin, como sendo entre o “socialismo autoritário” e o “socialismo libertário”, um falso debate. É que a luta contra o “autoritarismo” em nossa época tem por função dissimular os fundamentos da crise do trabalho e das condições de assalariado, impedindo um processo de luta anti-hegemônica no nível das classes e do Estado (TRAGTENBERG, 2011, p.237).

Contudo, a socialdemocracia e o bolchevismo passaram a ser vistos como herdeiros do marxismo. Ambas lutas, sob formas diferentes, lutam pelo poder político e abandonam a perspectiva revolucionária e assim, devido sua confusão com o marxismo, o anarquismo acaba sendo visto como algo puro, que ainda se mantém fiel aos seus princípios.

A democracia burguesa também é criticada pelos anarquistas. Desde o seu surgimento, a democracia burguesa é uma forma de governo de uma classe, a capitalista, que tem os seus interesses sendo atendidos pelo Estado. Segundo Woodcock:

A democracia prega a soberania do povo. O anarquismo, a soberania da pessoa. Isso significa que o anarquista nega muitas formas e ideias democráticas. As instituições parlamentares são rejeitadas porque significam que o indivíduo abdicou de sua soberania, delegando-a a um representante e, ao fazê-lo, permitiu que fossem tomadas decisões em seu nome, sob as quais já não tem nenhum controle. É por essa razão que os anarquistas consideram votar um ato que trai a liberdade, tanto simbolicamente quanto de fato. “O sufrágio universal é a contrarrevolução”, bradou Proudhon – e nenhum dos seus sucessores o contestou (2002, p. 36).

O anarquismo busca promover transformações na sociedade, destruir o Estado e substituí-lo por uma forma de cooperação ou federação de indivíduos livres. E é nesse ponto que os anarquistas são chamados de pequenos burgueses, uma vez que pregam a liberdade e a soberania do indivíduo, uma vez que essa liberdade econômica do indivíduo está mais próximo do liberalismo do que o comunismo. Segundo Bloch:

A solidariedade voluntária há de florescer sob o sol da autonomia. Isso é fé anarquista, alicerçada, como fica evidente, sobre a convicção de uma natureza humana originalmente boa, apenas deturpada pela relação senhor-servo. No todo, portanto, a visão anarquista da liberdade continua sendo em parte uma ideologia individualista ultrapassada do século XVIII, em parte

uma parcela de futuro no futuro, para o qual não há premissas atuais em lugar algum (...) Em síntese, é possível afirmar: o sonho de sociedade sem governo é, quando entendido taticamente, o meio mais seguro de não realizar esse sonho. Entendido em termos fundamentais, torna-se algo óbvio, uma vez abolidas as bases econômicas do Estado (2005, p. 129).

O anarquismo teve importante influência no movimento socialista no século XIX e início do século XX, quando o movimento operário estava bastante ativo e surgiram tentativas de transformação da sociedade. Contudo, o movimento socialista tem que ser analisado no contexto que está inserido. A sociedade capitalista sofreu transformações ao longo desse período. Estas transformações no capitalismo se refletiram também no movimento socialista que, nos países centrais, abandonou a perspectiva revolucionária. Segundo Woodcock:

Seguramente, enquanto movimento, o anarquismo fracassou. Em pouco menos de um século de atuação, ele sequer se aproximou de seu principal objetivo, que era eliminar o Estado e erguer Jerusalém em suas ruínas. A influência que outrora conseguia exercer reduziu-se a quase nada nos últimos quarenta anos, como resultado de uma sucessão de malogros e do esvaziamento gradual da esperança. Não existem sequer quaisquer possibilidades admissíveis de um renascimento do anarquismo tal qual vivemos a conhecê-lo depois da criação da Primeira Internacional, em 1864; a história parece sugerir que os movimentos que não conseguem tirar proveito das oportunidades que ela lhes oferece jamais tornam a renascer (WOODCOCK, 2002, p. 257).

Podemos dizer que mesmo que não tenha conseguido avançar, o anarquismo ainda resiste. Sua principal força é seu espírito libertário, sua vontade de lutar contra o Estado. Essa luta deve ser conduzida, se for necessário, de forma violenta, como vemos a participação de anarquistas nas recentes manifestações que destacam pelo enfrentamento das forças repressoras e a destruição dos símbolos do capitalismo. Esse é um problema do anarquismo. Não que os processos revolucionários sejam pacíficos, pois houve e haverá luta. Porém, a luta passa pela organização e desenvolvimento da consciência da classe operária. Algo que os anarquistas são avessos.

A concepção de socialismo dos anarquistas não é homogênea e poucos a colocaram mais detalhadamente. Stirner pregava uma “associação de indivíduos egoístas”; Proudhon defendia um federalismo de pequenas organizações; os anarcossindicalistas, uma sociedade fundada numa federação de sindicatos. Essas e outras concepções anarquistas são imprecisas e muitas vezes reprodutoras da sociedade capitalista. A crítica da sociedade capitalista carece que uma maior elaboração teórica, isso acaba refletindo na prática dos anarquistas que têm o ativismo como principal

forma de luta política sem buscar uma compreensão aprofundada da sociedade capitalista. Tomando os três exemplos anteriores, podemos ver que o anarco-individualismo de Stirner reproduz o individualismo, um dos elementos básicos do liberalismo, ideologia burguesa; o anarcossindicalismo, por sua vez, toma o sindicato, uma organização da sociedade capitalista, como base da revolução e da nova sociedade; e Proudhon não rompe com a pequena propriedade e outros elementos.

1.3.3. Socialdemocracia

Das correntes ditas “socialistas”, a socialdemocracia sempre exerceu uma grande influência na classe operária. A condição de exploração da sociedade capitalista, faz com que o trabalhador busque melhores condições de vida. Contudo, o que é visível para a maioria dos trabalhadores é o presente, ou seja, um aumento de salário, uma jornada menor de trabalho, um Estado que garanta direitos sociais básicos.

Essa é uma das razões, ao nosso ver, do sucesso da socialdemocracia. No século XIX, os Estados da Europa eram ainda Absolutistas, no qual os direitos democráticos, defendidos pelos ideais da revolução francesa, ainda não existiam na prática em muitos países. Logo, para o movimento operário, lutar pela democracia era um passo da luta dos trabalhadores:

O motivo para a escolha desse nome era, em parte, o desejo de afirmar a continuidade das revoluções de 1848, mas sobretudo a intensão de expressar as ideias de que esses partidos, empenhados apenas nas lutas pela democracia política (pelo sufrágio universal e por assembleias eleitas que tivessem poder real em vez de ser simples órgãos consultivos), tinham como meta final a extensão da democracia à vida social como um todo e, em particular, à organização da produção. Nesse sentido, a socialdemocracia se contrapunha à dominação de classe e visava à emancipação social definitiva da classe operária (que Marx, em seus primeiros escritos, chamou de emancipação humana) (BOTTOMORE, 2012).

O desenvolvimento posterior da democracia burguesa criou mecanismos para que os partidos “operários” participassem do processo eleitoral. Esses mecanismos surgiram a partir da luta operária. Contudo, o objetivo do movimento operário deveria ser transformar a sociedade, abolindo as relações de produção capitalistas. Uma vez integrada à democracia burguesa, a socialdemocracia deveria conseguir uma maioria política no parlamento. Para isso deveria buscar o apoio de outras classes além da classe

operária. Essa composição significava atender interesses que não são os da transformação social.

Logo, a socialdemocracia adotou um programa de reformas dentro da sociedade capitalista. Essas reformas eram marcadas por conquistar direitos para os trabalhadores, bem como buscar assistência social do Estado. Embora isso expresse desejos da classe trabalhadora, isso é luta dentro do capitalismo e não luta contra ele, não gerando, portanto, nenhuma transformação social. A socialdemocracia se afastava de qualquer objetivo revolucionário.

A partir de 1945, o significado da expressão socialdemocracia volta a modificar-se em certos aspectos. Alguns partidos que se diziam “marxistas” e discursavam sobre “objetivos revolucionários” renunciaram explicitamente a tais objetivos e se transformaram, de partidos supostamente da classe operária e radicais, embora para Michels (1981) a burocratização dos partidos socialdemocratas já vem de tempos anteriores, nesse contexto eles assumem uma postura não de enfrentamento do capital, mas da aceitação da economia de mercado.

Por mais que a democracia e o sufrágio universal fossem fatores necessariamente inseparáveis, nesse período iniciou-se o enfraquecimento e depreciação do conceito de uma democracia ainda em funcionamento. Começou-se a considerar como democracia não mais o autogoverno ativo das massas trabalhadoras como meio de libertação política e social, mas somente uma forma capitalista de Estado, que se diferenciava por ter um parlamento eleito pelo sufrágio universal, mas que no mais não oferecia qualquer vantagem para as massas (ROSEMBERG, 1986, p.214).

Logo, a divisão da população entre o operário e o denominado burguês qualquer um que não seja operário é antimarxista. Marx construiu sua concepção sobre o antagonismo entre o proletariado e a burguesia enquanto classe no sentido específico e não sobre a oposição entre socialistas e burgueses. A burguesia, no sentido marxista, era somente uma pequena minoria da população. A burguesia, para Marx, era a classe social caracterizada pela apropriação de mais-valor.

A partir de 1889 formou-se no interior do Partido Socialdemocrata uma corrente que dizia estar de acordo tal iniciativa: os revisionistas. Estes pediam à Internacional Socialista que abandonasse os slogans revolucionários vazios e que se colocasse no terreno das realidades factuais, que buscasse resultados práticos no terreno da democracia burguesa e da política social e que aceitasse de bom grado a colaboração de qualquer aliado que estivesse disposto a percorrer o mesmo caminho (ROSENBERG, 1986, p.286).

O desenvolvimento da sociedade capitalista, durante o regime de acumulação conjugado, que ocorreu nos países centrais entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a década de 1960 (VIANA, 2009), existia uma tentativa feita pelo capital e pelo Estado de que a classe operária fosse integrada à sociedade. Termos como o desemprego, nos países centrais foi reduzido ao mínimo, contudo essas propostas foram realizadas nos países centrais por um curto período de tempo. Os movimentos do fim dos anos 1960 marcam o início do fim do regime conjugado e abriram espaço para a passagem ao regime de acumulação integral, no qual, no que diz respeito às relações de trabalho, houveram retrocessos nos ganhos que existiam no regime anterior. A implementação da reestruturação produtiva, bem como formas de trabalho precarizado se tornaram comuns nos vários países capitalistas¹⁰.

A questão que se coloca é qual o papel desempenhado pelo Estado, uma vez que para Marx, esse se coloca a serviço dos interesses da classe dominante e, para outras concepções afirmam que ele é neutro.

O Estado capitalista é a condição necessária para a conservação do modo de produção capitalista não somente através da repressão e da ideologia mas também através da intervenção na produção, na política, na atividade social. Cabe observar que em determinados períodos históricos e em determinados países, a ação estatal se diferencia assumindo graus e ênfases diferentes. Assim, o papel dominante do Estado pode ser, em determinado momento, financeiro e, em outro, repressivo ou, ainda, os dois ou nenhum deles. A forma como o estado capitalista intervém na sociedade é determinada pela dinâmica do modo de produção capitalista, isto é, das lutas de classes (VIANA, 2003, p. 41).

A democracia burguesa é uma forma pela qual o Estado capitalista se relaciona com as classes sociais, alternando momentos em que existe maior liberdade (democracia) e menor liberdade (ditadura). Agora devemos então entender o que significa a expressão ditadura. A democracia se caracteriza pela participação restrita das classes sociais na constituição do poder estatal enquanto que a ditadura se caracteriza pela participação restrita apenas do bloco dominante (VIANA, 2003, p. 57).

A discussão da opção que a socialdemocracia oferece aos trabalhadores é profundamente atual, pois a socialdemocracia não desapareceu com o fim da segunda internacional em 1914. Já bem antes disso, através de seus teóricos conhecidos como revisionistas, Bernstein e Jaurès, adotara a luta parlamentar como o espaço privilegiado de oposição, o gradualismo por meio das reformas parciais, e a conquista de direitos sociais como sua finalidade (TRAGTENBERG, 2006, p. 37).

¹⁰ O termo precarizado vem de precário, o que temos em relação as condições de trabalho são formas de subcontratação, terceirização que deduzem os ganhos e aumentam a rotatividade do trabalhador.

Qual é a concepção de socialismo da socialdemocracia? Como vimos anteriormente, a socialdemocracia, quanto mais se desenvolvia, mais se tornava moderada. Isso é produto de sua burocratização e formação de uma “camada burocrática” no seu interior (MICHELS, 1981). O seu crescimento eleitoral significava crescimento partidário, mais cargos, mais estrutura, mais competitividade eleitoral, mais compromissos e menos radicalidade. É por isso que, no seu início, a socialdemocracia ainda falava de socialismo, mas, posteriormente, abandonou por completo tal ideia.

Assim, alguns consideram que existem duas tendências dentro da socialdemocracia. A primeira, considerada radical (que praticamente deixou de existir, a não ser em uma versão leninista, que se tornou mais moderado), aponta para transformações graduais, reformas estruturais, que fortaleçam o proletariado, que gere estatização, que promova democratização, que corra o poder do capital, e assim, paulatinamente, produza o socialismo. A concepção de socialismo aqui aponta para um capitalismo reformado, cuja característica seria a estatização dos meios de produção, controle dos trabalhadores de parte das instituições. A segunda apontaria para um processo também gradual, mas que, no fundo, já não apontaria mais para o socialismo, mas sim para a humanização do capitalismo através de políticas amplas de assistência social e democratização, distribuição de renda, etc.

Seria possível falar de uma terceira tendência, que seria o que predomina atualmente, um misto de influência neoliberal e políticas assistencialistas e voltadas para grupos (e não classes), mas isso já não é mais nem sequer socialdemocracia, pois não passa de um uso de um nome sem mais nenhum vínculo com o seu significado.

No próximo tópico discutiremos uma vertente da socialdemocracia que buscava a tomada do poder mas não pela via democracia burguesa, e sim, pela organização de um partido que seria o condutor do processo revolucionário.

1.4.4. Bolchevismo

O bolchevismo surge na Rússia. O Partido Operário Socialdemocrata Russo foi fundado em 1898, teve seu programa definido em 1905, no II Congresso do partido. Entre seus fundadores e membros mais antigos figuraram Plekhanov, Vera Zassulitch e Axelrod. Era um partido que se aproximava e reproduzia as concepções da II

Internacional. Possuía um grupo chamado Unidade, dirigido por Plekhanov, que pregava a necessidade da defesa nacional, contrariando o princípio do internacionalismo clássico dos marxistas. Defendia a continuação da guerra, o acordo com os aliados e a derrota da Alemanha. Preconizava a aliança com partidos burgueses e convocação de uma Assembleia Constituinte. Violentemente criticado pelos bolcheviques, não teve sucesso no interior do partido a partir do II Congresso. Nesse mesmo Congresso, houve um racha no partido entre os bolcheviques, grupo liderado por Lênin, e os mencheviques, grupo liderado por Martov (ROSENBERG, 1986).

Os bolcheviques conseguiram a maioria no partido e foram sua força hegemônica a partir de então. Lênin se inspirava na socialdemocracia e até 1914 fazia elogios e considerava Kautsky um marxista ortodoxo (BARROT, 2014). Com o recuo da socialdemocracia alemã e seu apoio aos créditos de guerra, Lênin rompe com Kautsky e mais tarde muda o nome do partido para “comunista”. O bolchevismo se diferenciava da socialdemocracia, antes disso, pela forma de organização partidária (no contexto da Rússia ditatorial). Enquanto os partidos socialdemocratas pregavam a existências de um “partido de massas”, com grande quantidade de integrantes e peso eleitoral, Lênin, no contexto russo, pregava um “partido de quadros”, semiclandestino, comandado por “revolucionários profissionais”.

Isso era coerente com sua concepção de “partido de vanguarda”, pois, segundo Lênin (1978), o proletariado jogado a si mesmo chega no máximo a uma consciência sindicalista, reformista, de luta econômica. É o partido que chega ao nível da luta política e que possui, através dos seus intelectuais, o acesso à ciência¹¹. Essa concepção acabou gerando uma tendência dissidente da socialdemocracia que ficou conhecida como bolchevismo ou leninismo.

A concepção de socialismo do bolchevismo também não é homogênea, se considerarmos todos os seus desdobramentos posteriores (stalinismo, maoísmo, entre outras). Porém, foi a única a se tornar relativamente conhecida e que serviu de inspiração para as demais (bem como é confundida com ela devido as similaridades). Na época de Lênin e do início da Revolução Russa, o socialismo significava estatização dos meios de produção no sentido de promover a modernização da sociedade russa.

¹¹ Aqui há uma ruptura com o pensamento de Marx, que pregava a autoemancipação operária, da mesma forma que a socialdemocracia o fez, pois, a participação das “massas” se daria via processo eleitoral ou processos participativos secundários e não como agentes da transformação social.

Assim, o socialismo seria algo que se pode deduzir de frases de Lênin, isoladas, como, por exemplo “O comunismo é o poder dos soviets mais a eletrificação de todo o país” (LINHARDT, 1983). A ênfase na eletrificação é algo conjuntural da sociedade russa e os soviets são apenas um nome, já sem vida nessa sociedade (Brinton, 1975).

Qual era a verdadeira concepção leninista de socialismo (o comunismo seria uma etapa posterior, embora bastante semelhante)? Uma sociedade estatizada. A ideia de tomada do poder estatal e estatização dos meios de produção são a fórmula leninista de socialismo. Porém, essa estatização não seria total, conviveria com elementos como o dinheiro, mas esse seria superado no comunismo¹².

Por fim, resta destacar que todas essas concepções de socialismo são limitadas e presas ao capitalismo. No fundo, não passam de concepções de um “capitalismo reformado”, mesmo pregando luta armada, ação direta, ou qualquer outro mecanismo para a transformação. Todas essas concepções apontam para que os intelectuais e outros (burocratas, indivíduos de origem operária, burgueses, pequeno-burgueses) que as produziram não apontando para a superação do capitalismo e se afastaram drasticamente do pensamento de Karl Marx.

O pensamento de Marx aponta para a revolução, esta seria obra da classe operária (VIANA, 2016), o papel dos comunistas é o de colaborar com a luta. Marx deixa isso claro no Manifesto Comunista e, na crítica ao Programa de Gotha.

1.4. A Concepção Marxista de “Socialismo”: Comunismo e Autogestão

Nos tópicos anteriores discutimos a produção das ideias, especialmente como que surge o movimento operário, como que as ideias socialistas surgem inicialmente com os socialistas utópicos, passando pelo marxismo, num momento em que este foi desenvolvido por Marx e Engels, e passando por várias concepções de socialismo, tendo como principais expoentes o bolchevismo e a socialdemocracia.

Nesse tópico vamos retomar o marxismo autêntico, fundado originariamente por Karl Marx, e que se manteve fiel aos princípios e objetivos do socialismo, a transformação social e o fim do capitalismo. Logo, após a morte de Marx, no fim do

¹² Veja uma análise mais detalhada da concepção de socialismo de Lênin, bem como sua radical diferença em relação a Marx em Paresh Chattopadhyay (2012).

século XIX e início do século seguinte (após 1917), as duas concepções de socialismo, o bolchevismo e a socialdemocracia, despontavam como tendências hegemônicas dentro do movimento operário, respectivamente. Isso, no caso da socialdemocracia, se devia ao refluxo do movimento operário na Europa nesse contexto, no qual a expansão imperialista levava a uma expansão do capital e, trazia uma estabilidade nos países imperialistas.

Porém, no início do século XX, a competição entre os países imperialistas, culminou com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Não vamos nos aprofundar sobre a guerra, pois trataremos apenas sobre as suas consequências para o movimento operário. Por um lado, na Rússia, aconteceu uma revolução que derrubou o Czar Russo e posteriormente os bolcheviques tomaram o poder. Na Europa ocidental, os partidos socialdemocratas, que eram os maiores do continente e representavam os interesses da classe operária, votaram a favor dos créditos de guerra, o que teve como consequência a possibilidade dos trabalhadores lutarem em uma guerra imperialista, distante dos interesses da classe operária e que apoiavam um nacionalismo que também feria os princípios do socialismo.

Contudo, o autêntico socialismo continuou existindo, nas obras de Marx, nas obras dos autores que deram continuidade a sua concepção e produziram atualizações que correspondiam às transformações que a sociedade capitalista passava e que expressavam os novos desafios que passava o movimento operário no século XX e XXI. Assim discutiremos o socialismo pensado por Marx, o conselhismo que existiu na primeira metade do século XX e a autogestão social que surge em movimentos como o maio de 1968.

Essencialmente para Marx o comunismo é uma sociedade autogerida na qual não existe exploração. O termo autogestão social que surgiu posteriormente, remete a concepção de comunismo em Marx e retoma a ideia de uma sociedade autogerida. Diferente das concepções socialdemocrata e bolchevique, que não apontam para a transformação social, o comunismo é uma sociedade que rompe com toda forma de exploração e dominação do homem sobre o homem.

1.4.1. O Comunismo segundo Marx

Nos tópicos anteriores, fizemos uma discussão sobre o surgimento das ideias socialistas e sua evolução. Agora chegamos à concepção de socialismo de Marx, um autor que dedicou a estudar a sociedade capitalista e, uma vez compreendendo a essência desta, elabora uma teoria da revolução. Em suas obras deixa claro que as revoluções anteriores não eliminaram a exploração de uma classe sobre a outra. O exemplo clássico foi o da Revolução Francesa, no qual os ideais foram suprimidos pela burguesia ao chegar ao poder. Desta forma, as revoluções burguesas, apesar do fato de que prometiam liberdade, no fundo ocultaram a nova forma de dominação exercida pela burguesia. Desta forma, para se transformar a sociedade, é preciso que uma classe, o proletariado, seja o agente dessa mudança que promova a libertação universal de toda a humanidade.

Marx pensou o comunismo¹³ como uma sociedade sem a exploração do homem pelo homem. Contudo, em seus escritos, existe uma polêmica interpretativa sobre a questão do Estado. Para alguns, Marx sempre foi estatista e por isso não houve mudança no seu pensamento. Para outros, houve uma mudança após 1871, quando passou de estatista para antiestatista. Uma terceira interpretação é a que afirma que ele nunca foi estatista, era apenas abstrato e impreciso e depois da primeira experiência proletária de revolução, superou tal imprecisão e abstração. A nosso ver, não houve uma mudança no seu pensamento, mas os seus escritos deram margem para muitas interpretações equivocadas, tal como a dos bolcheviques¹⁴.

A questão é que Marx no *Manifesto Comunista*, defendeu, aparentemente, a conquista do Estado pela classe operária, como forma de realizar a revolução socialista. Já em um texto bem posterior, de 1871, quando Marx analisa a Comuna de Paris, no qual os comunardos estabeleceram uma primeira experiência revolucionária, na qual o Estado foi abolido, e as decisões passaram a ser tomadas coletivamente, ele passa a defender explicitamente a necessidade de abolição do Estado. Apesar da Comuna ter

¹³ Marx usou o termo “comunismo” para se diferenciar de todas as correntes socialistas que ele critica no Manifesto Comunista. Assim, ao invés de uma concepção de “socialismo”, ele tinha uma concepção de “comunismo”. Porém, a vitória do bolchevismo e a bolchevização dos partidos comunistas gerou uma deformação desse termo, que passou a ser entendido com a concepção de Lênin e não de Marx.

¹⁴ Os bolcheviques defendiam a permanência do pensamento de Marx no sentido dele ser um estatista, enquanto que autores como Viana (2018) não enxergam essa ruptura no pensamento de Marx, como também refuta a distinção entre o Jovem Marx e o Marx maduro.

tido uma curta duração, ela serviu de inspiração para Marx no que refere ao comunismo.

Marx, no *Manifesto Comunista*, expõe as condições de vida e trabalho a que o proletariado estava inserida no capitalismo, submetido a longas jornadas de trabalho e com rendimentos que garantem apenas a sua sobrevivência. Se na idade média, os trabalhadores se submetiam a uma organização servil do trabalho, no qual eram obrigados a trabalhar para o senhor feudal para garantir o seu sustento, na sociedade capitalista, o fato do trabalhador ser formalmente livre, não melhorou muito suas condições de vida, a respeito de ter sido prometido algo melhor do que existia no feudalismo.

Logo se colocava para o movimento operário a destruição do capitalismo e, para isso Marx no Manifesto coloca:

Os comunistas são assim, na prática, a fração mais decidida dos partidos operários de todos os países, a qual sempre impulsiona o movimento para diante; na teoria, eles têm vantagens sobre a massa restante do proletariado a percepção consciente das condições, da marcha e dos resultados gerais do movimento operário....O objetivo mais próximo dos comunistas é o mesmo de todos os demais partidos proletários: formação do proletariado em classe, derrubada da dominação burguesa, conquista do poder político pelo proletariado (2011, p.72).

Marx, no *Manifesto Comunista*, é bem claro quando coloca que os comunistas têm que contribuir com o movimento operário e, quando ele fala de partido não podemos ter a ideia que temos hoje de partido político (VIANA, 2003). Partido, naquela época, significava posição política. Os partidos políticos não tinham surgido, tal como ocorreu posteriormente, e, assim, se tornado instituições burocráticas que se inseriram no jogo da democracia burguesa no qual entravam para manter a sociedade e lutavam por reformas.

A argumentação de Marx no *Manifesto Comunista* coloca a questão do processo revolucionário. O objetivo é suprimir o poder da burguesia e colocar o proletariado como “classe dominante”, que não exerceria a dominação sobre as demais classes, mas sim, aboliria a dominação. O significado de “classe dominante”, assim como de poder político, é exercer a repressão sobre a burguesia e/ou seus resquícios.

Diante desta questão, tanto a socialdemocracia quanto o bolchevismo deram sua interpretação sobre o que Marx tinha dito. Nos tópicos anteriores ao discutir sobre essas duas correntes do marxismo, colocamos que ambas se afastaram do objetivo final, a

transformação social radical instaurando o comunismo. Embora o bolchevismo defendesse a revolução, que seria, na verdade, uma conquista do poder estatal, e abria uma suposta “transição para o comunismo”, isso era no nível discursivo. O que foi implementado de fato, tanto na Rússia como nos demais países “socialistas”, foi um capitalismo de Estado. A suposta “revolução” se reduziu a uma conquista do poder estatal.

Contudo, as duas correntes reivindicavam o marxismo e eram colocadas como legítimas seguidoras do pensamento de Marx. O historiador Arthur Rosenberg, no seu livro sobre o bolchevismo, situa bem esse debate no caso russo (entre mencheviques, mais próximos da socialdemocracia europeia, e bolcheviques). Segundo ele:

Assim, surgiram duas tendências diferentes: para uma delas, a socialdemocracia russa devia ser um partido operário, com a finalidade de melhorar as condições de classe do proletariado, cooperando também – é natural – na luta política contra o tzarismo. Mas, como a futura revolução não podia ser mais que uma revolução burguesa, também o ritmo do movimento revolucionário tinha que ser dado pela burguesia. A outra tendência, afirmava que a socialdemocracia russa devia constituir uma liga secreta de revolucionários profissionais, cujo objetivo estaria em arrastar as massas para a revolução burguesa (1989, p. 66).

O debate entre bolchevismo e menchevismo na Rússia torna evidente, segundo este autor, que os bolcheviques raciocinavam como o Marx de 1848 do Manifesto e, os mencheviques raciocinavam como os socialdemocratas do resto da Europa. Neste aspecto, a socialdemocracia defendia a luta política via partido para através da democracia conseguir melhorias para os trabalhadores. Os bolcheviques pensavam que era necessário, no caso da Rússia, em um país atrasado que primeiro tivesse uma revolução burguesa para posteriormente haver a revolução socialista.

Fica claro que esse debate entre o bolchevismo e a socialdemocracia estava distante do que Marx pensava em termos do socialismo. Tanto que um evento que ocorreu na França em 1871, A Comuna de Paris, serviu para Marx perceber alguns pontos sobre o que ele pensava sobre a revolução, mas que não alterava fundamentalmente o que ele tinha escrito. Isso pode ser percebido quando se lê atentamente o Manifesto Comunista e se nota que quando ele colocava “poder político”, e definia neste mesmo escrito como “poder de opressão [repressão] de uma classe sobre outra”, significava apenas o uso da força que o proletariado deveria exercer

sobre a burguesia. Tanto é que nunca ele apontou para uma burocracia, um partido, e sim para o proletariado como classe, que exerceria tal repressão (VIANA, 2018).

Em 1871, o operariado de Paris tomou as armas para defender a cidade contra os invasores prussianos. Além de defender a cidade, a classe operária implantou um regime comunal, no qual foi abolida a polícia, no qual os juízes tinham que ser eleitos, na qual todas as funções públicas estavam sob o controle da comuna. Também aboliu o trabalho noturno e igualou todos os salários. Foram medidas imediatas e sem poder aprofundar, pois foi uma experiência de apenas dois meses, mas que já apresentou o embrião de uma nova sociedade.

O ano de 1871 trouxe a grande revolta operária da comuna parisiense; Marx não a havia incentivado, e os seus dirigentes nada tinham de marxistas. O fato de que entre eles existissem alguns membros da Internacional, não mostra o contrário, pois o relaxamento das ligações e a falta de unidade teórica dessa Internacional – já salientamos antes – era coisa notória. A Comuna proclamava a substituição do Estado autoritário centralizador pelo autogoverno e a livre associação. As administrações municipais e provinciais deveriam ser dirigidas por representantes do povo, e o pagamento destes não podia ser superior ao montante de um operário. Por sua vez, deveriam encarnar o poder deliberativo, o legislativo e o executivo; em lugar do parlamento e da burocracia do Estado feudal-burguês, da antiga procedência, deveriam ser utilizados simples funcionários comunais. A polícia e o exército seriam o próprio povo em armas (ROSENBERG, 1989, p. 55).

A Comuna foi a primeira experiência na qual os operários aboliram o poder. Para Marx foi uma experiência que o levou a refletir sobre alguns pontos que tinham sido elaborados no *Manifesto* e em 1848. Segundo Rosenberg, os comunardos eram trabalhadores que se organizaram para defender a cidade contra os invasores Prussianos e, a Comuna gerou um autogoverno dos produtores.

O próprio Marx, no prefácio do *Manifesto* de 1872, colocou esses pontos em destaque, vejamos abaixo:

Por mais que as relações tenham se modificado nos últimos 25 anos, os princípios gerais desenvolvidos neste Manifesto, conservam, ainda hoje, vistos em conjunto, sua plena justeza. Detalhes poderiam ser melhorados aqui e ali. A aplicação prática desses princípios, declara o próprio Manifesto, irá depender por toda parte e a todo tempo das circunstâncias historicamente dadas e, por isso, não se atribui peso especial às medidas revolucionárias propostas no final do segmento II. Sob muitos aspectos, esse passo se formularia hoje de maneira diferente. Em face do imenso desenvolvimento da grande indústria nos últimos 25 anos e, ao lado desse desenvolvimento, da crescente organização partidária da classe operária; em face das experiências práticas, primeiro na Revolução de Fevereiro e, bem mais ainda, na Comuna de Paris, em que o proletariado deteve pela primeira

vez, ao longo de dois meses, o poder político, este programa está hoje parcialmente envelhecido (MARX, 2011, p. 38).

O fundamental para Marx, tanto em 1848 como até o fim dos seus escritos era a revolução comunista como uma obra de autolibertação da classe trabalhadora. Mas não só dela, da humanidade como um todo, e assim construir uma sociedade sem exploração e na qual os homens sejam livres para desenvolver as suas potencialidades.

A concepção de Marx se difere das dos demais que comentamos até aqui e por isso é coerente colocar a expressão que ele utilizou: comunismo. O comunismo, no pensamento de Marx, aponta uma nova sociedade. Essa nova sociedade não é o capitalismo reformado dos leninistas, socialdemocratas e outros (VIANA, 2018). É uma sociedade na qual os seres humanos se libertam. A libertação humana ocorre com o reencontro dos seres humanos com sua essência. Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* (2002), Marx já coloca que o trabalho alienado negava a essência humana e que somente abolindo o capitalismo seria possível este reencontro. O trabalho voltaria a ser objetivação, processo de transformação da natureza e das relações sociais pelos próprios homens, livremente. A libertação proletária seria o meio para se atingir isso.

O comunismo, portanto, não tem apenas o objetivo de resolver os problemas imediatos dos trabalhadores e sim os problemas dos homens como seres sociais e produtivos, reencontrando sua essência perdida. Na *Ideologia Alemã* (2005), Marx retoma afirmações sobre o comunismo e coloca que ele abole a raiz dos problemas humanos: a divisão social do trabalho. Na sociedade comunista, os homens poderão escrever poesia, criticar e pescar, não sendo especialistas e animais limitados pela especialização e divisão social do trabalho¹⁵. A oposição entre indivíduo e sociedade, produto das sociedades divididas em classes, seria abolida. No *Manifesto Comunista* (2011), Marx coloca que o desenvolvimento do indivíduo no comunismo se daria de forma integral.

Esses elementos deixam entrever que a concepção de comunismo em Marx remete a algo muito mais profundo. Essa profundidade se liga a dois elementos básicos: o comunismo é uma transformação tão radical e extrema que significa a ruptura completa com todas as sociedades de classes já existentes e que significa que ao invés

¹⁵ A ideia seria, portanto, a de criação do ser humano onilateral (MANACORDA, 1991).

da classe dominante decidir o futuro da sociedade, isso passa a ser feito pela livre associação dos produtores. Em *Para uma crítica da economia política* (2003), Marx coloca que com o comunismo, chega o fim da pré-história humana, ou seja, o fim da época em que forças cegas encarnadas por classes dominantes cede lugar para a humanidade decidir seu destino, e sua história, conscientemente e coletivamente. Em *O Capital* (1985), ele fala da “livre associação dos produtores” e as palavras “associação”, “produtores” e “livres” possuem um significado fundamental. É uma associação, o que expressa seu caráter coletivo. Eles são “produtores” ou seja, todos, o que significa que as classes foram abolidas e o proletariado também. E “livres”, o que expressa o reino da liberdade.

Porém, existem textos em que Marx trabalha mais detalhadamente sua concepção de comunismo. Em *A Guerra civil na França* (2011), ele, a partir da experiência comunarda, coloca que se trata de um “autogoverno dos produtores”, que destrói a máquina estatal burocrática e realiza mutações. O mais importante da Comuna de Paris, analisada nesse texto, é o “regime comunal”, a forma finalmente encontrada de emancipação humana. Marx elenca alguns elementos fundamentais da organização da Comuna: todos os delegados comunais são substituíveis a qualquer momento, elegíveis (são escolhidos pela população), demissíveis (podem ser demitidos a qualquer momento) e, principalmente, responsáveis (ou seja, não podem se autonomizar e criar interesses próprios, expressam o coletivo) e que a Comuna é um órgão simultaneamente deliberativa e executiva (decide e executa) (VIANA, 2011b).

Por fim, em outra obra na qual Marx discute mais detalhadamente o comunismo é uma carta na qual criticou a socialdemocracia alemã nascente e suas concessões ao lassalismo. Em *Crítica ao Programa de Gotha* (2012), como ficou conhecida, Marx aponta que o comunismo, como nasce do capitalismo, tem duas fases: a primeira fase, visando evitar os problemas do capitalismo e sua reprodução, institui o sistema de bônus (substitui o salário e o dinheiro, pois ele permite apenas a sua troca por bens de consumo, de acordo com o que contribuiu com a sociedade, impedindo acumulação ou aquisição de meios de produção)¹⁶. Isso existiria apenas na primeira fase do comunismo, pois, com o desenvolvimento das forças produtivas, isso deixa de existir. Assim, na primeira fase do comunismo vale a máxima: “de cada um de acordo com sua

¹⁶ Marx fala também de um fundo de reserva para crianças, incapacitados em trabalhar, etc.

capacidade, a cada um de acordo com seu trabalho”. Na segunda fase, vale o princípio: “de cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com sua necessidade”. O comunismo seria a sociedade em que as necessidades humanas seriam atendidas, superada a divisão social do trabalho, as classes, o estado, e um ser humano livre, associado, onilateral, passaria a existir.

1.4.2. O Comunismo de Conselhos

A experiência da Comuna de Paris trouxe para o movimento operário alguns elementos que posteriormente estarão presentes nos conselhos operários. Nos conselhos operários, a auto-organização dos trabalhadores surge nos locais de trabalho, nas fábricas, e acaba formando um conjunto de organizações por empresa. As deliberações dos conselhos elegem representantes que seguem as mesmas diretrizes da Comuna de Paris (revogabilidade, demissibilidade, elegibilidade e responsabilidade). Eles podem ser destituídos a qualquer momento e representam as deliberações da assembleia, logo não tem poder pessoal sobre as decisões do coletivo. Os conselhos operários surgiram na Rússia durante a revolução de 1905, sendo a forma organizacional do processo revolucionário.

A Rússia era um país atrasado em relação as nações de capitalismo avançado do resto da Europa. Tanto que a luta política no país, efetivada pelas várias tendências socialistas (mencheviques, bolcheviques, entre outros) tinha como objetivo imediato a derrubada do Tzar e o estabelecimento de um regime liberal. Na Europa ocidental, a situação era bem diferente. As ondas revolucionárias que ocorreram no início do século XIX até a Comuna de Paris, entraram em refluxo. Em parte, devido à ascensão dos partidos socialdemocratas e dos sindicatos. Os partidos socialdemocratas surgem no momento em que a luta da classe operária é contra os capitalistas e também contra a aristocracia, desta forma, para algumas correntes da socialdemocracia a luta pela democracia não podia ser abandonada, embora a luta da classe trabalhadora fosse contra a exploração da sociedade capitalista (ROSENBERG, 1986). Contudo, com o desenvolvimento tanto dos partidos como da democracia burguesa, houve um processo de ampliação da burocratização dos partidos políticos e, estes abandonaram o discurso revolucionário e se incorporaram a democracia burguesa.

O mesmo pode ser dito dos sindicatos, surgidos como órgãos representativos dos trabalhadores, que lutavam para defender o interesse e as reivindicações dos trabalhadores, foram se burocratizando cada vez mais. Neste processo, criaram-se grandes sindicatos, com recursos nos quais os dirigentes, que já não eram trabalhadores e sim burocratas, passaram de representantes dos trabalhadores a mediadores entre os trabalhadores e os capitalistas. Logicamente, neste processo, os sindicatos se corromperam e, passaram a defender a sociedade capitalista.

A crítica da socialdemocracia por parte de Pannekoek partiu desde a sua experiência no seu interior e sua evolução histórica, mas também pelo processo de reflexão destas experiências e da forma organizativa socialdemocrata. Se, num primeiro momento, a análise de Pannekoek apontava que os partidos socialdemocratas tinham desvios, principalmente devido a influências pequeno-burguesas, agora são vistos como obstáculos para a emancipação proletária devido a sua própria forma organizativa, burocrática (VIANA, 2011a, p. 31).

Tanto os partidos como os sindicatos assumiram posturas reformistas e, se não abandonaram, colocaram, discursivamente, a questão da revolução para um futuro distante. Estavam preocupados em conseguir melhorias dentro da sociedade capitalista sem almejar derrubá-la. No período em que as nações Europeias se envolveram no conflito de 1914 a 1918, este conflito trouxe dificuldades econômicas para os países envolvidos e, nesse contexto tivemos a Revolução Russa, bem como tentativas de revolução na Alemanha entre 1919 e 1921 (ROSENBERG, 1986). A guerra, aprofundou as crises que passava a sociedade Russa, junto com os problemas enfrentados pelo governo russo, o Tzar Russo caiu em fevereiro de 1917 – os bolcheviques só tomariam o poder em outubro (ROSENBERG, 1989).

A derrota na guerra também teve consequências na sociedade alemã. Uma vez que o país foi derrotado, mergulhou em uma crise econômica e o movimento dos trabalhadores viu no caos que o governo passava com o fim do conflito, a possibilidade de realizar a revolução. Isso era o que esperava Lênin (ROSENBERG, 1989), pois para os bolcheviques era fundamental que a revolução chegasse a um país de capitalismo desenvolvido. A Alemanha era, para eles, o país que reunia essas condições, e poderia ser o estopim da revolução em outros países, o que não ocorreu.

Toda essa breve história foi necessária para introduzir a ascensão dos comunistas de conselhos. Como dissemos anteriormente, os conselhos operários (Soviets) surgiram na Rússia. Na Europa ocidental, começou a haver dissidências nos

partidos socialdemocratas, que remontam ao final do século XIX, mas que se fortalecem a partir do início do século XX. Essas dissidências questionavam o reformismo dos mesmos e o abandono da luta pela transformação social.

O comunismo de conselhos é o nome que se dá a uma dessas dissidências da socialdemocracia que aglutinou suas tendências mais radicais, que foi chamada de “socialismo radical”. O socialismo radical, derivado de dissidências da socialdemocracia, surgiu em toda a Europa e outros lugares do mundo (como a Rússia) e era bastante diversificado: espartaquistas, bolchevistas, internacionalistas, tribunistas, etc. O ano de 1914 marcou a ruptura definitiva do socialismo radical com a socialdemocracia por causa do apoio desta aos créditos de guerra. Lênin vai escrever sobre “o renegado Kautsky” e passa a autodenominar sua posição de “comunista”. Na Alemanha, ocorrerá o mesmo processo, com a formação do Partido Comunista da Alemanha (KPD). Assim, o momento revolucionário faz se retomar a linguagem de Marx e o nome “comunismo” reaparece substituindo “socialdemocracia” e “socialismo” (e esses dois passaram a se confundir, apesar de muitos usarem socialismo como sinônimo de comunismo).

Uma vez que o nome comunismo foi adotado por diversos partidos e correntes, pode parecer que se criou uma unidade. Porém, não foi isso que ocorreu. Os derivados do socialismo eram, tal como este, diversificado. O que aconteceu foi que o bolchevismo, a partir de 1917, foi se tornando hegemônico e a instituição da III Internacional, garantiu sua hegemonia mundial, reforçada com a bolchevização dos partidos comunistas. Na Alemanha, e na Holanda, houve uma nova ruptura no interior do “comunismo”¹⁷, desta feita entre “comunistas de partido” (bolchevistas) e “comunistas de conselhos”, sendo que um colocava os partidos como agentes do processo revolucionário e a outra os conselhos operários.

Os comunistas de conselhos tiveram sua emergência neste contexto. Pannekoek, um dos mais destacados representante do comunismo de conselhos, realizou uma crítica a partidos e sindicatos em geral. Ele, e os demais, retomaram o marxismo revolucionário. Segundo Pannekoek:

¹⁷ Existiram outras dissidências, mais ou menos próximas ao comunismo de conselhos. Entre os menos próximos, o bordiguismo; entre os mais próximos, a esquerda extraparlamentar inglesa, de Sylvia Pankhurst.

Vemos hoje que a organização dos conselhos realiza na prática aquilo que Marx antecipara em teoria, mas cuja forma concreta era impossível de conceber naquela época. Quando a produção se encontra organizada pelos próprios produtores, a classe exploradora se vê automaticamente excluída da participação nas decisões, sem quaisquer outras formalidades. A concepção de Marx da ditadura do proletariado surge como idêntica à democracia operária da organização dos conselhos (2007, p.97-98).

Os conselhos operários que surgiram na Rússia em 1905, denominados Soviets, eram para os conselhistas a forma de auto-organização revolucionária do proletariado, a exemplo da Comuna de Paris de 1871. Em 1905, na primeira Revolução Russa, bem como em diversas tentativas de revolução proletária na Europa, sem falar na Revolução Russa de 1917, os conselhos operários também seriam as instituições de autogestão social na reorganização comunista da sociedade.

Segundo Pannekoek:

Os conselhos operários constituem a forma de autogoverno que substituirá, no futuro, as formas de governo do velho mundo. Não para sempre, bem entendido; nenhuma dessas formas é eterna. Quando a vida e o trabalho em comunidade constituem uma maneira normal de existir, quando a humanidade controla inteiramente a sua própria vida, a necessidade cede lugar à liberdade e as regras estritas de justiça estabelecidas anteriormente convertem-se num comportamento espontâneo. Os conselhos operários constituem a forma de organização desse período de transição durante o qual a classe operária luta pelo poder, destrói o capitalismo e organiza a produção social (2007, p.91)

Essa forma de organização exige uma participação ativa de todos no processo de tomada de decisões, do qual o conteúdo é de conhecimento de todos os envolvidos. Segundo Pannekoek (2007, 2011), os conselhos constituem órgãos de gestão, comunicação e discussão.

Os conselhos operários resgatam o espírito que existia na Comuna de Paris, na qual todos tinham voz, e as decisões eram tomadas coletivamente por decisão da maioria. Marx (2012), ao analisar a Comuna a viu como um embrião de uma futura sociedade comunista. Para Pannekoek:

Vemos hoje que a organização dos conselhos realiza na prática aquilo que Marx antecipara em teoria, mas cuja forma concreta era impossível de conceber naquela época. Quando a produção se encontra organizada pelos próprios produtores, a classe exploradora se vê automaticamente excluída da participação nas decisões, sem quaisquer outras formalidades. A concepção de Marx da ditadura do proletariado surge como idêntica à democracia operária da organização dos conselhos (2007, p. 97-98)

A experiência da Comuna de Paris foi teorizada por Marx e acabou sendo a essência da concepção marxista da revolução proletária, que é autogestionária (embora

sem usar esta palavra), sendo a Comuna considerada a forma encontrada da autoemancipação. Os comunistas de conselhos, tiveram acesso a novas experiências e puderam conhecer os conselhos operários (bem como apoiá-los e participar deles, bem como criticá-los e superá-los)¹⁸.

Os comunistas de conselhos apoiaram e teorizaram sobre essa nova forma organizacional efetivamente proletária. Além de Pannekoek, Otto Ruhle, Korsch, Mattick, Wagner, Canne Meijer, entre outros, começaram a defender essa forma organizacional como o meio da revolução proletária. A partir do que Pannekoek denominou como o “novo movimento operário” e da emergência dos conselhos operários, os comunistas de conselhos passam a teorizar sobre esta forma de auto-organização como meio para a revolução social e forma de organização da produção na sociedade comunista (Viana 2011).

Em síntese, a concepção de comunismo dos comunistas de conselhos aponta para uma nova sociedade fundada na auto-organização dos conselhos operários. Esse “sistema de conselhos” se generaliza em toda a sociedade e garante o autogoverno (hoje se usaria a palavra autogestão) da sociedade como um todo. Alguns comunistas de conselhos dedicaram obras para analisar essa nova sociedade. O grande destaque cabe a Pannekoek e sua obra *Os Conselhos Operários*, mas também Otto Rühle, Mattick, Korsch e outros fizeram importantes observações sobre ela. Os comunistas de conselhos retomam Marx e acrescentam um elemento fundamental que são os conselhos operários como formas de luta e revolução e, posteriormente, formas de gestão da nova sociedade.

1.4.3. O marxismo autogestionário

Por último, devemos apresentar uma outra concepção de comunismo, mas que, devido ao momento histórico e deformação do significado dessa palavra, não a usa mais e a substitui por “autogestão” ou “autogestão social”, ou, ainda “sociedade autogerida”. Essa concepção parece ser algo totalmente novo e distinto do pensamento

¹⁸ Alguns dos comunistas de conselhos participaram de conselhos (Paul Mattick, por exemplo, na época com 18 anos). Alguns conselhos, corrompidos e manipulados pela social-democracia, foram combatidos pelos comunistas de conselhos, o que demonstra que eles não possuíam nenhum fetichismo organizacional.

de Marx, mas não é bem assim. Ela traz novidades, mas sua essência já estava presente na concepção de Marx. No fundo, a ideia de autogestão já está no pensamento de Marx através do que ele denominou “autogoverno dos produtores”, “livre associação dos produtores”, “indivíduos livres e associados”, “comunismo”.

O termo autogestão emergiu com um significado mais amplo, para delimitar uma forma de socialismo diferenciada, existente na Iugoslávia, que se libertou do nazismo de forma independente da Rússia, ao contrário de outros países do leste europeu. Esse termo chegou até a França e ganhou um significado de uma nova sociedade, mas já desvinculado do regime iugoslavo, considerado criticamente pelas tendências políticas que adotaram tal termo. Durante a rebelião estudantil de Maio de 1968 é este último significado que vai se consolidar e depois será mantido por uns e deformado por outros. Essa deformação é realizada por sindicatos, empresários, intelectuais. Essa deformação transforma o termo em uma questão de administração de empresas e outros elementos parecidos. Assim, a partir desse momento, o termo é amplamente utilizado na administração, na economia, para designar atividades que sugerem uma utilização limitada do termo, ou uma utilização que não tem relação com o significado original das lutas estudantis e operárias da década de 1960.

A palavra autogestão é relativamente recente; apareceu em língua francesa no início dos anos 60¹⁹, e agora não somente é muitíssimo utilizada por grupos diversos (partidos, sindicatos, facções, círculos de estudos) que dela fazem a palavra de ordem ou um tema de pesquisas, mas seu emprego tornou-se corrente na grande imprensa, no rádio e televisão. Este uso generalizado criou uma espécie de saco de gatos, no qual já não se sabe bem que significados lhe competem (GUILHERM e BURDET, 1976, p.9).

O termo autogestão passou a ser muito utilizado na linguagem da administração a partir da emergência do modelo toyotista ou japonês de produção (VIANA, 2009, HARVEY, 2000). Esse modelo de produção ao exigir do trabalhador a execução de múltiplas tarefas no processo produtivo, ao contrário do fordismo, no qual o trabalhador executava uma tarefa na linha de montagem, abriu espaço para os administradores utilizarem, a suposta autonomia dos trabalhadores no processo produtivo como

¹⁹ Convencionado, como ficou, que a palavra autogestão, recentemente transplantada em França para designar o sistema Iugoslavo, se refere dessa forma a uma experiência em curso, cuja amplitude é ambígua e, pelo menos, diferente segundo os observadores, a própria significação da palavra deixa-se afetar pela referência imprecisa. Para alguns não existe, na Iugoslávia, verdadeira autogestão, mas uma simples participação nos escalões dirigentes das empresas; nessas condições, estaríamos a lidar com um conjunto de cooperativas cogerida, ou um conjunto industrial mais ou menos controlado pelos trabalhadores (GUILHERM e BOURDET, 1976, p. 13).

autogestão. Contudo, segundo Guillerme e Bourdet, o termo acaba sendo distorcido, segundo eles:

Assim, é um termo, como todas as palavras, que facilmente é confundido e distorcido. Isso ocorre principalmente com palavras do vocabulário revolucionário e que dizem respeito à nova sociedade, tal como já aconteceu com socialismo, comunismo, etc. Muitas vezes se confunde, nesse processo de deformação do termo, autogestão com processos que ocorrem nas relações de trabalho e bem como na organização das empresas capitalistas. Não se trata de autogestão e sim de participação, cogestão, controle operário e cooperativismo, ou seja, formas de participacionismo no seu próprio processo de exploração, mas são apresentados como se fossem (GUILLERME; BOURDET, 1976, p.9).

Esse termo, usado para se referir às relações sociais da sociedade capitalista, retira o sentido verdadeiro que essa palavra expressa. Cogestão, por exemplo, significa que os trabalhadores controlam o processo de produção junto com os gerentes (o que por si só já gera uma contradição), logo o trabalho é heterogerido, como se apresenta na sociedade capitalista. No capitalismo atual, essas expressões surgem para maquiagem a realidade de que o trabalhador é cada vez mais explorado e deformar a tradição de uma luta política revolucionária, visando domesticá-la.

Concluindo, a participação, o controle operário, a cogestão e as cooperativas podem existir no interior do modo de produção capitalista e, coexistem perfeitamente com ele. O capitalismo envolve todas estas manifestações e as colocam sob sua direção, direta ou indiretamente, mesmo que existam experiências autogestionárias em locais isolados, a autogestão só existirá como sociedade se confrontar com a sociedade capitalista, no qual um dos dois vencerá ocorrendo a destruição da experiência autogestionária ou a generalização da autogestão a nível nacional e posteriormente mundial.

A ideia de autogestão se liga ao marxismo autogestionário²⁰. O que é o marxismo autogestionário e qual é sua concepção de comunismo? Qual sua relação com o termo autogestão? Se o termo autogestão surge na França, nos anos 1960, ganhando o significado de uma nova sociedade, produto de uma revolução social, a partir da rebelião estudantil de maio de 1968 e das greves operárias em Paris, temos

²⁰ Outras tendências usaram tal termo, mas com significados distintos. Para muitos autonomistas e anarquistas contemporâneos, sem nenhuma reflexão ou fundamentação teórica ou histórica, autogestão é apenas uma forma de gestão entre outras e aliado com outros termos (que na concepção originária, na França, estariam incluídos nele), como “horizontalidade”, “democracia direta”, “forma de gestão”, “democracia de base”, etc.

um processo de consolidação desse termo com este significado através de alguns autores marxistas. Nesse caso, cabe destaque para Yvon Bourdet e Alain Guillermin. Esses dois marxistas autogestionários, ao lado de outros, vão proporcionar uma nova discussão que rompe com os termos deformados de “socialismo” e “comunismo”. O marxismo autogestionário se desenvolve posteriormente, tal como no Brasil, através das obras de Maurício Tragtenberg, Fernando Motta, Lúcia Bruno, Nildo Viana, Lucas Maia, Edmilson Marques e outros.

O conceito de autogestão se opõe ao “socialismo real” e sua deformação terminológica. Do debate que fizemos nos tópicos anteriores sobre o socialismo, falamos do bolchevismo e da socialdemocracia. O que foi implantado na Rússia, com a desculpa de que era um país atrasado e que precisava de um desenvolvimento das forças produtivas para posteriormente implantar o comunismo, foi um capitalismo de estado. Neste, a burocracia e a burguesia se fundem e se mantém a característica fundamental do capitalismo, a extração de mais-valor. Isso já havia sido apresentado por diversos autores e militantes desde os anos 1920 (incluindo os comunistas de conselhos) e é retomado nesse contexto.

Diante desse quadro, o “socialismo real” (capitalismo de Estado), passou uma imagem, ajudada pela campanha anticomunista, feita pelos capitalistas, de ser uma ditadura na qual a liberdade era um sonho irrealizável. Lógico que o regime soviético estava tão distante do comunismo, tal como concebido por Marx e outros, como a terra está do sol. Então como o marxismo autogestionário concebe o “socialismo”, ou melhor, a autogestão?

A autogestão, ou sociedade autogerida²¹, é uma atualização e desenvolvimento da concepção de Marx de “comunismo” e da concepção de Pannekoek de “sistemas de conselhos”. A diferença reside no fato de que as experiências históricas posteriores a Marx e Pannekoek, entre outros, e a análise de suas contribuições, bem como as lições de como não fazer a partir das experiências do capitalismo estatal, alguns elementos foram destacados, algumas sugestões novas, algumas ideias advindas das experiências passadas.

²¹ Algumas pessoas dizem, equivocadamente, sociedade “autogestada” ou “autogestionada”. O equívoco vem de leituras em idioma espanhol, sendo a forma espanhola de autogerida. Outros já confundem como “autogestionário”. Autogestionário é o que tem o objetivo da autogestão, assim como revolucionário tem como objetivo a revolução. Uma vez que a revolução ou a autogestão já ocorreu, o que temos é algo concretizado, objetivo realizado, que seria algo “revolucionado” ou “autogerido”.

Um destes elementos é justamente a mutação linguística, pois os termos “comunismo” e “socialismo” foram demasiadamente desgastados e confundidos como regimes ditatoriais (capitalismo de estado), partidos (“comunistas”, dos mais variados tipos: stalinistas, maoístas, eurocomunistas, etc.). A palavra busca resgatar e enfatizar a essência da nova sociedade. Sendo uma sociedade na qual a liberdade e a história são definidas pela humanidade, pela coletividade, conscientemente, então o nome autogestão expressa sua essência.

A determinação fundamental do modo de produção comunista só pode ser a autogestão. Isto significa, entre outras coisas, que a autogestão não é apenas uma forma política (democracia direta) do comunismo e nem mero método de gestão das empresas. A autogestão é uma relação de produção que se generaliza e se expande para todas as outras esferas da vida social. A autogestão inverte a relação entre trabalho morto e trabalho vivo instaurada pelo capitalismo e, assim, instaura o domínio do trabalho vivo sobre o trabalho morto (VIANA, 2007, p. 94).

Assim, a autogestão é percebida como uma nova sociedade, uma totalidade, fundada na autogestão das fábricas e do conjunto das relações sociais. Através de comunas (regiões) e conselhos, se realiza o processo de autogestão generalizada da sociedade (VIANA, 2008b). Aqui se retoma a ideia de Marx de abolição da divisão social do trabalho e sua substituição por uma divisão temporal do trabalho (VIANA, 2008).

Mas o mais interessante da concepção marxista autogestionária é retirada das experiências de burocratização no capitalismo estatal. Dessas experiências, se percebeu a necessidade de evitar concessões contrarrevolucionárias. Essas concessões contrarrevolucionárias impediriam a revolução proletária ou abriria brechas para, no seu interior, se realizar uma contrarrevolução. Marx já havia percebido isso ao propor o sistema de bônus (Marx, 2012a), e Rosa Luxemburgo também ao questionar Lênin e Trotsky sobre a distribuição de terras.

O que o marxismo autogestionário, partindo das experiências anteriores, observar novos riscos de concessões contrarrevolucionárias e traz como destaque a percepção da burocracia como obstáculo para a emancipação humana. É por isso que o marxismo autogestionário coloca ênfase na abolição das organizações burocráticas, do Estado, partidos, sindicatos, pois elas, persistindo, são elementos contrarrevolucionários que impedem a revolução ou sua vitória, como ocorreu na Rússia, Alemanha, Espanha, etc. Isso coincide com a concepção de Marx da

autoemancipação proletária, pois é o conjunto do proletariado através de suas formas organizacionais (conselhos, comunas) que deve realizar o processo revolucionário (com apoio das organizações revolucionárias não-burocráticas) e se generalizar. Assim, a concepção de autogestão do marxismo autogestionário é a da autogestão generalizada por toda a sociedade e em todas as relações sociais.

Depois de recordar as diversas concepções a respeito da nova sociedade, podemos passar para a próxima etapa, que é analisar o pensamento de Erich Fromm e descobrir o que ele entendia por “socialismo”.

CAPÍTULO 02

A FORMAÇÃO SOCIAL E INTELECTUAL DE ERICH FROMM

No primeiro capítulo fizemos uma extensiva análise teórica que serve tanto de embasamento para o nosso trabalho, como para explicar as influências que Fromm teve na sua trajetória intelectual. No segundo capítulo buscaremos as determinações do seu pensamento. Para isso vamos abordar a sua biografia, o contexto em que viveu e o seu desenvolvimento intelectual.

2.1. Uma breve biografia

Erich Fromm nasceu em 1900. As informações que dispomos são de biógrafos e do próprio Fromm que fez um livro biográfico (1965) no qual expôs as suas influências e como seu pensamento foi sendo estruturado. Fromm descende de uma família de judeus, era filho de Naftali Fromm e Rosa Krause, que eram judeus ortodoxos. O seu pai era comerciante de vinhos e sua mãe era dona de casa. Assim, devido sua família e influência religiosa, ele mesmo pensou em se tornar um rabino. Na sua infância, a religião teve um importante papel para a sua formação intelectual. Fromm relata que lia a bíblia e tinha predileção pelas histórias do antigo testamento.

Ele passou sua infância em Frankfurt, Alemanha, e onde acabou iniciando sua formação no curso de direito, durante dois semestres. Logo depois, mudou de cidade e de curso. Ele passou a morar em Heidelberg, onde passou a cursar sociologia e terminou seu doutorado em 1922, com a orientação de Alfred Weber, irmão de Max Weber. Nesse período teve aulas com Karl Jaspers, famoso filósofo existencialista, e Heinrich Richter, representante da corrente denominada “historicismo alemão”. Ele teve um breve envolvimento com organizações estudantis sionistas, das quais se afastou posteriormente. Até 1925 teve aulas de Talmude com o rabino Salman Baruch Rabinkow.

A partir de 1920 ele inicia sua formação como psicanalista no Instituto Psicanalítico de Berlim, com um discípulo de Freud, Hanns Sachs. Foi nesse período que conheceu Frieda Reichmann, psicanalista com a qual se casaria em 1926. Ambos abandonariam o modo de vida judeu ortodoxo. A partir de 1929 Fromm começa a

exercer psicanálise em Berlim. A partir de 1930 ele iniciou seus estudos e interesse pelas obras de Marx e em 1930 foi convidado por Max Horkheimer para dirigir o Departamento de Psicologia do recém formado Instituto de Investigação Social de Frankfurt, que mais tarde se tornaria conhecida como “Escola de Frankfurt”. Ele também fez parte, ao mesmo tempo, do grupo de psicanalistas influenciados pelo marxismo, especialmente Wilhelm Reich e Otto Fenichel.

Algumas mudanças ocorrem em sua vida nesse período. Em 1931, se separou de Frieda Reichmann (se divorciou oficialmente apenas em 1942), apesar de manter amizade com ela pela resto da vida. Por outro lado, a ascensão do nazismo em 1934, promoveu sua saída da Alemanha. Fromm mudou-se para Genebra (Suíça), emigrando em maio de 1934 para os Estados Unidos, onde trabalhou na Universidade de Columbia, Nova Iorque. Em 1939, as suas divergências intelectuais com os demais membros da Escola de Frankfurt, especialmente Herbert Marcuse e Theodor Adorno, promovem a sua desvinculação do mesmo.

Fromm fugido do nazismo emigrou para os EUA no começo dos anos 30, lá trabalhou em universidades e neste período aconteceu sua saída do Instituto de Pesquisa Social. Segundo Wiggerhaus (2006), com a ascensão do nazismo na Alemanha o instituto se mudou para França e Inglaterra, posteriormente foi para os Estados Unidos. Neste mesmo tempo o instituto passava por dificuldades financeiras e segundo Wiggershaus estava com dificuldades para pagar os salários dos membros. Horkheimer esperava que os pesquisadores residentes nos EUA conseguissem se ligar às universidades e se mantivessem ligados ao instituto. Contudo, existiam divergências com o pensamento de Fromm, segundo Wiggershaus

A partir dos anos 1940, Fromm desenvolve uma intensa produção intelectual, publicando vários livros, muitos se tornando bastante populares. Em 1943, foi um dos membros fundadores da filial da Escola de Psiquiatria de Washington, na cidade de Nova York. Também colaborou com o Instituto William Alanson White de Psiquiatria, Psicanálise e Psicologia. Em 1944, casou-se com Henny Gurland, imigrante judia e alemã.

Em 1950, Fromm mudou para o México, sendo que Henny Gurland faleceria algum tempo depois. Ele lecionou na Universidade Nacional Autônoma do México e

fundou, nesta instituição, a Seção Psicanalítica da Escola de Medicina e Instituto Mexicano de Psicanálise. Em 1953, casa-se com Annis Glove Freeman. Nesse período se envolveu com movimentos pacifistas norte-americanos. O FBI teria cerca de 600 páginas dedicadas a ele em seus arquivos, especialmente sobre seu envolvimento com o ativismo.

Em 1956, junto com alunos, fundou a Sociedade Mexicana de Psicanálise. Em 1957, entrou em contato com Daisetsu Teitaro Suzuki, em um seminário realizado na UNAM e que, três anos depois (1960), publicará um livro em conjunto, intitulado *Zen Budismo e Psicanálise*. Ele também mantinha contatos regulares com outros intelectuais e militantes renomados, tanto pessoalmente quanto em conferências e através de correspondências, como a psicanalista Clara Thomson (autora de *A Evolução da Psicanálise*), o educador Alexander Neil (autor de *Liberdade sem Medo*, cujo prefácio é de Erich Fromm), o pedagogo Paulo Freire, a militante autonomista americana Raya Dunayevskaya (que produziu escritos sobre Rosa Luxemburgo, Marx, entre outros temas debatidos entre marxistas) e o filósofo austríaco, que também passou a residir no México, Ivan Illich (autor de *A Sociedade sem Escolas*). Nessa época, ele lecionava também na Universidade Estatal de Michigan e acabou se afastando em 1974, quando se mudou para Muralto, Suíça. Em 1980 vem a falecer.

2.2. A Formação Intelectual de Erich Fromm

A produção intelectual de Fromm remete ao seu processo histórico de vida, do qual colocamos alguns elementos. Nesse contexto, cabe destaque para sua formação intelectual. Já colocamos, de forma descritiva, alguns elementos desse processo, como sua formação acadêmica e psicanalítica, os círculos intelectuais que participou, entre outros elementos. Mas Fromm, como todo pensador criativo, partiu de algumas preocupações que incentivaram a refletir e produzir intelectualmente. E essas preocupações eram interpretadas a partir do referencial que ele possuía, assimiladas a partir de seus valores e concepções anteriores.

Vamos destacar alguns elementos, que julgamos significativos, no processo de formação intelectual de Fromm. Um evento em específico, a Primeira Guerra Mundial, o levou a indagações sobre como funcionavam as sociedades e como a sociedade

moderna, supostamente governada pela razão, poderia chegar a barbárie da guerra. Os relatos de soldados sobre o que acontecia no front intrigavam o jovem Fromm e isso o levou a querer explicar por que a guerra era possível. O próprio autor relata o interesse por Marx despertado pela busca dessa explicação, pois este tinha uma teoria das sociedades humanas e, especialmente, da sociedade moderna, capitalista. Para Marx, a sociedade capitalista é fundada em relações de exploração e dominação de classe. A reprodução dessa sociedade torna necessário que a classe dominante crie um processo de legitimação e justificação dela, o que pressupõe ocultar ou deformar a percepção das relações de exploração e dominação através de ideologias.

Fromm também aponta o interesse pelas ideias de Freud e pela psicanálise, pois ela trazia elementos importantes para compreender os processos psíquicos e sociais. Freud, ao elaborar o conceito de inconsciente, produziu um novo olhar sobre o homem e sua mente. Antes de Freud, era comum acreditar que um indivíduo, quando firma alguma coisa, expressava o que estava realmente em sua mente. Depois da descoberta do inconsciente, pode-se dizer que o que é dito pode não expressar o que o indivíduo sente ou suas motivações mais profundas.

Marx e Freud foram as duas grandes influências no pensamento de Fromm, tal como ele mesmo explicitou em várias passagens (FROMM, 1965 a, 1970, 1975 a). Eles foram as duas grandes fontes de inspiração que contribuíram com a estruturação do seu pensamento. A formação psicanalítica de Fromm se manifesta no seu pensamento, no qual busca uma explicação da sociedade e dos fenômenos culturais a partir da contribuição psicanalítica, cujo grande nome e fonte de inspiração é Freud. A preocupação com os rumos da sociedade moderna, desde o impacto para Primeira Guerra Mundial, como da Segunda Guerra Mundial e o medo comum nos Estados Unidos da chamada “Guerra Fria”, e de uma possível “Terceira Guerra Mundial”²², lhe afligia e para compreender esse processo lançava mão do pensamento de Karl Marx. A partir de sua inspiração no marxismo, Fromm busca explicar os processos envolvidos na condição de vida na sociedade capitalista e também os mecanismos que permitem o funcionamento e reprodução dessa sociedade. Neste ponto chegamos a questão central

²² Essa era uma preocupação relativa comum nessa época, tal como se pode deduzir do título do livro do sociólogo C. Wright Mills, *As Causas da Próxima Guerra Mundial*, e, no caso de Fromm, é explicitado em algumas de suas obras.

no pensamento de Fromm: a sua busca de uma síntese entre marxismo e psicanálise, que se manifestava, para ele, como uma síntese entre o pensamento de Marx e Freud.

Com o passar do tempo e a ascensão do nazismo, essa foi outra preocupação que gerou um impacto no pensamento de Fromm. Slater (1978) coloca que os primeiros anos da Escola de Frankfurt coincidiram com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. Isso trazia a necessidade de uma explicação para tal fato, que poderia ser explicado pela política, visto que os nazistas tinham o apoio da burguesia, ou da economia, uma vez que o país estava mergulhado nas crises que sucederam ao fim da Primeira Guerra Mundial. Segundo Slater, o ponto máximo das crises que passava a Alemanha e o capitalismo, foi a crise de 1929²³.

Porém, a economia ou a política poderiam explicar o fascínio que Hitler exercia sobre a população? Como que a classe operária, que deveria se opor ao nazismo, não ofereceu resistência a sua chegada ao poder? E, como explicar o apoio das demais classes, em meio a uma crise econômica? Essas questões tiveram impacto sobre a Escola de Frankfurt, bem como sobre o pensamento de Fromm.

Nesse contexto, uma breve exposição sobre Fromm e a Escola de Frankfurt se torna importante para compreender sua formação intelectual. Como colocamos anteriormente, Fromm iniciou seus estudos em sociologia filosofia e psicologia e depois começou sua formação psicanalítica. Nesse momento, a sua ligação com a psicanálise também passava por outros jovens psicanalistas que buscavam unir marxismo e psicanálise, como Reich e Fenichel. A sua participação na Escola de Frankfurt ocorre nesse contexto de formação psicanalítica e aproximação com o pensamento de Marx. O pensamento de Freud teve também forte influência nos demais pensadores da Escola de Frankfurt, sendo que alguns manifestariam isso posteriormente em suas obras, como Marcuse, Adorno e outros. Da mesma forma, Karl Korsch, um dos grandes representantes teóricos do marxismo alemão, participou da fundação do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, ao lado de outros intelectuais considerados marxistas.

²³ Outra explicação remeteria para a crise do regime de acumulação intensivo, que havia começado bem antes e a crise de 1929 seria um fenômeno posterior, prolongando a crise e dificuldade de reprodução do capitalismo (VIANA, 2009).

Fromm participou da formação da Escola de Frankfurt (SLATER, 1978) e foi um dos responsáveis por fazer essa aproximação entre marxismo e psicanálise. A Escola de Frankfurt demonstrava ter uma grande influência do pensamento de Marx e outros marxistas (tal como o próprio Korsch, Lukács, entre outros). Segundo Nobre:

Nos escritos de Horkheimer da década de 1930, o campo da teoria crítica tem como critério de demarcação fundamental o seguinte: produz teoria crítica todo aquele que desenvolve seu trabalho teórico a partir da obra de Marx. Seguem-se daí pelo menos duas características da teoria crítica. Em primeiro lugar, ela designa um campo que já existia previamente à sua conceituação pelo próprio Horkheimer, isto é, o campo do marxismo. Nesse primeiro sentido, Horkheimer pretende ter conceituado os elementos teóricos fundamentais que distinguem o campo do marxismo de outras concepções teóricas. É o que se pode chamar de teoria crítica no sentido amplo. Em segundo lugar, Horkheimer dá sua versão desses elementos teóricos fundamentais, quer dizer, apresenta tanto a sua interpretação específica do pensamento de Marx como procura utilizar-se desses parâmetros interpretativos para analisar o momento histórico em que se encontra (2004, p. 22).

A teoria crítica, no seu início, pretendia realizar um diagnóstico das condições da sociedade capitalista e que sirva de mediação para os que estão na luta de forma prática (SLATER, 1978). O primeiro trabalho desenvolvido com a Escola de Frankfurt foi o estudo sobre a personalidade autoritária. Nesse contexto, emerge as primeiras análises de Fromm e sua tentativa de junção entre marxismo e psicanálise:

É nos primeiros ensaios teóricos de Erich Fromm, publicados pela Zeitschrift für Sozialforschung no início dos anos 30, que se encontra uma primeira elaboração das noções de “personalidade autoritária” e de “caráter autoritário”. Uma sociologia psicanalítica, explica Fromm, não se reduziria –como sugere uma leitura possível de Freud, mas que não respeitaria verdadeiramente sua originalidade –, à aplicação, ao macro sujeito ou a um grupo de hipóteses primeiramente adquiridas pelo estudo do indivíduo. Ela deve antes partir do princípio do caráter altamente modificável da libido individual para mostrar como ela se encontra, em parte, modelada pelas condições sociais e explica, por sua vez, a estabilidade histórica destas últimas. Essa é uma caracterologia [caractérologie] que fornece o elo essencial à construção, se entendermos por caráter a maneira que os modos de satisfação ou não satisfação da libido se estabelecem em disposições duráveis, e é ela que permite percorrer o arco que vai das categorias psicológicas ao diagnóstico sobre o mundo contemporâneo. Assim, levando em consideração o quadro burguês que emerge dos estudos históricos de Weber e de Sombart, Fromm segue as sugestões do ensaio de Freud sobre “Caráter e erotismo anal” e não tem dificuldade de reconhecer, no referido quadro, os traços de caráter, dominado por paixões tais como a cobiça e a inveja, a disciplina, a meticulosidade e o gosto obsessivo pela ordem, que constituem inicialmente para ele (no contexto perturbado da crise do regime de Weimar) uma síndrome que favorece a emergência de autoridades políticas repressivas e a fascinação pelos poderes fortes. O “Espírito do Capitalismo”, que deve ser, a partir de agora, explicado em termos psicanalíticos e não creditado precipitadamente a uma capacidade

racionalizadora excepcional, como o faz Weber, continha em germe, ao lado de aspectos emancipatórios indiscutíveis, um apelo à autoridade factual e à obediência pura da qual nossa época revela os perigos (HABER, 2014, p. 339-340).

Assim, em suas pesquisas e análises, ficava evidente que para Fromm havia uma compatibilidade entre marxismo e psicanálise e isso se manifestou em várias teses e afirmações que ele efetivou.

Fromm sustentava que Freud desenvolvera uma psicologia bastante aceitável: a psicanálise era uma ciência social, materialista e histórica. Fromm argumentava que a teoria do impulso era compatível com o marxismo, já que a constituição impulsiva só se manifesta numa interação dialética com as experiências vitais sócio historicamente específicas. Marx, em seus primeiros escritos, referiu-se aos impulsos ou instintos (triebe) do homem, em *O Capital* aceitou a natureza primária de certos impulsos referindo-se à natureza humana em geral e à natureza humana modificada em cada época histórica. Para Marx, a satisfação das necessidades básicas leva a novas necessidades, embora ao mesmo tempo produza o objeto de consumo, a maneira de consumo e o motivo de consumo. Portanto, o homem produz a si mesmo satisfazendo suas necessidades, criando novas formas dessas necessidades, e criando novas necessidades (SLATER, 1978, p.143).

Assim, os estudos de Fromm, impactado pelas guerras mundiais e pelo nazi fascismo, prosseguia. O seu exílio não lhe retirou a preocupação com o nazismo, tal como se observa em sua obra *O Medo à Liberdade* (FROMM, 1978). Segundo Fromm:

Considere-se por um momento a espécie de entusiasmo desvairado que milhões de pessoas podem contrair por líderes políticos (isso aconteceu não só na Alemanha mas também em outros países). Ora esses líderes foram ruins; ora foram bons. Não é essa, porém a questão fundamental, por mais importante que possa ser. Mais significativo para a nossa análise é o fato de que a maioria das pessoas- e talvez devêssemos dizer, neste ponto, graças a Deus, embora a tendência também seja extremamente perigosa- sente um profundo anseio por alguém que surja e salve o mundo, alguém que fala a verdade, que nos dê segurança, que nos conduza e zele por nós. E quando surge alguém que sabe desempenhar o papel desse líder bem intencionado, as pessoas transferem suas expectativas para ele e convencem-se que aí está o salvador, o redentor, mesmo quando ele não passa, de fato, de um destruidor que desencadeará a catástrofe sobre as pessoas e sobre o país delas. Até mesmo líderes medíocres expressam e exploram com frequência as expectativas das pessoas. Muitos políticos fazem deliberado e consciente a tendência das pessoas para transferência e obtêm grande êxito recorrendo a ela. Conseguem impressionar os eleitores porque têm boa presença na TV, porque dizem ao povo o que ele quer ouvir, porque beijam bebês e porque reforçam a ilusão de que estão cheios de boas intenções (1986, p.82).

A explicação do nazismo por Fromm remete a sua formação intelectual e centrada nas concepções de Marx e Freud. Isso também se aplicou a outros temas e toda a análise que Fromm fez de variados fenômenos, incluindo a sociedade capitalista do pós-guerra:

A utilização marxista de conceitos freudianos por Fromm resultou também numa explicação da estabilidade das sociedades de classes, que parecia prometer uma duração eterna para a miséria e a injustiça. Segundo os conceitos essenciais de Fromm, que forneceram a Freud uma aproximação à teoria das classes, as relações de força da sociedade de classes renovam, para os dominados, a situação infantil. Eles sentem os dominantes como poderosos, os fortes, as pessoas consideradas, contra as quais é inútil erguer-se, e às quais parece mais razoável pedir proteção e bem-estar em troca de proteção e amor. A ideia de Deus cria as disposições para se submeter à figura do pai, mesmo na idade adulta, a para ver os dominantes sob um aspecto transfigurado (WIGGERSHAUS, 2006, p.88).

Esses dois pensadores foram as principais referências teóricas de Fromm. Mas, sem dúvida, não foram as únicas. Fromm também sofre impacto da sua formação religiosa e, em menor grau, sociológica, bem como foi leitor de um grande número de pensadores e manteve contato direto com diversos autores e intelectuais de sua época, inclusive se envolvendo em polêmicas e divergências, tais como com Wilhelm Reich e Herbert Marcuse (FROMM, 1990). No entanto, as principais fontes de inspiração de Fromm foram, sem dúvida, os dois pensadores alemães. Isso é perceptível pelas ideias e concepções defendidas por ele, mas, principalmente, por suas referências diretas e reconhecimento de sua dívida intelectual com Marx e Freud, apresentadas em várias obras. Sem dúvida, isso não lhe impedia de ter discordâncias e apresentar críticas a esses autores, como mostraremos a seguir, mas é inquestionável que a formação intelectual de Fromm se fundamentou nesses dois pensadores e que até mesmo as críticas remetem a eles (quando critica Freud, se baseia, muitas vezes, em Marx, e vice-versa). Nesse sentido, para compreender a concepção de Fromm é necessário compreender a interpretação que ele faz destes pensadores e como ele, a partir de sua síntese, elaborou uma das mais conhecidas versões do que se convencionou denominar “freudo-marxismo”.

2.3. Fromm e Freud

A compreensão do pensamento de Fromm remete à sua formação psicanalítica. Fromm fez análise, estudou psicanálise, participou de círculos intelectuais formados por psicanalistas, bem como passou pela Escola de Frankfurt, na qual a psicanálise também tinha uma forte presença. Depois disso passou a ser analista, participou de sociedades psicanalíticas (fundando, inclusive, a Sociedade Mexicana de Psicanálise),

bem como nas universidades pelas quais passou ensinava psicanálise e trabalhava com psicanalistas e profissionais de áreas próximas (neurologia, psiquiatria, psicologia, etc.).

A base do pensamento de Fromm foi a psicanálise, com destaque para a produção intelectual de Sigmund Freud. Entender Fromm pressupõe entender essa formação e opção profissional e intelectual, especialmente sua leitura peculiar de Freud e Marx, na qual a leitura de um gera elementos interpretativos de outro. O nosso objetivo aqui é mostrar os impactos das ideias freudianas sobre Fromm, bem como a leitura peculiar que ele fez de Freud e como ele revisou as concepções psicanalíticas numa nova concepção, que traz à tona a questão social e cultural, bem como a análise marxista.

A relação de Fromm com Freud e a psicanálise é complexa, pois ele também efetivava críticas não somente ao fundador da psicanálise, como também a outros psicanalistas (apesar de isso ocorrer em bem menor grau). Nessa sua crítica e interpretação, ecoa elementos extraídos do marxismo e de sua preocupação ética e humanista. Fromm afirmava que a preocupação com a “alma humana” remonta à antiguidade e se manifestava fundamentalmente através da ética. A ética tinha por finalidade compreender a alma humana com o objetivo de buscar tornar as pessoas melhores (FROMM, 1970, p. 71).

Esse ideal entra em declínio com a ascensão do capitalismo. A emergência do capitalismo, com a formação de novas classes, generalização da produção de mercadorias, modernização das relações sociais, entre outras, geraram uma alteração que abalaram essa psicologia (ideal ético)²⁴. A nova classe dominante necessita, ao mesmo tempo, ocultar a exploração de classes e tornar a competição social um elemento fundamental da sociabilidade, tornando o ideal ético anterior incompatível com os valores da sociedade capitalista. Erich Fromm observa que é neste contexto que emerge a psicologia moderna. Segundo ele:

O período moderno assistiu ao nascimento de uma psicologia totalmente diferente, a qual, em seu todo, não tem muito mais de uma centena de anos. Essa psicologia tem um propósito diverso. Seu objetivo não é entender a alma humana para que possamos ser melhores seres humanos; sua finalidade é – em termos claros – entender a alma humana para tornar-nos

²⁴ Psicologia aqui, não se refere apenas à ciência psicológica, que só vai surgir na sociedade capitalista, mas as formas de interpretação do ser humano, de sua mente, de sua posição diante do mundo, e é nesse sentido que Fromm pensa em “psicologia” na sociedade antiga (escravista).

seres humanos mais bem-sucedidos. Queremos entender-nos e entender os outros de modo a podermos ficar em vantagem na vida, podermos manipular os outros e podermos estruturar-nos de forma favorável ao nosso próprio progresso (FROMM, 1980, p.71).

Em sintonia com os valores da sociedade capitalista²⁵, essa psicologia tem uma característica utilitarista e que busca explicações para o comportamento do homem de forma a simplificar o comportamento humano e, mais importante, oferecer “soluções” para tornar os seres humanos “bem-sucedidos”.

Segundo Fromm, as duas principais escolas de psicologia e que mais tarde se tornam conhecidas foram o behaviorismo e o instintivismo. Em linhas gerais, os behavioristas colocam que o objeto de estudo da psicologia não é a mente e sim o comportamento, pois este é “empírico”. Os behavioristas analisam o comportamento humano separando-o dos seres humanos, ou seja, abstraindo suas características, entre outros processos. Através da ideia de “estímulo-resposta” e da pretensão de condicionamento comportamental, empobrecem a compreensão dos indivíduos.

Os instintivistas, por sua vez, se baseiam na teoria do instinto e, consideram que o comportamento humano é motivado por um instinto independente de nossa vontade. Assim, segundo essa ideologia, se somos agressivos, é devido ao instinto agressivo, bem como os demais comportamentos humanos são derivados da base instintual humana. Segundo Fromm (1980), essa concepção realiza um processo de simplificação na explicação do comportamento humano e acaba gerando um determinismo biológico em contradição com a realidade e a complexidade dos seres humanos.

O pensamento de Freud, bem como a psicanálise em geral, se diferencia das correntes acima citadas (e das demais correntes da psicologia e ciências próximas). Segundo Fromm, a psicanálise freudiana apresenta uma teoria dinâmica do caráter humano (FROMM, 1965) e busca explicar as razões, muitas vezes inconscientes de determinados comportamentos. Assim, um comportamento corajoso é explicado diferentemente por essas três concepções. Para um behaviorista, o comportamento corajoso pode ser condicionado; para os instintivistas é motivado pelo instinto; para psicanálise a explicação é mais complexa, pois esse comportamento pode apresentar diversas motivações em cada caso concreto. Um comportamento corajoso pode ser

²⁵ Os valores da sociedade capitalistas são orientados pela competição, mercantilização e burocratização (VIANA, 2007) e Fromm aborda vários desses aspectos em *Psicanálise da Sociedade Contemporânea* e *Ter ou Ser?* Entre outras obras.

motivado por desejo de ser famoso, por tendências suicidas do indivíduo que o realiza, entre diversas outras possibilidades.

Fromm demonstra sua ligação com a psicanálise ao apresentar a tese de que ela pode ser considerada uma “teoria revolucionária”. Para Fromm, o aspecto revolucionário do pensamento de Freud está na descoberta do inconsciente. Embora já se falasse de inconsciente (FROMM, 1965), Freud foi o primeiro a sistematizar uma teoria acerca do inconsciente. Segundo Fromm, os três conceitos fundamentais da psicanálise, que estão interligados são o inconsciente, a resistência, a transferência. Ele explica o conceito que considera principal na psicanálise freudiana:

O primeiro conceito central que quero mencionar é o do inconsciente ou da repressão. Este conceito é usualmente esquecido nos dias de hoje. Quando as pessoas pensam em psicanálise, as primeiras coisas que lhes acodem à mente são o ego, o superego e o id; o complexo de Édipo; e a teoria do libido, embora Freud não tenha incluído em sua definição básica de psicanálise nenhuma dessas coisas (FROMM, 1986, p.77).

Segundo a concepção freudiana, o inconsciente é povoado pelos desejos reprimidos. O vínculo entre inconsciente e repressão é fundamental para a compreensão deste conceito. Para Freud, a repressão é realizada em relação aos instintos do homem²⁶ que são incompatíveis com a vida em civilização. Quando falamos do inconsciente, estamos falando de um conteúdo oculto na mente humana, embora, de acordo com Fromm, o correto é falar que o inconsciente é uma função da mente. Para entender esse ocultamento é preciso entender a outra descoberta fundamental de Freud, a resistência:

Se fazemos as pessoas adquirir consciência dos motivos reais subjacentes em suas ações, elas reagem com o que Freud chamou de resistência. Elas rejeitam a informação. Até a informação oferecida no próprio interesse delas e com maior boa vontade em ajudá-las é violentamente rejeitada. Recusam-se a ver essa realidade em si mesmas (FROMM, 1986, p. 79).

A resistência se manifesta no comportamento agressivo que as pessoas têm quando são confrontadas, pois tendem a negar o que vai contra as suas convicções ou racionalizações. Desta forma, quando num processo analítico o analista coloca a aparente irracionalidade de um comportamento mostrando suas reais motivações

²⁶ Não poderemos entrar aqui no detalhe que é o conceito de “instinto” e a polêmica em torno do mesmo. A palavra é traduzida por instinto, pulsões ou impulsos, não só na obra de Freud como em diversos outros psicanalistas. Alguns sustentam que a tradução mais adequada são pulsões e usam argumentos para justificar essa tradução, enquanto que outros, baseando-se em outra tradução e compreensão do que seria mais adequado, mantém instintos. Utilizamos aqui o termo adotado pelas traduções das obras de Fromm.

(inveja, por exemplo), ele tende a racionalizar e recusar veementemente e, não muito raramente, de forma agressiva, a interpretação psicanalítica²⁷.

Por fim, outro conceito importante é o de transferência. Para Freud (FROMM, 1986), a transferência ocorre quando o paciente vê o analista como um substituto afetivo de outra pessoa e atribui a ele o papel que essa pessoa desempenhou em sua vida. Esse conceito está, em Freud, estritamente ligado à análise terapêutica. Porém, Fromm concebe tal conceito com um significado que vai muito além da terapia. Segundo Fromm:

A transferência é provavelmente uma das razões mais comuns para o erro e o conflito humano na apreensão da realidade. Faz-nos ver o mundo através das lentes dos nossos próprios desejos e temores e, por conseguinte, levamos a confundir a ilusão com a realidade. Não vemos as outras pessoas como realmente são mais do modo que queremos que elas sejam ou tememos que elas sejam. Essas ilusões acerca de outras pessoas assumem o lugar da realidade. Não percebemos os outros como são mas como nos parecem ser, e quando lhes reagimos, estamos reagindo a produtos de nossa imaginação e não a seres humanos reais e independentes (FROMM, 1986, p.81).

Além dos conceitos citados acima, a obra de Freud tem como principais descobertas (FROMM, 1986): O complexo de Édipo, o narcisismo, a teoria dinâmica do caráter e o significado da infância. Sem dúvida, uma discussão sobre tais conceitos seria importante. Contudo, não é nosso objetivo colocar a interpretação de Fromm sobre os principais conceitos elaborados por Freud. Apresentamos os três e colocamos que existem diversos outros, que Fromm debateu em suas obras. Essa discussão sobre tais conceitos demonstram a proximidade e inspiração que Freud despertou em Fromm.

Porém, apesar de toda admiração e inspiração que Freud e a psicanálise despertavam em Fromm, ele não era acrítico em relação a sua produção intelectual. Assim, é possível afirmar que Fromm realiza três formas de críticas a Freud: a sociocultural, a política e a intelectual. Isso foi explicitado como “crítica metodológica”, “crítica ao biologismo” e “crítica política”:

Podemos dizer que Fromm endereçou a Freud diversas críticas. Podemos destacar, em primeiro lugar, a crítica metodológica; em segundo lugar, a crítica do biologismo e pansexualismo; em terceiro lugar, a crítica política. Estes três elementos não esgotam as divergências e críticas de Fromm a Freud, mas são as principais e base de todas as demais divergências (VIANA, 2010, p. 42-43).

²⁷ “Se fazemos as pessoas adquirir consciência dos motivos reais subjacentes em suas ações, elas reagem com o que Freud chamou de resistência. Elas rejeitam a informação. Até a informação oferecida no próprio interesse delas e com maior boa vontade em ajuda-las é violentamente rejeitada. Recusam-se a ver essa realidade em si mesmas” (FROMM, 1986, p.79).

A crítica metodológica é endereçada ao que Fromm denominou “mecanismo” e “racionalismo”. Fromm refutava o materialismo burguês, fundado no mecanicismo, que estaria nas bases do pensamento de Freud. Por outro lado, o “racionalismo obsessivo”, derivado da filiação de Freud à tradição iluminista. O materialismo burguês chegou até Freud por autores alemães dessa tendência, especialmente Buchner, bem como o racionalismo obsessivo vem do iluminismo (VIANA, 2010).

A crítica ao biologismo é ligada à crítica ao pansexualismo de Freud²⁸. O biologismo teria como base a sua teoria dos instintos, que, segundo Fromm, teria origem no darwinismo²⁹. A origem dessa concepção residiria no biologismo oriundo do mecanicismo.

A diferença fundamental da teoria clássica é que Freud tentou entender todas as paixões humanas como enraizadas nas necessidades fisiológicas ou biológicas: ele fez construções teóricas ingênuas a fim de preservar esta posição. Na estrutura teórica apresentada aqui as pulsões mais poderosas não são as da sobrevivência física (numa situação normal em que a sobrevivência não está ameaçada), mas aquelas através das quais o homem busca uma solução de sua contradição existencial; um objetivo para a sua vida que canalizará suas energias numa direção, transcendendo-se, como um organismo que busca sobrevivência e dá significado à sua vida. Toda evidência clínica e histórica mostra que somente a busca e a satisfação de suas necessidades biológicas deixa o homem insatisfeito e inclinado a sérias perturbações (FROMM, apud. VIANA, 2010, p. 45).

A crítica política é a que mais aproxima Fromm do marxismo. Fromm cita o autoritarismo, o patriarcalismo e o conservadorismo de Freud, ligado à sua época, a sociedade vitoriana do século 19, e classe social (VIANA, 2010). Segundo Fromm, os psicanalistas em geral acompanharam as tendências do pensamento burguês. Adotaram a filosofia de classe da burguesia e tornaram-se sustentáculos do consumismo em seus fins práticos. Os ensinamentos de Freud, desvirtuados pelas interpretações do seu

²⁸ Existem interpretações distintas e que questionam o pansexualismo, mas não é nosso objetivo realizar tais discussões, pois se queremos analisar o impacto do pensamento freudiano sobre Fromm, o mais adequado é entendê-lo a partir da interpretação de Fromm. Daí ser desnecessário entrar nas polêmicas interpretativas, a não ser quando isso é importante para ressaltar os objetivos do presente trabalho ou para explicar que se trata de uma interpretação do pensamento de Freud.

²⁹ Segundo Fromm, a teoria do instinto teve origem em Charles Darwin, que estava entre os primeiros pesquisadores a considerar o instinto como uma força motivadora do comportamento humano. Após ele, outros produziram uma concepção, baseando-se em sua obra, segundo a qual toda ação dos seres humanos possuem um motivo e este é um instinto independente e inato. Nós já nascemos com os instintos (1986, 76). Fromm distingue Freud dos instintivistas, mas considera que Darwin teve grande influência em seu pensamento. Sem dúvida, Darwin teve influência no pensamento de Freud, mas haviam outras influências, tal como destaca Viana: “além do materialismo mecanicista identificado por Fromm, e da sua inspiração em diversos pensadores, inclusive Darwin, é necessário perceber outros aspectos, tal como o energetismo (Assoun, 1983) e o papel de Lamarck nesse aspecto (Ritvo, 1992), é preciso uma reconstituição mais profunda das bases metodológicas de Freud” (VIANA, 2010, p. 48).

pensamento, tal como a ideia de que a neurose é o resultado da falta de satisfação sexual, que seria causada pela repressão, gerou ideias como a de que plena satisfação sexual era uma condição da saúde mental. Isso, segundo Fromm, era uma vitória do consumismo (FROMM, 1980, p. 112). No entanto, o problema não se encontrava apenas nos psicanalistas que vieram depois de Freud, mas em seu próprio pensamento:

Freud, como a maioria dos membros de sua classe, considerava a sociedade capitalista contemporânea a mais alta e mais desenvolvida forma de estrutura social. Essa era a realidade, enquanto as outras estruturas sociais eram primitivas ou utópicas. Hoje, somente os manipuladores da opinião e os políticos submetidos às suas sugestões acreditam ou fingem acreditar nisso. Um número cada vez maior de pessoas tornou-se consciente de que a sociedade capitalista é apenas uma entre inúmeras estruturas sociais, e nenhuma delas nem mais nem menos real que as tribos centro-africanas (FROMM, 1980, p.112).

Porém, as críticas de Fromm a Freud eram acompanhadas por diversas concordâncias e admiração. Em algumas obras, Fromm declara a sua admiração pelo fundador da psicanálise, para além do reconhecimento de suas descobertas psicanalíticas. Um dos elementos que Fromm admirava em Freud é a sua coragem e criticidade. Nesse último aspecto, ele o comparava com Marx, apesar das ressalvas óbvias, tanto pela posição de classe de ambos quanto pelo significado político do pensamento de cada um. Segundo Fromm, Freud raciocinava com um espírito crítico semelhante ao de Marx. Fromm coloca que o método psicanalítico de Freud pode ser interpretado como a “arte de duvidar”. Tanto Freud quanto Marx tinham uma “desconfiança implacável” em relação aos clichês, ideias, racionalizações e ideologias que povoam as mentes dos indivíduos, gerando concepções ilusórias sobre a realidade (FROMM, 1965a).

A mais extraordinária e provavelmente mais intensa força emocional em Freud era sua paixão pela verdade e sua fé inabalável na razão; para ele, a razão era a única faculdade humana capaz de auxiliar a resolver o problema da existência ou, no mínimo, a mitigar o sofrimento inerente à vida humana (1965a, p.8)

Freud era um racionalista, a modernidade para muitos pensadores era produto da razão (ROUANET, 1999), a ironia é que a psicanálise elaborada por Freud, foi um duro golpe na ideia do domínio da razão, a descoberta do inconsciente:

Freud desenvolveu a ideia de que a maior parte do que é real não é consciente e, por outro lado, a maior parte do que é consciente não é real. A sua dedicação a descobrir essa “realidade interior” trouxe uma nova forma de pensar a verdade. Aqueles que desconhecem o fenômeno do inconsciente, estão convictos de dizerem a verdade ao apresentar o que sabem, mas não sabem de grande parte de seus próprios processos psíquicos

e, por conseguinte, de grande parte de suas motivações e ações (FROMM, 1965a, p.89)

Assim, Fromm ao mesmo tempo que critica o racionalismo excessivo de Freud, também lhe elogia pelo mesmo motivo. Isso pode parecer uma contradição ou dubiedade. O entendimento dessa suposta “dubiedade” pode ser facilitado através de uma citação do autor:

Embora Freud representasse a culminância do racionalismo, ao mesmo tempo desferiu um golpe fatal neste. Mostrando como as origens das ações do homem estão no inconsciente, numa profundidade da qual a maior parte nunca se desvenda ao examinador, a como o pensamento consciente só controla seu comportamento em pequeno grau, ele derrubou a imagem racionalista segundo a qual a inteligência do homem dominava o cenário sem restrição ou contestação. A esse respeito, a visão do poder das forças do mundo subterrâneo, Freud foi um herdeiro do romantismo, o movimento que procurou penetrar na esfera não racional. A posição histórica de Freud, então, pode ser descrita como criando uma síntese entre duas forças contraditórias que dominavam o pensamento ocidental nos séculos XVIII e XIX, a do racionalismo e do romantismo (FROMM, 1965 a, p.127).

Assim, Fromm interpreta Freud de forma que é um representante de um racionalismo excessivo, e a razão e a busca da verdade são méritos e o problema se encontra no excesso. Além disso, Freud retoma elementos do romantismo e assim mitiga o seu racionalismo.

Em síntese, Freud teve um grande impacto no pensamento de Fromm. Além de toda a reflexão anterior, o fato dele ter dedicado vários livros para discutir o pensamento de Freud demonstra isso (FROMM,1980; FROMM, 1975b; FROMM, 1965a), sem falar que em todas as suas obras aparece referências ao fundador da psicanálise. Porém, Fromm tinha uma outra grande fonte de inspiração: Karl Marx. Esse é o tema do próximo item.

2.4. Fromm e Marx

No primeiro capítulo fizemos uma discussão teórica sobre o marxismo. Resumidamente colocamos que existem várias vertentes pretensamente marxistas e que algumas delas que se tornaram hegemônicas no século XX. Esse foi o caso da socialdemocracia e do bolchevismo. Ambas tinham profundas divergências com o pensamento de Marx, inclusive no que se refere ao processo de transformação da sociedade e emancipação humana. É por esse motivo que foram denominadas “pseudomarxistas” (GOULDNER, 2014).

Fromm viveu durante o século XX e por isso assistiu um conjunto de mudanças sociais, tal como a Revolução Russa, que ocorreu quando ele tinha 17 anos. Aos 18 anos, morando na Alemanha, viveu a Revolução Alemã, na qual diversas “Repúblicas de conselhos” emergiram, bem como experiências revolucionárias na Itália e Hungria, além de lutas radicalizadas em diversos países. A Revolução Alemã encontrou com um de seus obstáculos a socialdemocracia, sendo que ela foi, com seus dois partidos (o Partido Socialdemocrata e o Partido Socialdemocrata Independente), a responsável pela chamada República de Weimar³⁰. Depois disso houve a crise e ascensão do nazismo na Alemanha, o que promoveu o seu exílio. Pouco depois explodia a Segunda Guerra Mundial.

Esses elementos ajudam a compreender a relação entre Erich Fromm e marxismo e, mais especialmente, com o pensamento de Karl Marx. Recordando que Fromm interpretou e trabalhou com o marxismo nesse contexto histórico e cultural, bem como a partir de seu contato direto com as obras de Marx e alguns autointitulados marxistas, fica mais fácil reconstituir tal relação.

O primeiro ponto a se destacar é que Fromm faz uma leitura peculiar de Marx, o que tem a ver com suas próprias concepções, desde a influência do judaísmo até a da psicanálise. Por outro lado, Fromm se deparava com o suposto “marxismo” da socialdemocracia e bolchevismo, entre outras manifestações e, inclusive, outros psicanalistas que buscavam aplicar o materialismo histórico à psicanálise (Reich, Fenichel, etc.) e alguns que buscavam efetivar uma “filosofia da psicanálise” (Marcuse) com a qual ele discordava.

A leitura peculiar de Fromm a respeito de Marx teve como elemento importante a influência da psicanálise. Fromm, apesar de sua formação inicial em sociologia, era um psicanalista e seus estudos e reflexões giravam em torno da questão psíquica e com

³⁰ Nesse momento, emergiu o chamado “comunismo de conselhos”, tendo como principais representantes Anton Pannekoek, Karl Korsch, Otto Rühle, Paul Mattick, Herman Gorter, entre outros, que apresentavam uma concepção de marxismo distinta tanto da social-democracia quanto do bolchevismo. No entanto, esses pensadores e militantes não tiveram grande impacto posterior à revolução alemã. Alguns conseguiram maior projeção intelectual (Pannekoek era um astrônomo mundialmente conhecido, mas seu pensamento político não tinha a mesma ressonância; Karl Korsch era um filósofo conhecido e ficou, nos meios marxistas, sendo considerado um dos fundadores do “marxismo ocidental” e sua mudança para a Inglaterra e Estados Unidos fez com que se tornasse relativamente conhecido fora da Alemanha).

uma forte preocupação ética e humanista. Os grandes problemas sociais (guerras, revoluções, etc.) lhe forçava a buscar entender a sociedade e ele percebia que a psicanálise trazia elementos importantes para tal explicação, mas que era insuficiente. A análise marxista da sociedade lhe parecia fundamental, pois superava a fixidez da natureza humana tal como concebida pela psicanálise freudiana, bem como fornecia elementos explicativos das mudanças sociais e culturais e como isso afetava o ser humano em cada época e sociedade.

E um dos problemas fundamentais que Fromm busca abordar em suas obras, é o da sociedade moderna. Desde *O Medo à Liberdade* e sua análise da formação da individualidade na sociedade moderna e o nazismo, passando por reflexões sobre tecnologia, ética, entre outras, até chegar à obras como *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, Fromm dedicou grande parte de sua obra e trabalho de pesquisa para analisar a sociedade moderna, capitalista. Para ele, essa sociedade é enferma e que contradiz a natureza humana, nisso coincidindo com Marx, deixando de lado as diferenças formais, inclusive as de linguagem. A investigação dessa sociedade enferma tem na psicanálise um instrumento valioso, mas é preciso compreender o ser humano na história, na sociedade, na cultura. Isso remete à necessidade de uma compreensão mais profunda das relações sociais e essa se encontra no marxismo.

Neste sentido, a obra de Marx exerceu grande influência sobre Erich Fromm, especialmente na crítica da sociedade capitalista. O ponto inicial da obra de Marx que exerce influência em Fromm é colocada como três aspectos do marxismo que são, para Fromm, o fundamental dessa concepção.

O primeiro aspecto é o espírito crítico que caracteriza o marxismo. Marx acreditava que muito do que o homem acreditava era ilusão ou ideologia. O pensamento é condicionado pelas ideias dominantes em uma determinada sociedade. Numa sociedade dividida em classes e que se estrutura a partir da exploração de uma classe por outra, a classe dominante busca ocultar a realidade das classes exploradas. Nesse ponto, o pensamento crítico questiona as ideologias dominantes e busca estabelecer a verdade. Segundo Fromm:

Marx acreditava que a maior parte do que pensamos sobre nós mesmos e os outros é ilusão, é ideologia. Acreditava que nossos pensamentos individuais formam-se de acordo com as ideias desenvolvidas por uma determinada

sociedade, e tais ideias são condicionadas pela estrutura e modo de funcionamento da sociedade. A atitude observadora, cética, de dúvida, em relação a todas as ideologias, ideias e ideias, é característica de Marx (1965, p. 18-19).

O segundo aspecto diz respeito à verdade, para Marx, ela é uma arma para as modificações sociais (FROMM, 1965b). Segundo Marx interpretado por Fromm, a consciência precisa superar as ideologias para enxergar a realidade com as suas contradições, uma vez que uma das funções da ideologia ao ocultar a realidade é tornar natural uma sociedade baseada na exploração, que, no caso, é a sociedade capitalista.

Por fim, o terceiro aspecto da obra de Marx que exerce grande influência em Fromm é o seu humanismo. O humanismo é um elemento comum em Fromm e Marx e o primeiro se aproxima do segundo justamente por ser também um humanista. A influência do humanismo de Marx sobre Fromm precisa, portanto, ser explicada. A influência não é o humanismo em si e sim a forma específica expressa pela concepção humanista de Marx, o que tem um forte impacto em Fromm, embora a partir de sua interpretação peculiar de Marx³¹. O humanismo de Marx é inseparável do problema da alienação, na interpretação de Fromm. Segundo Fromm:

A filosofia de Marx, assim como considerável parte do pensamento existencialista, representa um protesto contra a alienação do homem, contra sua perda de si mesmo e contra a sua transformação em objeto; é um movimento oposto à desumanização e automatização do homem, inerente à evolução do industrialismo ocidental. Ela se mostra implacavelmente crítica

³¹ No que se refere ao humanismo de Marx, Fromm resgata e apresenta elementos verdadeiros, mas deixa de lado outros aspectos e por isso há um problema interpretativo. No entanto, outros autores questionam mais profundamente a interpretação de Fromm, seja por partir de uma concepção estruturalista e, por conseguinte, anti-humanista, gerando uma igual interpretação anti-humanista de Marx (ALTHUSSER, 1979), seja por polêmicas em torno do conceito de alienação (MANDEL, 1968). Isso remete ao outro debate, que é sobre uma suposta “ruptura” no pensamento de Marx no período de passagem da juventude para a “maturidade”. Não cabe aqui entrar nesse debate, mas sim apontar que concordamos com a interpretação de Fromm nos seguintes aspectos: existe em Marx uma concepção de natureza humana e tal concepção é histórica (e Fromm discute a natureza humana em geral e a modificada pelo meio em cada época histórica) e social, bem como remete ao que Fromm denomina “produtividade” (as potencialidades que Marx denomina energias físicas e mentais, nos *Manuscritos de Paris*). O que a interpretação de Fromm tem de problemático é a falta de clareza sobre os elementos característicos da natureza humana para Marx (o ser humano como ser social e voltado para a práxis) e a ausência de percepção mais profunda que o humanismo de Marx desemboca numa análise das classes e luta de classes, aspectos que ele toca mas não percebe sua importância fundamental e não indo até as últimas consequências que tem tal questão no processo de análise da sociedade capitalista e do ser humano atual. Outro elemento é sua interpretação equivocada do conceito de alienação, o que tem efeitos na sua discussão sobre a natureza humana, pois ele confunde esse fenômeno (que é o trabalho alienado, ou seja, uma relação social estabelecida em atividade real de produção de bens materiais) com o fetichismo (que ele denomina “idolatria”), que é um derivado, um fenômeno da consciência.

para com todas as soluções para o problema da existência humana que tentam apresentar propostas negando ou mascarando as dicotomias intrínsecas da existência do homem. A filosofia de Marx tem suas raízes na tradição filosófica ocidental humanista, que se estende de Spinoza, através dos filósofos do iluminismo francês e alemão do século XVIII, até Goethe e Hegel, e a sua preocupação com o homem e com a realização de suas potencialidades (1975, p.7)

O homem na sociedade capitalista, apesar das promessas de liberdade que lhe era prometido, na realidade não se realizou. A classe trabalhadora foi transformada em uma engrenagem no processo produtivo e que o privou de seu desenvolvimento intelectual. Consequentemente esse homem se torna estranho a si mesmo, e a seus semelhantes, daí a desumanização do homem. A desumanização do homem na sociedade capitalista, vai contra o que para ambos os autores compreendem como a natureza humana. Em Marx o homem tem um potencial dado que vai mudando no decorrer da história. Durante esse processo o homem deve ser ativo, e empregar as suas energias na construção de uma sociedade radicalmente diferente e que seja correspondente às suas necessidades radicais, o que não ocorre na sociedade capitalista e o que abre caminho para a sua teoria da revolução social.

O processo de formação do homem decorre da concepção de natureza humana, que Fromm tira de Marx, para o qual o homem para desenvolver as suas potencialidades tem que ser produtivo e, só ao ser produtivamente ativo, pode o homem encontrar sentido para a sua vida (FROMM, 1975a).

A interpretação peculiar que Fromm faz de Marx remete para sua formação psicanalítica e sua preocupação ética e humanista. No fundo, Fromm não analisa o pensamento de Marx para usá-lo como recurso explicativo da sociedade moderna, embora faça isso em muitos momentos. A sua leitura de Marx é para dar respostas éticas e tratar do humanismo numa perspectiva materialista, bem como apontar elementos de crítica da sociedade moderna, mas não através de uma análise de conjunto e sim partes do imenso material teórico produzido por Marx. Assim podemos explicar as análises de Fromm sobre Marx, que priorizam os Manuscritos de Paris (FROMM, 1975a) e questões diversas, como, por exemplo, a questão da verdade, mas sem colocar a condição apresentada por Marx: partir da perspectiva do proletariado.

Outro elemento para entender a interpretação do pensamento de Marx por Fromm é o contexto social e cultural em que ele efetiva sua leitura e releitura de Marx.

A obra de Fromm foi escrita em um período do final dos anos 1920 até a década de 1970. Isso significa que grande parte de sua obra foi escrita em período de declínio da luta operária. Em sua juventude, houveram as tentativas de revolução proletária, mas após isso houve um processo de derrotas consecutivas, tal como se observa com a ascensão do nazismo, um dos temas principais abordados por Fromm. Após isso, a instauração do chamado “socialismo real” na URSS e Europa Oriental, entre outros países (China, Cuba, etc.) gerava uma insatisfação de vários setores da sociedade com tais regimes, apesar de se considerarem marxistas e socialistas. No fundo, como alguns teorizaram, tratava-se de um capitalismo de Estado e não de um regime socialista. Fromm chegará a essa concepção. Fromm também conviveu com a existência da socialdemocracia, cada vez mais moderada, bem como a época do chamado “Estado de Bem-Estar Social”. Nesse momento histórico do capitalismo, que foi denominado por alguns como “sociedade de consumo”, e diversas ideologias apontavam para a integração da classe operária no capitalismo, o que gerou um enfraquecimento da influência do marxismo e um desvio para posições supostamente alternativas no seu interior. Nesse sentido, é importante resgatar o pensamento de Fromm e seu vínculo com essas mudanças históricas.

Após a Segunda Guerra Mundial, temos a implementação nos países centrais do Estado Integracionista, no qual existia, nesses países uma sensação de que a vida dos trabalhadores poderia ser melhor no “capitalismo administrado”, termo utilizado por Adorno (SLATER, 1974)³². Com as garantias sociais e os ganhos de salário que foram proporcionados a “classe trabalhadora”, segundo Fromm:

A exploração clara e brutal dos trabalhadores, tal como existia no século XIX, fora lentamente substituída pela participação da classe trabalhadora nas vantagens econômicas de seus respectivos países. O capitalismo, ao invés de se tornar incapaz de funcionar devido às suas contradições internas, tal como Marx previra, mostrou-se muito mais capaz de resistir às crises e dificuldades que os revolucionários radicais haviam esperado (1975a, p. 43).

Assim, Fromm, como muitos outros pensadores da época, pensavam numa integração da classe operária e, por conseguinte, que a teoria de Marx sob o comunismo

³² O fundamento era as teorias de Keynes, que busca administrar o capitalismo de forma a usar o Estado para evitar as crises que ocorrem nessa sociedade.

estava “desatualizada”³³. Acontece que a teoria de Marx não estava desatualizada como sugere Fromm. A exploração do proletariado sofreu alterações. O proletariado europeu passou a viver sob o fordismo, que buscava aumentar a extração de mais-valor relativo, com o processo de aumento de produtividade, produção e consumo de massas, entre outros processos (VIANA, 2009). Porém, isso não era suficiente e por isso foi complementado com a expansão do capital oligopolista transnacional, na qual havia uma exportação de empresas capitalistas dos países imperialistas para os países de capitalismo subordinado, com uma força de trabalho submetido a salários mais baixos e com um grau muito elevado de exploração (VIANA, 2009). Nesse contexto, a exploração capitalista no capitalismo subordinado gerava uma transferência de mais-valor desses países para o bloco imperialista (através de remessa de lucros, royalties, etc.).

Assim, como esse processo não é visível imediatamente, se gerou uma não percepção da continuidade do processo de exploração e que a relativa estabilidade no bloco imperialista existia às custas da desestabilização do bloco subordinado, que vivia um revezamento entre ditadura e democracia. A não percepção da situação de exploração a que estavam submetidos os países do bloco subordinado, aliado ao refluxo das lutas operárias na Europa Ocidental e Estados Unidos, fez com que muitos intelectuais, tal como Fromm, passassem a advogar que o socialismo no futuro poderia ser diferente do que Marx pensou.

Fromm, por não ter se aprofundado na teoria de Marx, por um lado, e não ter desenvolvido uma análise mais profunda do capitalismo mundial (especialmente das relações internacionais), acabou não compreendendo exatamente o significado do Estado integracionista³⁴. Por outro lado, o seu humanismo e formação psicanalítica, proporcionou uma percepção mais crítica do chamado “socialismo real”, pois a “alienação”, e não realização do ser humano se manifestava nos países que viviam sob tal regime. Em algumas obras, Fromm aponta para uma interpretação na qual relaciona

³³ Marcuse, por exemplo, em algumas obras, vai colocar que o proletariado não é mais o agente da revolução e sim os “marginais” (MARCUSE, 1967). Alguns simplesmente abandonaram a ideia de lutar pelo socialismo e outros tentaram mudar a concepção de socialismo.

³⁴ Também chamado de “estado keynesiano”, “estado de bem-estar social”, “estado-providência”. O conceito de estado integracionista (VIANA, 2003; 2009) aponta para a estratégia burguesa via aparato estatal que é a integração da população nos países capitalistas imperialistas através do consumo, meios oligopolistas de comunicação, ampliação da burocratização e mercantilização, entre outros processos, que foram trabalhados por diversos autores sob distintas formas.

as experiências dos regimes supostamente “socialistas” com o pensamento de Marx, enquanto que em outras já aponta para a diferença entre o que apontava o fundador do marxismo e as experiências de países como a União Soviética. Em *Psicanálise da Sociedade Contemporânea* (1970), publicado em 1955, Fromm realiza essa confusão entre concepção marxista e leninista (“soviética”) e em *O Conceito Marxista de Homem* (1975), publicado em 1961, Fromm define tais regimes como capitalismo de estado e mostra a deformação da concepção de socialismo de Marx.

Para comprovar tal tese, Fromm listou o que considerou os três erros perigosos do pensamento de Marx. Primeiro ele subestima a complexidade das paixões humanas:

A sua negligência quanto ao fator moral no homem. Justamente por haver admitido que a bondade do homem se manifesta automaticamente ao serem atingidas as mudanças econômicas, ele não percebeu que uma sociedade melhor não poderia ser realizada por criaturas que não tivessem passado por uma mudança moral em seu íntimo. Ele não deu atenção alguma, pelo menos explicitamente, à necessidade de uma nova orientação moral, sem a qual todas as mudanças políticas e morais são fúteis (FROMM, 1970, p.255).

O segundo erro de Marx descrito por Fromm foi a grotesca falha de julgamento de Marx das possibilidades de realização do socialismo (1970, 256). Nessa mesma obra, apresenta uma crítica ao regime existente na URSS, e a considera como relacionada ou aplicação da teoria do comunismo de Marx (tese que ele reformulará no futuro). Nessa obra, Fromm não demonstra uma compreensão adequada do pensamento de Marx³⁵.

O terceiro erro de Marx foi o seu otimismo em relação ao ser humano. Segundo ele:

O conceito da socialização dos meios de produção era não apenas condição *necessária* mas *suficiente* para a transformação da sociedade capitalista em sociedade cooperativa socialista. No âmago desse erro encontra-se o seu quadro racionalista super simplificado e super otimista do homem. Assim como Freud acreditou que a libertação do homem dos tabus sexuais anormais e super estritos conduzi-lo-ia à saúde mental, Marx acreditou que a emancipação da exploração produziria automaticamente seres livres e cooperativos. Ele se mostrou tão otimista quanto os enciclopedistas do século 18, demonstrando pouca apreciação do poder das paixões irracionais destrutivas que não podiam ser transformadas de um dia para outro por mudanças econômicas. Freud, após a experiência da I Guerra Mundial, identificou essa força de destruição, e mudou drasticamente todo o seu sistema, ao aceitar o

³⁵ Em outra obra ele revê o seu posicionamento e realiza uma crítica a Lênin: “Lênin não viu o que Rosa Luxemburgo e muitos outros perceberam: que o sistema centralizado e burocrático, no qual uma elite governa para os trabalhadores, tinha de acabar num sistema que reina sobre os trabalhadores e extingiria o que restava do socialismo na Rússia (FROMM, 1975, p.47).

desejo de destruição como tão forte e inerradicável quanto Eros. Marx jamais chegou a essa percepção e jamais modificou a sua fórmula simples de socialização dos meios de produção como uma linha reta para o objetivo socialista (FROMM, 1970, p. 256).

Fromm destaca, portanto, o problema do otimismo de Marx, no qual atribui a ele a concepção rousseaniana do ser humano “bom por natureza”. Em que pese Marx realmente acreditasse no ser humano e em suas potencialidades, ele também tinha consciência da deformação da essência humana nas sociedades de classes e no capitalismo, tal como o próprio Fromm reconhecerá no futuro (FROMM, 1975a). Porém, Marx concebia o processo em termos de luta de classes e, no fundo, Fromm acaba sendo muito mais otimista do que ele. Porém, nesse momento, é a sua interpretação e julga que esse otimismo desembocava na ideia de que bastava socializar os meios de produção para que os seres humanos se desenvolvessem e realizassem o trabalho cooperativo numa nova sociedade. O que mostra a não-leitura de certos textos de Marx por parte de Fromm. Mais tarde, na obra “Conceito Marxista de Homem” ao ler os *Manuscritos de Paris*, mudará de interpretação. Contudo, em outras obras Marx coloca questões que fogem dessa simplificação, tal como a *Crítica ao Programa de Gotha*, na qual ele coloca a primeira fase do comunismo e a necessidade de retribuição pelo trabalho realmente efetivado, o que visa evitar o retorno do capitalismo através da substituição do dinheiro e salário pelo sistema de bônus. No fundo, as críticas de Fromm refletem seu pouco aprofundamento no pensamento de Marx a respeito do comunismo.

Por fim Fromm escreve:

A outra fonte para os seus erros foi a sua superavaliação das condições políticas e econômicas a que me referi acima. Ele se mostrou curiosamente destituído de realismo, ao ignorar que pouca diferença faz para a personalidade do trabalhador o fato de ser o empreendimento de propriedade do “povo” – Estado –, de uma burocracia governamental ou de uma burocracia privada controlada por acionistas. Não viu, em flagrante contraste com seu pensamento político, que as únicas coisas que importam ao trabalhador são as condições atuais e reais de trabalho, a relação entre trabalhador e o seu trabalho, e entre ele e os que dirigem o empreendimento (1970, p. 256-257).

A interpretação de Fromm, aqui, é novamente destituída de fundamentação real. O grande problema reside em confundir a concepção de Marx com a do bolchevismo. Em nenhum momento Marx fez referência à “propriedade do povo” ou “do estado” e isso se mostra na comparação, como se fosse essa a sua tese sobre comunismo.

Essas críticas de Fromm a Marx serão minimizadas a partir de sua interpretação e aprofundamento na discussão sobre os *Manuscritos de Paris*. Inclusive ele parece reconhecer isso ao mostrar que a deturpação do pensamento de Marx é algo comum e mais forte nos Estados Unidos.

Uma das estranhas ironias da história é não haver limites para os erros de interpretação e as deturpações das teorias, mesmo numa época de acesso irrestritos às fontes; não há exemplo mais drástico desse fenômeno do que o acontecido com a teoria de Karl Marx nos últimos decênios. São constantes as referências a Marx e ao marxismo na imprensa, nos discursos de políticos, em livros e artigos escritos por respeitáveis cientistas sociais e filósofos; no entanto, com poucas exceções, parece que os jornalistas e políticos jamais viram sequer de relance uma linha escrita por Marx e que os cientistas sociais se satisfazem com um mínimo de conhecimento da obra dele. Aparentemente sentem-se a salvo em seu papel de peritos no assunto, visto como ninguém com poder e status no campo da pesquisa social contestar suas afirmações ignoras (FROMM, 1975a).

Fromm acrescenta, em nota de rodapé, que nos últimos 15 anos surgiram alguns interpretes mais qualificados, especialmente a partir da publicação dos *Manuscritos de Paris*. E, curiosamente, indica, nesse contexto, o seu livro *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*: “ver, também, meu estudo de Marx em *The Sane Society*, já citada, a minha discussão anterior da teoria de Marx em *Zeitschrift für sozialforschung*”. Nesse contexto, Fromm não se atentou para as contradições interpretativas a respeito da questão do socialismo, ou, outra hipótese, resolver desconsiderá-las, ou, ainda, não considerava que eram contradições.

Independentemente disso, Marx exerceu forte impacto no pensamento de Fromm e isso ele mesmo revela em seus escritos. Da mesma forma que no caso de Freud, ele dedica obras sobre Marx (o conceito marxista, 1975a; meu encontro com Marx, 1965a). A admiração e inspiração de Marx por Fromm advém de sua concepção de natureza humana e emancipação, por um lado, e sua criticidade, por outro. Uma síntese pode ser vista na citação abaixo:

Marx queria libertar o homem das cadeias da dependência, da alienação, da escravidão à economia. Qual foi o seu método? Não a força, como geralmente se acredita. Queria conquistar a mente das pessoas. Embora, segundo ele, a força pudesse ser útil se a minoria pretendesse resistir também pela força à vontade da maioria, a principal questão, para Marx, não era o mecanismo de como atingir o poder no Estado, mas como conquistar a mente das pessoas³⁶. Em sua “propaganda”, Marx e seus sucessores legítimos usaram o método oposto ao de todos os demais políticos, burgueses, fascistas ou comunistas. Pretendia influenciar não pela

³⁶ E aqui, neste escrito de 1962, ele novamente contradiz sua interpretação de Marx em *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, na qual afirmava que um dos seus erros era desconsiderar a questão moral como colocamos.

persuasão demagógica, criando estados semi-hipnóticos apoiados no medo terrorista, mas através de um apelo ao senso da realidade, pela verdade. A suposição implícita na “arma da verdade” de Marx é a mesma de Freud: que o homem vive com as ilusões, porque as ilusões tornam suportável a miséria da vida real. Se o homem puder reconhecê-las pelo que são, ou seja, se puder despertar do estado de semi-sonho, então ele adquirirá consciência de sua força e capacidade, e modificará a realidade de modo a tornar desnecessárias as ilusões. A “falsa consciência”, ou seja, a imagem deformada da realidade, enfraquece o homem. O contato com a realidade, o conhecimento de sua imagem verdadeira, torna-o mais forte. Por isso, Marx acreditava que sua arma mais importante era a verdade, a revelação da realidade que se oculta sob as ilusões e ideologias. Nisso está a razão da característica da propaganda marxista: é um apelo emocional a certos objetivos políticos, misturando com uma análise científica dos fenômenos sociais e históricos. O exemplo mais conhecido dessa fusão é, naturalmente, o Manifesto Comunista, que encerra, de forma breve e brilhante, uma análise lúcida da história, da influência dos fatores econômicos das relações de classe. E ao mesmo tempo é um panfleto político que termina com um caloroso apelo emocional às classes trabalhadoras (FROMM, 1965 a, p.19-20).

Desta forma, Fromm buscou se inspirar em Marx e ao mesmo tempo que retomou várias análises e concepções, o tornou a sua grande referência intelectual ao lado de Freud, a partir, obviamente, de sua interpretação peculiar. Essa interpretação tem vários pontos polêmicos, em muitos ele defende realmente o pensamento de Marx contra deformadores, em outros ele já mostra certos limites interpretativos. Porém, o que é fundamental e está presente é a obra de Marx como uma das principais fontes das reflexões e concepções de Fromm. Marx e Freud são as fontes inspiradoras da construção do pensamento de Fromm, tal como reconhecido por ele mesmo.

CAPÍTULO 03

O SOCIALISMO COMUNITÁRIO DE ERICH FROMM

Nos capítulos anteriores realizamos uma discussão teórica e análise da formação de Erich Fromm que são fundamentais para compreender sua concepção de socialismo. Essa discussão anterior fornece a base analítica para compreendermos a concepção de socialismo de Erich Fromm. Fromm aborda a questão do socialismo já tendo leitura ou noção de outras concepções e por isso é interessante perceber as semelhanças e diferenças entre sua concepção e as demais.

Desde o século XIX, quando Marx era vivo, a ideia da revolução era bem clara em seu pensamento, bem como outros elementos derivados, apesar de não haver aprofundado alguns deles, tais como quem era o agente da revolução, o significado do proletariado e dos comunistas. Com o tempo, surgiram concepções de socialismo que alteraram a concepção de Marx. Esse é o caso do bolchevismo que considerava que a revolução não é mais a tarefa da classe operária, e sim do partido político, que supostamente teria uma consciência socialista, adquirida através do contato com a ciência, sendo uma “vanguarda” da classe, que, no fundo, a substituiria.

Outra concepção é a socialdemocrata, segundo a qual aos trabalhadores se organizarem em partidos e através da luta parlamentar, obter as reformas dentro do Estado capitalista de forma a que progressivamente a classe operária faça mudanças que gerariam o socialismo. Essas concepções de socialismo, o bolchevismo e a socialdemocracia, foram hegemônicas no século XX, época de Erich Fromm, e também foram as duas principais adulterações do pensamento de Marx.

A concepção de socialismo em Fromm se distingue de ambas e, no entanto, se produz num diálogo com elas (e outras, inclusive a concepção de Marx), bem como assimila alguns elementos de diversas concepções. No presente capítulo, vamos trabalhar a concepção de socialismo de Erich Fromm. A compreensão da concepção de socialismo em Fromm requer compreender as bases do seu pensamento e de seu ponto de partida. Por isso vamos iniciar discutindo sua concepção humanista, uma síntese

entre marxismo e psicanálise, e posteriormente suas obras que abordam mais diretamente a questão do socialismo.

3.1. O Humanismo de Erich Fromm

A obra de Fromm se caracteriza por sua criticidade. Isso é perceptível desde os seus primeiros estudos sobre a religião, sistematizados na explicação materialista do cristianismo, passando pela crítica do nazismo e da alienação do homem na sociedade capitalista, bem como sua crítica geral ao capitalismo. Esses são temas recorrentes em sua obra que também se caracteriza pela busca de uma saída para o problema do que Fromm define como o “vazio do homem moderno”. Segundo um biógrafo:

O centro da obra de Fromm, portanto, é sua convicção de que nossa civilização esmaga e corrompe, de forma incansável e sistemática, as mais profundas necessidades e os poderes do homem. A meta é a terra prometida da liberdade e do amor. Sua obra apresenta três grandes divisões. A primeira é a análise da natureza humana e da condição humana. A segunda é a explicação histórica de como a sociedade moderna tornou-se efêmera, juntamente com o diagnóstico da própria enfermidade. A terceira é a cura proposta, na qual ele transmite sua visão da vida boa, esboçando os elementos para a constituição de uma nova sociedade (SCHAAR, 1965, p.15).

Para Fromm, o homem moderno se livrou da dominação que a sociedade medieval exercia sobre o indivíduo. Contudo, esse homem livre, na sociedade capitalista, se tornou isolado. Nesse contexto, emerge o problema segundo o qual a liberdade se tornou um fardo do qual ele tem que se livrar. Isso, em certos casos e contextos, gera a necessidade de se juntar a um grande líder, que irá conduzi-lo e ao qual o homem entrega a sua liberdade.

A base da crítica que Fromm faz à sociedade moderna remete ao problema da natureza humana. A concepção de natureza humana de Fromm tem duas bases fundamentais: Marx e Freud. Segundo Fromm, Marx não acreditava, como fazem muitos sociólogos e psicólogos contemporâneos, em uma espécie de relativismo sociológico, tal como a ideia de que o homem, ao nascer, “seja como uma folha de papel branco na qual a cultura escreve o seu texto”. Para Fromm (1975a, p. 34), ao contrário do relativismo sociológico, Marx concebia uma natureza humana, entendendo por ela uma entidade identificável, que seria definível não apenas de forma biológica, anatômica e fisiológica, mas, especialmente, sob forma psicológica. Aqui se

observa o nexo que Fromm realiza entre psicanálise e marxismo. Fromm interpreta Marx e extrai dele os elementos mais importantes para sua análise do homem. Nesse contexto, a sua discussão sobre natureza humana, torna-se fundamental e ele parte tanto de Marx quanto de Freud para constituir sua compreensão da essência do homem.

Marx coloca que a natureza humana é *essência* humana. O significado disso precisa ser melhor compreendido. Nesse ponto, Fromm se aproxima de Hegel (e cita este em sua análise: “deve ser notado que este conceito de natureza humana não é, para Marx – tampouco o era para Hegel – uma abstração”, “é a essência do homem” (FROMM, 1975a, p. 34). A ideia de abstração em Marx tem dois sentidos, um positivo, a abstração dialética, e outro negativo, a abstração metafísica (VIANA, 2007b). Nesse sentido, a natureza humana não é uma abstração metafísica e é isso que Marx coloca nos *Manuscritos* e Fromm retoma. É uma abstração dialética, pois é algo real, existente de fato, e não mera especulação metafísica.

A essência humana não se manifesta da mesma forma em todas as épocas históricas, ela é algo que não se deve confundir com as formas de existência do homem ao longo da história. É por isso que Fromm coloca que para Marx não havia a possibilidade de imaginar que a natureza humana “fosse idêntica àquela expressão particular da natureza humana predominante em sua própria sociedade” (FROMM, 1975, p. 34). E é por esse motivo que Marx critica Bentham, que parte do indivíduo no capitalismo para definir a essência humana, não percebendo que é um ser humano determinado social e historicamente, ou seja, é a natureza humana modificada em determinadas relações sociais (as da sociedade capitalista). Se na sociedade capitalista existe a competição social, isso tem influência na personalidade do homem nessa sociedade, uma vez que ele está em luta contra outros, em outras sociedades que não existe a competição social, que se caracterizam pela coletivização da produção este homem tem uma personalidade diferente. Assim, Fromm aponta que para Marx, há diferenciação entre, por um lado, a “natureza humana em geral” e, por outro, “natureza humana modificada” em cada época histórica³⁷.

³⁷ Essa interpretação de Fromm entra em contradição com várias outras interpretações de Marx, mas citaremos apenas duas. A primeira é a de Althusser (1979), segundo a qual não existe natureza humana no pensamento de Marx e que o marxismo seria um anti-humanismo. Isso é derivado, obviamente, do estruturalismo althusseriano e de sua tese da “ruptura epistemológica” entre o jovem Marx e o Marx

Neste ponto, Marx coloca que o homem tem potencialidades intrínsecas e, que ele precisa de satisfazer suas necessidades primárias, como beber, comer, dormir, procriar, etc., bem como precisa desenvolver as necessidades essenciais, que remete ao processo de autocriação e autorrealização do ser humano. O elemento fundamental da natureza humana, para Marx, segundo Fromm, é o da produtividade, mas em um sentido amplo que englobe o trabalho, bem como o desenvolvimento de sua intelectualidade e sua liberdade. Essa é a base da crítica que Marx faz ao trabalho na sociedade capitalista e sua concepção de comunismo como supressão da exploração do homem pelo homem e, conseqüentemente, a abolição do trabalho alienado.

O trabalho é a expressão própria do homem, uma expressão de suas faculdades físicas e mentais. Nesse processo de atividade genuína, o homem desenvolve-se a si mesmo, torna-se ele próprio; o trabalho não é só um meio para um fim- o produto- mas um fim em si mesmo, a expressão significativa da energia humana; por isso, pode-se gostar do trabalho (FROMM, 1975, p. 48).

Logo, o ponto central na crítica que Marx faz da sociedade capitalista não é a injustiça na distribuição de riqueza que existe nessa sociedade. A sua crítica central é endereçada ao processo de perversão do trabalho, que se torna um trabalho alienado, um trabalho que não tem sentido para o homem e, que faz com que este não desenvolva as potencialidades humanas. O comunismo busca a abolição positiva da propriedade privada e da auto-alienação humana como o meio para o homem ser produtivo e desenvolver as suas potencialidades humanas, que o torna humano e solidário em relação a si a aos outros.

Fromm se baseou em Marx para criar a sua concepção de natureza humana. A natureza humana nunca pode ser observada como tal, mas somente através de suas manifestações específicas em situações específicas. Ela é uma formulação teórica que

da maturidade (VIANA, 2008a). A outra interpretação, próxima da de Fromm, é a de Viana, segundo a qual existe, no pensamento de Marx, uma essência humana, mas que ela não é “modificada” a cada época histórica, mas pode ser reprimida, domesticada, etc. em cada forma de sociedade, especialmente nas sociedades divididas em classes sociais. Nessa abordagem, a essência é a determinação fundamental, o elemento constituinte de um fenômeno (tal como o ser humano, pois é uma categoria da dialética, ou seja, uma ferramenta intelectual para explicar a realidade, que, no entanto, existe efetivamente). Assim, a essência não pode ser “modificada”, ela pode ser negada, domesticada, desenvolvida e o que ocorre efetivamente é sua negação e domesticação. Através das categorias de essência e existência, se concebe a natureza humana e suas manifestações em condições sociais e históricas específicas, que podem promover sua repressão e domesticação, ou seu desenvolvimento (VIANA, 2008b).

pode ser inferida por meio do estudo empírico do comportamento do homem (FROMM, 1975, p.31). Para ele, como para Marx, o homem nasce com potencialidades que podem ser desenvolvidas durante a sua existência e o fundamental na concepção de natureza humana em Fromm é o conceito de produtividade, entendido como o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas.

Fromm coloca que o homem não é uma folha de papel em branco em que a cultura molda sua personalidade. Apesar de o homem poder ajustar a sua personalidade para viver em condições que lhe são desfavoráveis, como na sociedade capitalista, ele se adapta, contudo essa adaptação exige uma repressão da sua natureza, uma vez que ele se torna improdutivo e alienado. Assim, a concepção de natureza humana em Fromm remete à sua análise da sociedade moderna e da impossibilidade do desenvolvimento pleno da essência humana. Por isso é fundamental, para compreender sua concepção de natureza humana, entender a sociedade atual e como a psicanálise contribui com esse processo de compreensão do homem e, ao mesmo tempo, como isso serviu de base de sua crítica da sociedade moderna e concepção de socialismo.

O que ficou conhecido como “trilogia”, compostas por três obras, contribuem para entender a crítica de Fromm e sua concepção da relação entre sociedade capitalista e natureza humana. A primeira obra da chamada “trilogia” é *O Medo à Liberdade*, de 1941, é primeira obra e que se propõe a analisar o Nazismo. Nessa obra a liberdade é colocada como um problema não só político, também como um problema psicológico e isso contribui para explicar alguns problemas da sociedade moderna. Segundo Fromm:

O homem moderno, emancipado dos grilhões da sociedade pré-individualista que simultaneamente lhe davam segurança e o cercavam, não alcançou a liberdade na aceção positiva de realização do seu eu individual: isto é, a manifestação de suas potencialidades intelectuais, emocionais e sensoriais. A liberdade, não obstante haver-lhe proporcionado independência e racionalidade, fez com que ele ficasse sozinho e, por conseguinte, angustiado e impotente. Este isolamento é intolerável e as alternativas com que ele se defronta são, seja a de escapar do peso dessa liberdade para novas dependências e nova submissão, seja progredir para a realização da plena liberdade positiva que se baseia na originalidade e individualidade do homem (1978, p.10).

Nessa obra Fromm discute o impacto que as transformações econômicas e sociais que ocorreram no período entre o final da Idade Média e a Idade Moderna para o homem. Na Idade Média, a ordem era relativamente estática, o feudalismo era um modo de produção que tinha poucas trocas comerciais e era uma sociedade estática. Havia pouca competição social e isso garantia que um artesão teria a garantia do seu trabalho durante a sua vida.

Com o renascimento e o surgimento do capitalismo, que nesse período era caracterizado pelo mercantilismo, as estruturas da sociedade começaram a mudar. A competição social aumentou, a produção artesanal foi progressivamente se transformando até chegar a produção industrial e, essa nova ordem não garantia mais a estabilidade. Nessa nova sociedade, denominada capitalista, o trabalhador tem que vender a sua força de trabalho ao proprietário dos meios de produção em troca de um salário. Essa mudança significou a separação do trabalhador dos meios de produção e sua dependência em relação ao proprietário destes, os capitalistas.

Essas transformações tiveram impacto na mente dos indivíduos. O feudalismo deixa de existir, o que significa que também deixa de existir a estabilidade que caracterizava essa sociedade, o que gera um impacto psíquico. Um dos princípios mais fortes na sociedade capitalista é o da liberdade individual. Porém, liberdade para quem superou as representações cotidianas, é facilmente perceptível que essa liberdade é apenas parcial, pois a sociedade continua dividida em classes, caracterizada pela exploração de uma classe sobre outra, ou seja, da burguesia sobre o proletariado. Nesse sentido, a liberdade se torna para os trabalhadores um fardo, pois para garantir a sua sobrevivência são obrigados a aceitar condições de trabalho precárias e formas degradantes de sobrevivência.

Fromm, contrariando o ponto de vista de Freud, para o qual o problema crucial da psicologia é o da satisfação dos instintos (1978), afirma que o problema é a forma como o indivíduo se relaciona com a sociedade, assim:

Embora haja certas necessidades – como fome, sede e satisfação sexual – comuns a todo homem, os impulsos que contribuem para as diferenças de caráter dos homens, como amor e ódio, a sede de poder e o anseio de submissão, fruição do prazer sexual e o medo deste, são todos produtos do processo social. As mais belas, assim como as mais feias inclinações do homem, não são parte de uma natureza humana fixa e recebida

biologicamente, mas provém de um processo social que forma o homem (FROMM, 1978, p.20).

A psicologia social tem que explicar o surgimento dessa nova mentalidade que emergiu na sociedade capitalista e, como ela afeta os indivíduos. Na sociedade capitalista, a liberdade que desfruta a burguesia não existe para o proletariado, uma vez que esse tem que se submeter a exploração para garantir a sua sobrevivência. Essa submissão significa que o trabalhador renuncia à sua liberdade. E ele tende a aceitar essa realidade, pois é convencido por ideologias, racionalizações, de que isso é justo, imutável, etc. Essa aceitação de uma realidade opressora torna-se possível através de mecanismos psicológicos de fuga que garantem que esse homem se sujeite à exploração. Fromm coloca que esses mecanismos são o autoritarismo, a destrutividade e o conformismo de autômatos.

O autoritarismo é a tendência para renunciar à independência do próprio ego individual e fundi-lo com alguém ou algo, no mundo exterior, afim de adquirir força de que o ego individual carece. Ou, por outras palavras, procurar novos vínculos primários que se perderam (FROMM, 1978, p.118). A tendência autoritária se manifesta na idolatria de um líder que possa conduzir as massas para o paraíso. O exemplo mais claro que temos é o de Hitler, que convenceu grande parte da sociedade alemã com seu discurso salvacionista³⁸.

Na sociedade moderna, temos exemplos de tendências autoritárias, que se manifestam na idolatria de algum político, como de alguns líderes religiosos e até entidades esportivas. A ideia básica é a mesma: seguir cegamente um líder. Fromm coloca que o caráter autoritário é seguido de tendências sádicas e masoquistas. Porque essas pessoas perdem a fé na razão, na sua capacidade de lutar contra o que considera injusto na sociedade e, depositam as suas esperanças de mudança em um líder que possa realizar esses desejos. Ao aceitar que esse líder o conduza, o homem se coloca numa condição inferiorizada, na qual aceita o sofrimento. Logo esse homem sente prazer em torturar tanto psicológica como fisicamente alguém, pois enxerga no sofrimento o caminho para a salvação, quando na realidade é o caminho para manter essa situação.

³⁸ Aqui não cabe nos posicionar diante da concepção de Fromm, que, nesse aspecto, é excessivamente psicologista, ao abstrair outras determinações. Como o nosso objetivo é compreender seu pensamento, então nos limitamos a reproduzir seus argumentos.

Essas pessoas tem uma tendência, quando confrontadas, a reagir com agressividade contra o outro.

A violência, nos leva ao segundo mecanismo de fuga, a destrutividade. Nesta tendência o indivíduo frustrado com a sua vida tem só um objetivo, a destruição do objeto desejado. Hitler, tinha uma admiração pela Inglaterra, quando esta não aceitou seus termos de paz, essa admiração se transformou em ódio e ele buscou destruí-la. Essa tendência à destrutividade é perceptível na sociedade atual, e pode ser observada diariamente nos jornais, tal como nos casos de relações conjugais, nas quais o companheiro que não aceita o fim de um relacionamento e prefere matar a namorada ou esposa.

O autoritarismo e a destrutividade são complementados por um terceiro elemento, que é o “conformismo de autômatos”. Segundo Fromm:

Este mecanismo em particular é a solução que a maioria dos indivíduos normais encontra na sociedade moderna. Para ser breve, digamos que o indivíduo cessa de ser ele mesmo; adota inteiramente um tipo de personalidade que lhe é oferecido pelos padrões culturais e, por conseguinte, torna-se exatamente como os demais são e como estes esperam que ele seja. A discrepância entre o eu e o mundo desaparece e, com ela, o temor consciente a solidão e à impotência (1978, p.150).

Esse mecanismo é reforçado por ideologias que buscam determinar que o indivíduo tenha determinado comportamento para se inserir em um grupo ou na própria sociedade. Assim mesmo que individualmente o indivíduo tenha discordância com a sociedade ou o grupo em que vive, para poder conviver nesse grupo ou sociedade é necessário uma adaptação que signifique a renúncia de sua individualidade. Vemos isso constantemente na sociedade capitalista, que existe muita competição social e, na qual para garantir a sua sobrevivência o indivíduo é obrigado a explorar o outro, ou ser antiético para conseguir determinado objetivo. A sociedade capitalista reforça essa ideia, lembrado de Hobbes, o homem é o lobo do homem, logo está justificado a exploração, mesmo que no seu íntimo esse homem sinta que está agindo de forma errada.

Fromm mostra que a consciência pode ser uma consciência humanista ou autoritária, derivada do tipo de autoridade que existe na sociedade, segundo ele:

Autoridade racional tem sua origem na competência. A pessoa cuja autoridade é respeitada exerce com competência a tarefa que lhe foi confiada pelos que lhe conferiram tal autoridade. Não precisa intimidá-los nem despertar sua admiração por meio de qualidades mágicas; enquanto e na medida em que ela é completamente útil, ao invés de explorada, sua autoridade baseia-se em motivos racionais e não carece de um respeito irracional cheio de medo... A autoridade irracional é invariavelmente o poder sobre as pessoas. Esse poder pode ser físico ou mental, pode ser real ou apenas relativo, em função da ansiedade e do desamparo da pessoa a ela subordinada. O poder, de um lado, e o medo de outro, são sempre os esteios em que se apoia a autoridade irracional (FROMM, 1974, p. 19).

A autoridade irracional é a comum em sociedades que existam a exploração, uma vez que se faz necessário ideologias que justifiquem essa situação. A sociedade capitalista existem vários exemplos de autoridade irracional, baseada na obediência ao Estado, à Igreja e à família. Também precisa preparar os indivíduos para não criticar as contradições.

Nesse contexto, é fundamental entender sua análise do caráter, intimamente relacionada com sua concepção de natureza humana e com sua crítica do capitalismo. Essa discussão se encontra mais desenvolvida em *Análise do Homem* (1974). Nessa obra, a segunda da trilogia, já referida, ele dá continuidade à obra anterior. Nesta obra, Fromm discute a questão da relação entre psicologia e ética, critica o relativismo, que mostram alguns elementos que ajudam a compreender sua relação entre natureza humana e sociedade:

O divórcio entre a psicologia e a ética data de época relativamente recente. Os grandes pensadores éticos humanistas do passado, em cujas obras se baseiam esse livro, eram filósofos e psicólogos; eles criam que a compreensão da natureza do homem e a dos valores e normas para a vida deste eram interdependentes. Freud e sua escola, pelo contrário, apesar de oferecerem uma contribuição inestimável para o progresso das ideias éticas ao desmascararem os julgamentos irracionais dos valores, adotaram uma posição relativista em face aos valores, posição essa que exerceu efeito negativo não só sobre a evolução da ética teórica como também sobre o progresso da própria psicologia (FROMM, 1974, p.10).

A psicanálise estava, na visão de Fromm, ficando alheia ao problema do homem moderno. Esse problema não remete apenas à psicanálise, mas também à sociologia e a economia. Nesse contexto, Fromm revela que sua preocupação com a questão da natureza humana remete ao problema da sociedade moderna e, por conseguinte, ao problema da ética e da política, gerando a necessidade de buscar meios para a mudança e transformação. Essa preocupação com o homem e a sociedade nos

aponta para a percepção de que Fromm é um utópico, no sentido de alguém que busca a transformação da sociedade, tal como coloca Schaar.

O centro da obra de Fromm, portanto, é sua convicção de que nossa civilização esmaga e corrompe, de forma incansável e sistemática, as mais profundas necessidades e os poderes do homem. A meta é a terra prometida da liberdade e do amor. Sua obra apresenta três grandes divisões. A primeira é a análise da natureza humana e da condição humana. A segunda é a explicação histórica de como a sociedade moderna tornou-se efêmera, juntamente com o diagnóstico da própria enfermidade. A terceira é a cura proposta, na qual ele transmite sua visão da vida boa e esboça uma constituição para a sociedade boa (SCHAAR, 1965, p.15).

Assim, Fromm elabora uma crítica da sociedade capitalista e não só apresenta o diagnóstico como propõe uma mudança. E isso relacionado com a discussão sobre ética, anteriormente apresentada. A relação entre psicanálise e ética foi tema de livro de Fromm, bem como ele discutiu amplamente a ética em *Análise do Homem*. A discussão ética nos coloca outro ponto importante na obra de Fromm, o conceito de caráter social. O caráter pode ser definido a partir da observação do comportamento de um indivíduo, esses traços de comportamento, mostram a reação em determinadas situações e como que pessoas diferentes reagem numa mesma situação. Segundo Fromm (1974), a orientação behaviorista entende o caráter como reflexo do comportamento.

O behaviorismo pressupõe que todo o comportamento humano é essencialmente governado pelo princípio de prêmios e punições. Prêmio e punição constituem os dois grandes estímulos, e um ser humano reagirá a eles, presumivelmente, do mesmo modo que qualquer outro animal. Aprenderá a fazer as coisas pelas quais é recompensado e a não fazer aquelas para as quais há uma ameaça de um castigo. Não tem que ser necessariamente punido; a simples ameaça de punição basta. Uma vez por outra, é claro, algumas pessoas têm de realmente ser castigadas para que a ameaça de punição não se torne uma ameaça vazia (FROMM, 1986, p.18).

Fromm acusa essa teoria do caráter de ser reducionista. Partindo de Freud, que tem uma teoria dinâmica do caráter, que não analisa apenas os traços de comportamento, mas os compara com os traços de caráter. Desta forma, quando vemos um indivíduo corajoso, para o behaviorismo, isso já define o caráter. Para a concepção dinâmica do caráter, a coragem tem que ser compreendida por suas motivações. Por exemplo, um indivíduo age com coragem porque quer ser respeitado, ou porque

enxerga alguma vantagem tendo uma atitude corajosa. A concepção de caráter de Fromm tem como base a teoria de Freud³⁹:

Fromm segue Freud na suposição de que os traços de caráter servem de base ao comportamento e dele devem ser inferidos e de que eles constituem forças que malgrado poderosas, podem ser inteiramente inconscientes para a pessoa. Segue Freud na admissão de que a entidade fundamental do caráter não é o traço de caráter isolado, e sim a organização total do caráter de que decorrem diversos traços de caráter isolados (SCHAAR, 1965, p. 57).

Contudo, a teoria do caráter de Freud se fundamenta em sua teoria da sexualidade. Esse aspecto gera o afastamento de Fromm em relação a Freud⁴⁰. Assim, Fromm destaca sua diferenciação em relação a Freud para demonstrar as bases diferenciadas das duas concepções de caráter.

A diferença capital entre a teoria do caráter aqui proposta e a de Freud é que a base fundamental do caráter não é vista nos vários tipos de organização da libido, porém em tipos específicos de relacionamento da pessoa com o mundo. No curso da vida, o homem relaciona-se com o mundo: 1) adquirindo e assimilando coisas; e 2) relacionando-se com pessoas (consigo mesmo). Ao primeiro, darei o nome de processo de assimilação; ao segundo, o de socialização. Ambas essas formas de relacionamento são abertas e não, como ocorre com os animais, condicionadas pelos instintos (FROMM, 1970, p.58).

Freud fundamenta a sua teoria dos instintos na questão da sexualidade, que para ele é a motivação fundamental do indivíduo. Fromm discorda do que ele denomina de pansexualismo de Freud. Fromm, ao falar do indivíduo que era Freud, afirmava que ele era um homem influenciado pelo pensamento de sua época. Um homem que viveu na Europa do século XIX e foi influenciado pelo pensamento dominante da era vitoriana.

O primeiro ponto importante para compreender a teoria do caráter social de Erich Fromm é a sua própria definição do conceito de caráter. Para Fromm, “o caráter pode ser definido como a forma (relativamente permanente) por que a energia humana

³⁹ Fromm explicita isso e concebe a concepção freudiana como superior às demais: “Freud criou não só a primeira como também a mais coerente e penetrante teoria do caráter como sistema de impulsos que formam a base do comportamento, mas serem idênticos a este” (FROMM, 1974a, p. 55).

⁴⁰ Já colocamos anteriormente a crítica de Fromm ao pansexualismo de Freud e não retomaremos este ponto. Apenas destacamos que é tal divergência que gerou a ruptura de vários discípulos de Freud com ele, tal como Alfred Adler e Carl Gustav Jung. Além disso, é a objeção ao determinismo sexual de Freud que fez emergir o chamado “neofreudismo”. E isso é objeto da crítica de Marcuse, que inclui Fromm entre os neofreudianos, que seriam “culturalistas”, o que revela uma crítica equivocada e faz parte do debate entre estes dois pensadores (VIANA, 2008).

é canalizada no processo de assimilação e socialização” (FROMM, 1975^a, p.58). Ele acrescenta que tal “canalização da energia psíquica” possui uma “função biológica” que é “bastante significativa”. O caráter social assume importância fundamental no esquema explicativo de Fromm, pois ele deixa claro que ele substitui, nos seres humanos, o que significa o “equipamento instintivo” para o animal. “Uma vez que a energia seja canalizada de certa maneira, a ação se efetua ‘conforme o caráter’” (FROMM, 1975^a, p. 59). Certo tipo de caráter pode ser, segundo Fromm, “eticamente indefensável”, mas possibilita ao indivíduo agir sob forma razoavelmente coerente e alivia a pressão sobre ele. Ele também tem um elemento importante que é a sua função seletiva de valores e ideias para a pessoa. E como as ideias em geral parecem ser independentes da pessoa com suas emoções e julgamentos, então ganha aparência de dedução lógica e racionalidade. Ele também promove o ajustamento do indivíduo à sociedade. O caráter da criança, segundo Fromm, é moldado pelos pais, e assim a família assume a posição de “agência psíquica” da sociedade. O compartilhamento de classe ou cultura dos indivíduos permite falar em “caráter social”. Fromm elabora uma tipologia de caráter social e, no interior desta, faz uma distinção entre orientações improdutivas e orientação produtiva. As orientações improdutivas são variadas: exploradora, acumulativa, mercantil⁴¹. A orientação produtiva é apenas uma. A diferença entre as orientações improdutivas e a orientação produtiva remete ao processo histórico, que explica as improdutivas, e a natureza humana, que explica a produtiva. Não é nosso objetivo discutir a teoria do caráter social de Fromm em sua totalidade, mas tão somente aquilo que é importante para explicar sua concepção de socialismo. É

⁴¹ Sinteticamente, as orientações improdutivas podem ser assim resumidas: a) receptiva na qual o homem quer tudo para si e que a fonte do bem está fora de si; b) exploradora essa com certeza vai de encontro com os valores da sociedade capitalista, combinada com a receptiva, o explorador espera tudo de fora, com um detalhe, ele quer tomar do outro; c) acumulativa essa também tem uma íntima relação com os valores da sociedade capitalista, uma vez que o princípio de acumular é premissa básica do capitalismo, para o qual a palavra posse tem um significado importante; d) mercantil na qual tal como as mercadorias as pessoas se colocam como objetos, tendo em vista a importância do mercado na sociedade capitalista, essa orientação mostra que para ter sucesso o indivíduo precisa se apresentar como algo com valor. É importante entender que essas orientações podem se mesclar: “Essas orientações improdutivas, se mesclam segundo Fromm: “As orientações do caráter até aqui descritas não são tão separadas uma das outras quanto pode parecer através desse esboço. A orientação receptiva, por exemplo, pode ser dominante em uma pessoa, mas geralmente vem mesclada com uma ou todas as demais orientações” (FROMM, 1974, p. 74). A predominância de qualquer tipo de orientação de caráter está relacionado com o padrão social e cultural que o indivíduo vive. No caso da sociedade capitalista, os valores da sociedade giram em torno da aquisição, do ter como algo fundamental, é natural que as orientações de caráter dominantes estejam de acordo com esses valores.

por esse motivo que abordaremos apenas a sua concepção de orientação produtiva de caráter, intimamente ligada à sua concepção de socialismo.

O caráter produtivo e o conceito de produtividade são fundamentais para entender a proposta de socialismo de Fromm, bem como o seu humanismo. O caráter produtivo é, para Fromm, o mesmo que o caráter “completamente desenvolvido”. Segundo suas próprias palavras, “ao discutir o caráter produtivo, aventuro-me além da análise crítica e investigo a natureza do caráter completamente desenvolvido que é o objetivo do desenvolvimento humano e, simultaneamente, o ideal da ética humanista” (FROMM, 1974 p. 77). O termo produtividade é associado a capacidade criadora. Fromm a relaciona com a criação artística, e, segundo ele, “o verdadeiro artista” “é o mais convincente representante da produtividade”. Os artistas não são todos produtivos. Fromm explica isso através do exemplo do quadro (de arte) convencional, no qual o artista pode reproduzir tecnicamente a fotografia de uma pessoa. No entanto, isso não significa ser produtivo. “*A produtividade é uma atitude de que todo ser humano é capaz, salvo se for inválido mental e emocionalmente*” (FROMM, 1970, p.78-79).

Segundo Fromm, o homem nasce para desenvolver as suas potencialidades. A produtividade é a realização dessa potencialidade. Contudo, argumenta Fromm, na sociedade capitalista, o homem não desenvolve essas potencialidades. “A produtividade é a realização, pelo homem, das potencialidades que o caracterizam, é o uso de seus poderes”. E o que é poder? “É um tanto irônico o fato deste vocábulo indicar dois conceitos contraditórios: poder de = capacidade, e poder sobre = dominação (FROMM, 1974, p. 81).

O homem produtivo é o homem que desenvolve as suas potencialidades humanas. O termo “homem produtivo” pode facilmente ser confundido como atividade (ou, se fosse hoje, “empreendedorismo”), mas, segundo Fromm, ele se caracteriza por ser uma atitude do homem para com o mundo e para consigo mesmo. Essa é a marca do homem produtivo. Obviamente que, na sociedade capitalista, com os valores dominantes, contrários ao princípio da produtividade, essa orientação de caráter se torna cada vez mais rara.

Descrevemos a produtividade como uma maneira particular de relacionamento com o mundo. É o caso de perguntar se a pessoa produtiva produz alguma coisa, e, o que? Conquanto seja verdade que a produtividade do homem possa criar coisas materiais, obras de arte e sistema de ideias, o objeto mais importante de produtividade é decididamente o próprio homem (FROMM, 1974, p. 83).

O homem produtivo não é valorizado na sociedade capitalista. Porém, esta não consegue eliminar totalmente as orientações produtivas do homem. Essa discussão, no entanto, vai além da própria sociedade capitalista, uma vez que os filósofos da antiguidade, os sistemas religiosos defendiam uma ética que valorizasse as virtudes do homem. Na vida em sociedade, o homem precisa ter uma ética. A cultura moderna valoriza em grande parte os valores que seriam derivados das orientações improdutivas, visto que estão de acordo com os princípios da sociedade capitalista. Os valores das orientações improdutivas não estão em conflito com essa sociedade.

Porém, existe na sociedade capitalista um mal-estar, descrito por Freud, e discutido por autores da Escola de Frankfurt. Esse mal-estar é derivado desse processo de socialização contraditório, no qual o homem ao se adaptar aos valores da sociedade capitalista tem que renunciar aos seus desejos. Freud argumentava que para viver em sociedade o homem tem que renunciar aos seus instintos, Freud entendia instinto como desejos ligados à sexualidade. Fromm também via esse mal-estar, mas para ele a origem não era na renúncia dos instintos, mas derivado da socialização na sociedade capitalista que privava o homem de se tornar homem, no sentido de desenvolver as suas potencialidades. Como ele dizia, o homem não é uma folha em branco na qual a cultura escreve seus valores. O homem para se desenvolver precisa criar os meios para a sua sobrevivência, através do trabalho. Segundo Fromm:

A crítica feita por Marx ao capitalismo não é a injustiça na distribuição de riqueza; é a perversão do trabalho, convertendo-o em trabalho forçado, alienado, sem sentido- por conseguinte a transformação do homem em uma monstruosidade aleijada. O conceito marxista do trabalho como expressão da individualidade do homem é expresso sucintamente em sua visão da abolição completa da sujeição do homem a vida inteira a uma única ocupação. Visto que a meta do desenvolvimento humano é a do desenvolvimento do homem total e universal, o homem tem de ser emancipado da influência mutiladora da especialização. Em todas as sociedades anteriores, escreve Marx, o homem foi um caçador, um pescador, um pastor, ou crítico maldizente, e tinha de assim permanecer caso não quisesse perder o seu ganha-pão; já na sociedade comunista, onde ninguém tem uma esfera exclusiva de atividade, mas cada um pode tornar-se consumado em qualquer campo que desejar, a sociedade regula a produção geral e torna possível, assim a gente fazer hoje uma coisa e

amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, criar gado de noite, criticar após o jantar, tal como se deseje, sem jamais se tornar caçador, pescador, pastor ou crítico (FROMM, 1975a, p. 48).

Nesta citação de Fromm, no qual busca expressar o pensamento de Marx, há uma busca de síntese da sua concepção a respeito da sua concordância com o fundador do marxismo no que se refere à “meta do desenvolvimento humano”. Aqui está presente a questão da alienação do homem que tem sua origem no trabalho e que ao se generalizar corrompe o ser humano e impede a realização das suas potencialidades humanas. Daí vemos que esse homem se torna inseguro, isolado e se torna, dentro da sociedade capitalista, um objeto na busca de acumulação de capital. Fromm ao analisar a condição do homem na sociedade capitalista do século XX, no qual existe uma mentalidade diferente da que predominava no século XIX, que era o espírito de poupar. No século XX a denominada “sociedade de consumo” pregava que a satisfação do homem estava em consumir, possuir as mercadorias. Tanto que Fromm denominou essa sociedade de ter, uma orientação dominante na sociedade capitalista que abrange a mentalidade de todos os indivíduos.

É nesse contexto que Fromm fala de uma sociedade enferma. Para além das críticas à sociedade capitalista fundamentadas na questão da exploração, do meio ambiente, da ânsia pelo lucro, Fromm acrescenta a degeneração moral do homem e, fundamentalmente, os obstáculos que tal sociedade gera para a realização da natureza humana, da produtividade.

Fromm retoma e desenvolve essa crítica da sociedade moderna em sua terceira obra da trilogia, denominada *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, que parte da tese de *O Medo à Liberdade* na qual os movimentos totalitários apelavam para a fuga da liberdade, bem como de *Análise do Homem*, na qual analisou as várias orientações de caráter. Na primeira obra, tratou fundamentalmente do caráter autoritário, e na segunda, das várias orientações de caráter. Nessa obra ele retoma sinteticamente alguns elementos das obras anteriores e aponta para “sugestões concretas para o funcionamento de uma sociedade sadia” (FROMM, 1970, p. 12).

As paixões básicas do homem não estão arraigadas em suas necessidades instintivas, mas nas condições específicas da existência humana, na necessidade de encontrar nova relação com o homem e a Natureza após ter perdido a relação primária da etapa pré-humana. Conquanto, a esse respeito, as minhas ideias difiram essencialmente das de Freud, elas são, não

obstante, baseadas em suas constatações fundamentais, levadas avante sob a influência das ideias e experiências de gerações que descansam em seus ombros... Mas precisamente em razão das críticas implícitas ou explícitas a Freud contidas nestas páginas, desejo com clareza que vejo maiores perigos no desenvolvimento de certas tendências da psicanálise, que, conquanto criticam certos erros do sistema de Freud, desprezam, com os erros, também as partes mais valiosas dos ensinamentos de Freud: seu método científico, seu conceito evolucionista, seu conceito de inconsciente como uma força verdadeiramente irracional e não uma somatória de ideias errôneas (1970, p.12).

Nessa obra Fromm propõe desenvolver uma psicanálise humanista, que compreenda que os problemas psicológicos individuais e sua estrita relação com os problemas sociais e que a psicanálise deve colaborar para elucidar essas questões. Nesta obra Fromm questiona se a sociedade moderna realmente promove uma vida melhor para os indivíduos. Apesar do avanço tecnológico, do avanço na área da saúde que faz com que a expectativa de vida aumente, o homem moderno não vive feliz.

Dizer que uma sociedade carece de saúde mental implica uma discutida premissa contrária ao relativismo sociológico adotado pela maioria dos sociólogos atuais. Nesse momento Fromm retoma sua crítica ao relativismo ético e sociológico e parte dessa crítica para mostrar os problemas da sociedade capitalista. Eles postulam que uma sociedade é normal enquanto funciona, e que a patologia só pode ser definida em termos da falta de ajustamento individual ao estilo de vida de sua sociedade (FROMM, 1970, p. 26). Fromm afirma que a sociedade capitalista se encontra enferma, pois a verdadeira e fundamental questão não é a da adaptação do indivíduo à sociedade e sim algo mais profundo. Para Fromm, a grande questão é a sociedade conseguir criar as condições que tornem possível a satisfação das necessidades do homem, para que este possa desenvolver as suas potencialidades.

A sociedade capitalista não permite um desenvolvimento do indivíduo, pois em uma sociedade baseada na exploração, tanto quem explora, quanto quem é explorado, precisa aceitar essa ordem como natural. Daí a necessidade de ideologias que ajudem no funcionamento da sociedade. Para que a sociedade funcione continuamente, se faz necessário que os indivíduos sejam adaptados a essa determinada sociedade. Nesse contexto, Fromm retoma o conceito de caráter social. Ele reapresenta sua definição do mesmo:

Refiro-me, com esse conceito, ao núcleo da estrutura do caráter compartilhada pela maioria dos indivíduos de uma mesma cultura, diversamente do caráter individual, que é diferente em cada um dos indivíduos pertencentes à mesma cultura. O conceito de caráter social não é estático no sentido de simples soma total dos traços de caráter encontrados na maioria dos indivíduos de uma dada cultura (FROMM, 1970, p. 86).

Esse conceito de caráter fica mais fácil de ser compreendido quando analisamos a sua função dentro de uma sociedade e como ele molda e canaliza as energias humanas para garantir o funcionamento da mesma. E Fromm reapresenta este conceito através da análise do que ele denomina “sociedade contemporânea”, ou seja, a sociedade capitalista em sua última fase (recordando que tratava-se da fase em que Fromm vivia na época em que escreveu o livro, que é de 1955). É nesse contexto que ela aborda o desenvolvimento da sociedade capitalista, mostrando suas mutações.

Fromm apresenta um apanhado geral do desenvolvimento capitalista, mostrando o problema da alienação, da burocratização, entre outros, relacionados com a questão do caráter social. Fromm coloca que a sociedade capitalista gera um processo de burocratização, abstratificação, entre outros problemas, que ampliam a alienação e descontentamento dos seres humanos. Sem dúvida, a análise de Fromm pode ser criticada por lhe faltar uma maior compreensão da dinâmica capitalista, tanto no que se refere ao processo da luta de classes, que aparece de forma secundária, quanto da acumulação de capital, que aparece apenas descritivamente⁴².

Em síntese, para Fromm, a sociedade “contemporânea” está enferma. Disso deduz que o indivíduo considerado “saudável” numa sociedade enferma, não é exatamente saudável e sim adaptado a tal sociedade. Fromm aponta que justamente os países com maior índice de desenvolvimento, distribuição de renda e outros aspectos, são as que “apresentam os mais sérios sintomas de desequilíbrio mental” (FROMM, 1970, p. 24). A sua discussão sobre saúde mental e sociedade aponta para a conclusão que a sociedade capitalista é uma sociedade enferma, doente, e, por conseguinte, o critério da normalidade como adaptabilidade a essa sociedade, não se sustenta, pois os

⁴² Como apontamos anteriormente, a sociedade capitalista se desenvolve e tal desenvolvimento pode ser compreendido através da sucessão de regimes de acumulação, que se caracterizam por determinada forma estatal, forma de organização do trabalho e forma de exploração internacional. Fromm não percebe esse processo e por isso sua análise do desenvolvimento capitalista foca, muitas vezes, em elementos derivados, mas que tem o mérito de mostrar alguns deles e recompor uma concepção mais geral e ampla. Infelizmente, Fromm não pode tratar das últimas mudanças, relacionadas ao atual regime de acumulação, o integral, e sua relação com a questão do caráter social.

adaptados são muito mais provavelmente tão enfermos mentalmente quanto a sociedade ao qual se adaptaram. Assim, partindo do conceito de natureza humana, que desemboca no conceito de caráter produtivo, Fromm elabora uma crítica da sociedade capitalista como “sociedade enferma”. Ele, no entanto, não se limita a diagnosticar a enfermidade contemporânea, pois apresenta uma solução para o problema do capitalismo. A solução é o socialismo. Este é o ponto que vamos desenvolver nos próximos tópicos.

3.2. O socialismo humanista

A sociedade capitalista é vista como uma sociedade em que as relações humanas são mercantilizadas. O homem, dentro desse processo, também se torna uma mercadoria, mais do que isso, ele faz parte de um sistema produtivo, que tem uma grande capacidade de produzir mercadorias, mas que a finalidade não é a satisfação das necessidades humanas. Longe disso, para algumas sociedades dos países pobres, a maioria da população não dispõe de atendimento às suas necessidades básicas, seja de alimentação, seja de higiene, seja de condições de trabalho.

Já nos países de capitalismo avançado, existe, na época de Erich Fromm, uma situação particular. Devido aos avanços sociais conseguidos pelo Estado de bem-estar, uma boa parcela da população dessas sociedades dispõe de uma condição de vida que garante o atendimento de suas necessidades básicas. Mais do que isso, a ênfase dada nessas sociedades para o consumo, fez com que a satisfação das necessidades de consumo passasse a ser o ideal a ser buscado por todas as sociedades que almejam chegar ao patamar dessas sociedades “desenvolvidas”.

Fromm, se posiciona contra o que define como *homo consumens*, o caráter típico da sociedade capitalista do século XX, e também do XXI, que busca a satisfação de suas necessidades espirituais através do consumo. Quando falamos de espírito, estamos falando da mentalidade de uma época que varia de sociedade para sociedade e que em cada época tem seus valores dominantes.

Fromm é um severo crítico da sociedade moderna e isso está expresso em diversas obras. Focalizamos a sua trilogia, na qual se destaca a sua crítica ao nazismo e formas totalitárias de exercício do poder, a uma sociedade que gera orientações

improdutivas de caráter, e a sociedade fundada na burocratização, alienação, consumismo e que gera o desequilíbrio mental em alta escala. Em sua obra *Ter ou Ser?* (FROMM, 1979) ele enfatiza o consumismo e a predominância dos valores aquisitivos e capitalistas em detrimento dos valores humanistas. Outras obras apontam para outras críticas a aspectos da sociedade capitalista, entendida por ele, como já colocamos, como uma sociedade enferma.

Essa discussão remete ao problema do humanismo. Isso pelo motivo de que o humanismo é uma crença na unidade da raça humana⁴³ e na possibilidade de o homem se aperfeiçoar a si mesmo através do próprio esforço (FROMM, 1965a, p.7). Fica claro que a sociedade capitalista, que tem como objetivo a obtenção do lucro, não consegue realizar os princípios do humanismo pensado por Fromm, que é a realização da natureza humana.

O humanismo surgiu sempre como uma reação contra uma ameaça à humanidade: na Renascença, contra a ameaça do fanatismo religioso; no Iluminismo, contra o nacionalismo extremo e contra a escravização do homem pela máquina e pelos interesses econômicos. O redespertar do humanismo constitui, hoje, uma nova reação contra essa última ameaça numa forma mais intensa – o temor de que o homem venha a se tornar escravo das coisas e prisioneiro das circunstâncias que ele próprio criou – e contra a ameaça inteiramente nova à existência física da humanidade por meio das armas nucleares (FROMM, 1976, p. 8).

O humanismo vem desde as filosofias judaico-cristãs (FROMM, 1984). Porém o humanismo é comumente contraposto ao pensamento religioso que foi hegemônico na Europa durante a Idade Média, um período no qual, o pensamento religioso exercia uma grande influência na sociedade e que colocava o homem numa relação de inferioridade a Deus. Logo com o renascimento, um período que marca a transição do feudalismo para o capitalismo, vemos uma retomada dos pensadores da antiguidade e do humanismo.

A filosofia humanista pode ser caracterizada do seguinte modo: primeiro, pela crença na unidade da raça humana – nada existe de humano que não seja encontrado em nenhum de nós; segundo, pela ênfase na dignidade do homem; terceiro, pela ênfase na capacidade do homem de desenvolver-se e aperfeiçoar-se; e, quarto, pela ênfase na razão, na objetividade e na paz (FROMM, 1984, p. 59-60).

⁴³ Sem dúvida, falar em “raça humana” é algo equivocado, mas comum. No caso de Fromm, o uso do termo “raça” não tem o significado preciso que existem nas discussões sobre a questão racial. Porém, o uso é problemático da mesma forma. O correto seria colocar espécie humana, pois a humanidade é uma espécie. Ela não poderia ser uma “raça”, que é uma diferenciação no interior de uma espécie.

O humanismo de Fromm pensa o homem vivendo produtivamente, o seu humanismo é derivado de sua concepção de natureza humana. Para Fromm, o homem não é um ser vazio e sim portador de uma essência. A natureza humana, tal como apresentamos anteriormente, se fundamenta na produtividade. Porém, a relação do ser humano com o ambiente é importante para entender o desenvolvimento ou não desenvolvimento dessa natureza. Fromm também discorda dos autores que defendem a ideia de que o homem é mau por natureza. Fromm afirma que a história do homem foi escrita com sangue:

É uma história de violência contínua, na qual quase invariavelmente a força foi usada para vergar-lhe a vontade. O Paxá Talaat sozinho teria exterminado milhões de armênios? Foi Hitler sozinho que exterminou milhões de judeus? Stálin sozinho exterminou milhões de inimigos políticos? Esses homens não estavam sós; tinham milhares de homens que matavam para eles, torturavam para eles, e faziam isso não só de bom grado como até com prazer. Não vemos a inumanidade do homem para com o homem em toda parte – na guerra implacável, no assassinato e estupro, na exploração desapiadada do fraco pelo forte, e no fato dos soluços dos torturados e sofredores tão frequentemente terem caído em ouvidos surdos e corações empedernidos? Todos esses fatos levaram pensadores como Hobbes à conclusão de que *homo homini lupus* (o homem é um lobo para o seu semelhante); levaram muitos de nós atualmente a admitir o homem como sendo mal e destruidor por natureza, um matador que só pode ser refreado em seu passatempo favorito pelo medo de matadores mais poderosos (FROMM, 1975b, P. 18).

A tese de que o homem é mau por natureza, é reforçada pelo espírito da sociedade capitalista. Porém, mesmo nessa sociedade vemos solidariedade, vemos comportamentos que vão contra os princípios dessa sociedade. Essa contradição para Fromm expressa o que é a natureza humana, os valores humanos que independente da sociedade estão presentes no homem.

Para Fromm, o homem nasce para se desenvolver produtivamente, tal como definido anteriormente, e isso significa que deve desenvolver-se física e mentalmente, tal como Marx (2002), já colocava. Neste último aspecto esse desenvolvimento depende das condições em que esse homem está inserido. Fromm (1975a) demonstra isso comparando tribos indígenas: ele cita o exemplo de uma que tem a agricultura como a sua principal atividade produtiva e outra que tem a coleta e a caça como a sua principal atividade produtiva e mostra que a primeira é pacifista enquanto que a segunda é belicista. A abordagem de Fromm neste livro reforça a sua tese de que a natureza humana não é boa ou má, mas que o homem nasce para ser produtivo.

Segundo Fromm, um dos últimos grandes humanistas do século passado foi Marx. Em seus *Manuscritos de Paris*, ele escreveu: um ser não se considera independente a menos que seja seu próprio senhor, e só é seu próprio senhor quando deve sua existência a si mesmo. O homem que vive pelo favor de outro se considera um ser dependente. O homem só se torna independente quando se apropria do seu ser multifacetado de maneira abrangente e, desse modo, é um homem inteiro (FROMM, 1984, p. 64).

Assim, a partir de sua crítica humanista ao capitalismo e ao chamado “socialismo real” (que focalizaremos adiante), Fromm desenvolve a ideia de um socialismo humanista (e não foi o único a fazer tal relação entre projeto de nova sociedade e humanismo, pois desde Marx até alguns contemporâneos dele essa ideia reaparece). Nesse sentido, assume importância a questão sobre qual é o seu projeto de socialismo? Essa pergunta se mostra ainda mais pertinente diante do fato de que para Fromm, o socialismo deve se adequar à natureza humana, ou seja, deve criar as condições para que as potencialidades do homem sejam desenvolvidas.

Para Fromm isso não é possível de acontecer na sociedade capitalista, devido aos valores dessa como a competição social, a exploração do homem pelo homem, a busca incessante pelo lucro, a negação da natureza humana. Porém, no chamado “socialismo real”, existente na época de Fromm, que também era visto criticamente por ele, pois não só não criava as condições para desenvolvimento e generalização da produtividade, como também eram regime ditatoriais, nos quais eram suprimidas a liberdade individual e a estrutura socioeconômica não visava a satisfação das necessidades humanas.

Fromm, por um lado estava preocupado com desenvolvimento da sociedade capitalista de sua época. Essa sociedade avançava para uma era tecnológica em que o homem era um mero meio para realização dos fins dessa sociedade. A mudança de orientação de caráter do capitalismo do século XIX, que tinha como princípio a poupança, para o século XX que era voltada para o consumo⁴⁴. Se via a

⁴⁴ Em relação aos países de capitalismo subordinado, Fromm não desenvolve muito o tema, não percebe que a razão da pobreza está na exploração a que esses países estão submetidos, que os mantém numa condição de vida análoga ao que os trabalhadores da Europa viveram durante o período da revolução industrial.

sociedade capitalista com muitas críticas, o “socialismo real” também não era visto com bons olhos por Fromm. Isso será desenvolvido no próximo tópico.

A concepção do socialismo humanista de Fromm se preocupa com o problema da alienação e sua superação e concretização de uma sociedade em que a produtividade seja a orientação de caráter predominante. Segundo Fromm, o humanismo socialista não se desenvolveu por meio do cego mecanismo da história econômica, mas através da solução das eternas perguntas do homem e do seu significado no universo.

A posição de alguns outros pensadores sobre o socialismo humanista contribui com a compreensão do pensamento de Fromm a esse respeito⁴⁵. Para Svitak, o desenvolvimento do homem parece ser pré-determinado pela busca de solução dos problemas sociais da sociedade industrial. Isso, porém, não passa de ilusão. Nesse sentido, é preciso entender que o reducionismo que limita o movimento socialista e a concepção de homem ao processo de realização de reforma ou revolução é um processo de escamoteação de uma importante dimensão do socialismo, que é exatamente o seu objetivo humanista. E o socialismo é filho do humanismo. O nascimento do pensamento socialista remete ao desenvolvimento do humanismo europeu, que, por sua vez, vem da tradição que tem raízes profundas na Grécia antiga, na Renascença e no Iluminismo (SVITAK, 1976, p. 37).

Ainda segundo Svitak (1976), o socialismo humanista ultrapassa a mera preocupação com apenas o desenvolvimento das forças produtivas e da tecnologia. Ele também se preocupa com o conteúdo das relações sociais, com os problemas das pessoas e com o caráter do homem. E, nesse sentido, a separação entre desenvolvimento tecnológico e relações sociais e problemas dos seres humanos mais profundos, podem ser extremamente prejudiciais para o futuro da humanidade. O desenvolvimento tecnológico sem a transformação das relações sociais pode anunciar um futuro tenebroso, tal como ocorre na obra de George Orwell, 1984. Isso, no entanto, não seria o socialismo. “A tecnocracia inumana da utopia pessimista de Orwell representa um mundo que perdeu a tradição humanista. O socialismo não pode

⁴⁵ Fromm (1976) organizou uma coletânea sobre socialismo humanista e convidou diversos pensadores de diversos países para contribuir com essa reflexão coletiva sobre essa concepção.

abandonar semelhante tradição sem abandonar igualmente a racionalidade de sua existência e das suas raízes” (SVITAK, 1976, p. 48-49).

Para Suchodolski, Marx foi um representante do socialismo humanista, pois ele se dedicou a analisar o capitalismo para realizar a transformação social e a sua compreensão foi sendo aprimorada a partir do momento em que ele passou a se dedicar à atividade revolucionária com o objetivo de “eliminar a alienação do trabalho e da vida social e a desumanização do homem” (SUCHODOLSKI, 1976, p. 60). A *práxis revolucionária*, seria, segundo Marx, nas condições históricas existentes, “o principal fator de transformação social e a principal força de libertação do homem da escravidão das formas de vida social e intelectual, a que sucumbira” (SUCHODOLSKI, 1976, p. 60).

Fromm concebe o socialismo humanista a partir da contribuição de Marx e por isso é possível considerar a seguinte síntese realizada por ele ao se referir a Marx e o humanismo em sua concepção de comunismo:

Para Marx, o comunismo é a abolição positiva da propriedade privada, da auto-alienação humana, e assim a verdadeira apropriação da natureza humana por meio do e para o homem. Ele é, por conseguinte, o retorno do próprio homem como um ser social, isto é, realmente humano, um retorno completo e consciente que assimila toda a riqueza da evolução anterior. O comunismo como naturalismo plenamente evoluído é humanismo, a como humanismo plenamente evoluído é naturalismo. Ele é a solução definitiva do antagonismo entre o homem e a natureza, e entre o homem e seu semelhante. Ele é a verdadeira solução do conflito entre existência e necessidade, entre o indivíduo e a espécie (FROMM, 1975a, p.41-42).

3.3. A Crítica do Capitalismo de Estado

O socialismo humanista de Erich Fromm apontava para uma divergência em relação à socialdemocracia e ao chamado “socialismo real”, ou, mais precisamente, ao capitalismo de Estado. Assim, Fromm se opunha tanto ao capitalismo como também às duas alternativas mais populares e conhecidas: o reformismo socialdemocrata e o bolchevismo com o capitalismo estatal. Antes de apresentar a crítica que Fromm faz ao capitalismo estatal, é interessante destacar a razão para tal crítica, bem como o significado e as mudanças no pensamento de Fromm a respeito da caracterização da União Soviética.

A ideia de socialismo teve uma mudança com a chamada Revolução Russa. Para muitos, essa experiência histórica teria sido a primeira tentativa vitoriosa de implantação do socialismo. No entanto, não foi essa a visão de inúmeros intelectuais e militantes. Tirando as críticas conservadoras e socialdemocratas, que não foram poucas, cabe destaque às críticas que partem de uma perspectiva marxista. A caracterização da Rússia como capitalismo estatal e um dos primeiros a realizar críticas ao “golpe de estado” de outubro foi Jan Wacław Makhaisky (1981), durante o próprio processo, pois ele desde há décadas era um crítico da socialdemocracia e do bolchevismo, tidos por ele como expressões da *intelligentsia* e não do proletariado. A oposição no interior do bolchevismo (os grupos Centralismo Democrático, Oposição Operária, Comunistas de Esquerda) já anunciava que o regime caminhava para o capitalismo de estado. Outros grupos externos ao bolchevismo denunciaram o regime como capitalismo estatal logo após a tomada de poder pelo Partido Bolchevique, especialmente o Grupo Operário, de Miasnikov e o grupo Verdade Operária, de Bogdanov.

Na Europa e outros países, a partir dos anos 1920, emergiram diversos pensadores, militantes, grupos políticos que passaram a definir a URSS como capitalismo estatal, tal como Rodolfo Mondolfo na Itália (e posteriormente, nesse mesmo país, Amadeo Bordiga), os comunistas de conselhos na Alemanha e Holanda; Sylvia Pankhurst e a Esquerda Extraparlamentar Inglesa, entre outros. Posteriormente, alguns dissidentes trotskistas radicais, stalinistas após Krushev, maoístas após a revolução cultural chinesa, entre outros, aderiram a tais concepções, mas com a diferença de quando identificam a passagem para o capitalismo de estado (para os trotskistas dissidentes, após a vitória de Stálin sobre Trotsky, para os stalinistas, após as denúncias do crime de Stálin por Krushev, etc.).

Além daqueles que caracterizaram a União Soviética como capitalismo estatal, vários outros negaram que se tratava de uma experiência socialista e denominaram sob outras formas: economia estatal totalitária, coletivismo burocrático, modo de produção corporativista, modo de produção tecnoburocrático, entre outras concepções.

Essa breve digressão vem para colocar que Erich Fromm não estava sozinho em sua recusa do capitalismo estatal da antiga URSS e outros países e de que havia diversas concepções apontando para a crítica deste regime e a recusa de considerá-la um país socialista. A crítica de Fromm, no entanto, tinha um diferencial em relação à maioria dos críticos, que tratavam das bases econômicas, das relações de produção, do processo de distribuição do excedente, da organização política existente, para criticar o dito “socialismo real”. A razão da crítica de Fromm remetia para sua concepção de socialismo humanista, que permitiria a superação da alienação e a realização da natureza humana. Isso não ocorria na URSS. Se o regime implantado na URSS e Leste Europeu não correspondia ao que Marx tinha como meta do socialismo, como Fromm analisa esse regime? Segundo Fromm:

Originalmente Lenin, de acordo com a teoria de Marx, acreditava que a revolução socialista só podia ter êxito dentro de uma economia capitalista altamente desenvolvida, como a da Alemanha. Julgava necessário que os países menos desenvolvidos, como a Rússia, completassem sua revolução burguesa antes de passarem, então, a uma revolução socialista (1975b, p. 44).

Essa análise de Fromm aponta para uma concepção semelhante a de diversos outros autores, pensadores e militantes⁴⁶. Porém, Fromm não se apresentava como filiado a nenhuma tendência ou corrente do pensamento revolucionário. No entanto, Fromm realizava a crítica tanto da socialdemocracia quanto do “comunismo”

⁴⁶ “A burocracia estatal soviética cumpriu o mesmo papel industrializante que a burguesia clássica cumpria no Ocidente. A URSS tornou-se uma grande potência e sua política corresponde a isso. Comparativamente, o nível de vida médio soviético é superior ao período czarista. Porém a burocracia soviética administra o Estado como uma propriedade privada. A adoção do taylorismo nas fábricas, o papel disciplinador conferido aos sindicatos – o que levou à formação de uma oposição sindical, dirigida pelo metarlúgico Klebanov – e a manutenção do salariado conferem ao Estado russo o caráter de um capitalismo de Estado integral (TRAGTENBERG, 2006, p. 61); “O sistema de produção que se desenvolveu na Rússia é um socialismo de Estado. É uma produção organizada em que o Estado é o patrono universal, o dono do aparelho produtivo. Os trabalhadores já não são os donos dos meios de produção, igual ao capitalismo ocidental. Recebem um salário e são explorados pelo Estado, que é o capitalista único. É por isso que o nome capitalismo de Estado pode definir adequadamente esse sistema. O conjunto da burocracia dos funcionários, que dirige e governa o país, são os verdadeiros proprietários das fábricas. Formam a classe possuidora” (PANNEKOEK, 2007, p. 144). “A consolidação do capitalismo de Estado na Rússia foi a razão determinante do caráter tomado pelo Partido Comunista. Enquanto que na sua propaganda no estrangeiro seguia a falar de comunismo e da Revolução mundial, criticava o capitalismo e chamava os trabalhadores a unir-se a ele na luta pela libertação, escondia o fato de que, na Rússia, os trabalhadores não eram mais do que uma classe submetida e explorada, que vivia na sua maior parte em condições laborais miseráveis, baixo uma opressiva e implacável, privada de liberdade de expressão, de imprensa e de associação, muito mais duramente sujeita ainda do que às suas irmãs dos países capitalistas” (PANNEKOEK, 2007, p. 150).

(leninismo e seus derivados, tal como o stalinismo). Uma das primeiras e principais críticas de Fromm à concepção de socialismo dessas duas concepções é o seu economicismo. Essa concepção economicista do socialismo se fundamenta no materialismo burguês:

Os sociais democratas e seus áspersos adversários, os comunistas dentro e fora da União Soviética, transformaram o socialismo num conceito puramente econômico, cuja meta era o máximo de consumo, o máximo emprego de máquinas. Krustchev, com sua noção de comunismo “de bife com pimentão doce e cominho”, à sua moda simples e popularesca, deixou clara a verdade: o objetivo do socialismo era dar a toda a população o mesmo prazer do consumo que o capitalismo proporcionava apenas a uma minoria. Socialismo e comunismo eram elaborados com base na noção de materialismo burguês (FROMM, 1979, p. 156-157).

Assim, trata-se de uma crítica fundamentada nos problemas das concepções criticadas (economicismo, materialismo burguês), mas que, ao mesmo tempo, tem como base a ideia de socialismo humanista. Fromm definiu o regime soviético como uma esperança que falhou. Falhou porque Stálin transformou a Rússia num regime semelhante ao capitalismo, sem a presença do burguês, sendo que a burocracia estatal cuida tanto da gestão do Estado como do capital. Mais do que isso, partindo da ideia de que o comunismo só seria implantado em países de capitalismo avançado, iniciou-se, com Lênin, um programa de desenvolvimento industrial e coletivização forçado além do direcionamento da produção visando o enriquecimento da nação, o que gerou, fome, revoltas que foram violentamente reprimidas pelo Estado.

Posteriormente à morte de Lênin, e após uma disputa entre Trotsky e Stálin, o último sai vencedor e toma o poder, seguindo as diretrizes traçadas por Lênin, continua o processo de coletivização forçada e o avanço da industrialização à custa de enormes sacrifícios dos operários e camponeses. Segundo Fromm:

Stalin liquidou a revolução socialista em nome do “socialismo”. Usou o terror para impor a aceitação das privações materiais resultantes da rápida construção de indústrias básicas, a expensas da produção de bens de consumo. Além disso, o terror serviu para criar uma nova moral do trabalho, mobilizando as energias de uma população essencialmente agrária e forçando-a a trabalhar no ritmo necessário a essa rápida expansão industrial. Usou o terror, provavelmente, muito além do necessário à realização de seu programa econômico, e isso porque estava possuído de uma extraordinária sede de poder, de uma suspeita paranoica dos rivais, e um prazer patológico na vingança (1975b, p. 48).

O regime soviético, embora se intitulasse de socialismo, deste tinha muito pouco, era visto por mitos no ocidente como uma tentativa de implantar um socialismo.

Os crimes de Stálin, bem como o seu terror, foram encobertos em parte pelos crimes dos nazistas. Também a luta da URSS contra os nazistas serviu para justificar quaisquer excessos que Stálin cometeu, uma vez que ele combateu e destruiu boa parte do exército nazista e colaborou de maneira decisiva para a derrota deste.

O ponto central era que os regimes socialistas implantados na URSS eram regimes policiais, no qual a liberdade, algo fundamental para Marx (FROMM, 1975b) simplesmente não existia. Daí esse ponto em que a propaganda anticomunista se utilizava no ocidente para combater o mesmo.

Fromm realiza uma crítica ao stalinismo e aos processos posteriores nos regimes chamados de “socialistas”. Stálin, por exemplo, era percebido por ele como um “oportunista arguto e cínico”. Mas, além disso, como psicanalista Fromm foi bastante perspicaz em perceber a diferença de personalidade entre ele e Marx e que isso mostrava a base psíquica da incompatibilidade de concepções de socialismo entre eles:

Stálin, um oportunista arguto e cínico, com insaciável ambição de poder pessoal, aproveitou-se das consequências do fracasso. Devido à sua personalidade, o socialismo jamais poderia ter para ele o sentido humano de Marx e Engels, e portanto não teve escrúpulos em introduzir a industrialização compulsória na Rússia, sob o nome do socialismo em um só país (FROMM, 1975b, p.47)⁴⁷.

A ideia de personalidade, não desenvolvida por Fromm, ajuda a explicar essa diferenciação. Sem dúvida, a psicologia elaborou várias concepções de personalidade, mas a psicanálise pouco trabalhou com essa noção. No entanto, ela aparece nessa análise de Fromm. A sua inserção aparece para diferenciar Stálin, por um lado, e Marx e Engels, por outro. A sua avaliação do que ele denominou “sistema Krushevista”, pós-stalinista, também é crítica, pois em que pese tenha abolido o “sistema de terror”. Fromm cita a abolição dos campos de trabalho escravo (“fonte de trabalho barato no regime de Stálin”) e das prisões e “castigos arbitrários”, entre outros processos. No entanto, ele não deixa de criticar o sistema Krushevista: “o Estado de Krushev pode ser comparado a um Estado policial reacionário do século XIX, no que

⁴⁷ Ele acrescenta, sobre Stálin, o seguinte: ele “usou o terror para impor a aceitação das privações materiais resultantes da rápida construção de indústrias básicas, a expensas da produção de bens de consumo. Além disso, o terror serviu para criar uma nova moral do trabalho, mobilizando as energias de uma população essencialmente agrária e forçando-a a trabalhar no ritmo necessário a essa rápida expansão industrial” (FROMM, 1975, p. 48).

se relaciona com a liberdade política, e talvez não muito diverso do sistema czarista” (FROMM, 1975b, p. 52).

Em 1961 Fromm apontou a existência de três formas de socialismo. As três formas de socialismo, tendo rompido drasticamente com a continuidade da fase anterior do movimento socialista, mostram as tendências novas que emergem sob proporções e ênfases diferentes. A primeira forma seria o Kruschevismo, que seria um “sistema de planificação total centralizada e da propriedade estatal da indústria e da agricultura”. A segunda forma seria o comunismo chinês, que era um “sistema de mobilização total de seu mais importante bem de capital, 600 milhões de pessoas, e a completa manipulação de sua energia física e emocional, e de seus pensamentos, sem qualquer consideração pela individualidade”. A terceira forma de socialismo seria o socialismo humanista, que teria como objetivo “fundir um mínimo necessário de centralização, intervenção estatal e burocrática com máximo possível de descentralização, individualismo e liberdade” (FROMM, 1975b, p. 23).

Por outro lado, Fromm destaca que a estrutura socioeconômica da URSS é caracterizada pela inexistência da propriedade privada dos meios de produção e a administração de todas as empresas por uma burocracia gerencial nomeada pelo Estado. Nesse regime, a planificação determina o que deve ser produzido e em que ritmo, ou seja, o Estado funciona como um grande empresário. Outro elemento que Fromm destaca é a divisão de classes e o controle burocrático:

Em termos de controle, a União Soviética é uma sociedade com rígidas distinções de classe. Além da burocracia administrativa, há a burocracia política do Partido Comunista e a burocracia militar. As três patrulham o controle, o prestígio e a renda. É importante notar que se confundem em grande parte. Não somente a maioria dos administradores e dos altos oficiais é de membros do Partido, mas também frequentemente trocam de postos, isto é, trabalham durante algum tempo como administradores, e depois novamente como membros do partido (FROMM, 1975, p. 58).

A caracterização da União Soviética por Fromm é um tanto vaga em algumas obras. Em *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, aparentemente a define como “socialismo”, ao apontar que, para Marx, o socialismo é “socialização dos meios de produção” mais “economia centralizada e planificada”. Algumas críticas endereçadas a Marx apontam para essa percepção. Sem dúvida, nessa obra Fromm confunde a concepção de Marx com a leninista e concebe como se a antiga União

Soviética fosse relacionada com a teoria marxista do comunismo. Em *A Sobrevivência da Humanidade*, publicada em 1961, obra que citamos anteriormente de forma mais enfática, ele já apresenta uma concepção mais crítica, mas não afirma se é ou não socialismo. É somente na obra *O Conceito Marxista do Homem*, também publicada em 1961, que ele caracterizará a URSS. Nessa obra ele caracteriza este país como um “capitalismo de estado” e assim retoma, sem aprofundar, toda uma tradição interpretativa de caráter crítico e revolucionário. Da mesma forma, nessa obra reconhece que a concepção de socialismo de Marx foi deformada e nada tem a ver com o capitalismo estatal que surgiu na Rússia, corrigindo, assim, sua própria interpretação equivocada do pensamento do fundador do marxismo.

3.4. O Socialismo Comunitário

O percurso realizado até aqui apontou para a compreensão do processo de formação intelectual e social de Fromm, bem como o impacto das obras de Freud e Marx sobre sua produção. Além disso, no presente capítulo, apontamos as bases da concepção de socialismo em Fromm, sua concepção de natureza humana e o socialismo humanista. No presente tópico vamos apresentar o seu projeto de socialismo comunitário. Se Fromm em algumas obras se referiu ao socialismo humanista e realizou críticas aos países denominados “socialistas”, que em suas últimas obras ele denominou como capitalismo de estado, mas faltou considerações mais concretas sobre que tipo de sociedade seria a que ele propõe. Sem dúvida, alguns poderiam considerar que é a proposta de Marx, defendida por Fromm em 1961, em seu livro *O Conceito Marxista do Homem*. Nessa obra, Fromm se aproxima de uma concepção autogestionária de socialismo baseando-se no humanismo e na discussão sobre natureza humana (de Marx e dele, que ele identificava como sendo idênticas, pelo menos nessa obra). Contudo, Fromm apresentou uma obra anterior na qual apontava para um projeto de socialismo que possuía muitas indicações concretas a respeito da nova sociedade e sua organização. Vamos realizar uma síntese dessa abordagem, pois nada indica que em sua abordagem posterior tenha abandonado os elementos que desenvolve em tal obra.

Fromm, antes de apresentar seu projeto de socialismo comunitário, coloca alguns “problemas do socialismo”. Fromm cita as experiências russa e britânica (o governo do Partido Trabalhista Britânico) e coloca que a socialização dos meios de produção e a economia planificada não é suficiente para se realizar o comunismo e que Marx tinha apontado vários outros elementos não satisfeitos nessas e em outras experiências. Fromm se coloca contra o pessimismo e aponta para a necessidade de se pensar o socialismo:

O socialismo, em suas aspirações humanas e morais genuínas, ainda é a aspiração, em potencial, de muitos milhões do mundo inteiro, e as condições objetivas para um socialismo democrata humanista se oferecem mais hoje do que no século XIX. As razões para essa suposição estão implícitas na tentativas que faremos mais adiante, de esboçar algumas das propostas para uma transformação socialista nas esferas econômica, política e cultural. Antes de prosseguir, contudo, devo declarar, embora isso não seja muito necessário, que as minhas propostas não constituem novidade nem esgotam o assunto, ou são necessariamente corretas em seus detalhes. São apresentadas na crença da necessidade de passar da discussão generalizada de princípios para os problemas práticos sobre como esses princípios podem ser realizados. Muito antes da democracia política ter sido realizada, os pensadores do século XVIII discutiram os esboços dos princípios constitucionais que mostrariam que – e como – a organização democrática do Estado, era possível. O problema, no século XX, é discutir e transformá-la numa verdadeira sociedade humana. As objeções apresentadas são em grande parte baseadas no pessimismo e numa profunda carência de fé. Alega-se que o progresso da sociedade de gerência (“managerial”) e a manipulação implícita do homem não poderão ser eliminados se não regredirmos à era da roça, porque a indústria moderna exige gerentes e autômatos. Outras objeções se devem à falta de imaginação. Ainda outras, ao temor profundamente consolidado de ser libertado dos comandos e receber a liberdade para viver. No entanto, está além de qualquer dúvida que os problemas da transformação social não sejam tão difíceis de resolver – teórica e praticamente – quanto os problemas técnicos que os nossos químicos e físicos resolveram. E também, não se pode duvidar de que necessitamos mais de um renascimento humano do que de aviões e televisão. Até apenas uma fração da razão e senso prático usados pelas ciências naturais, quando aplicada aos problemas humanos, permitirá a continuação da tarefa de que tanto se orgulhavam nossos ancestrais do século XVIII (FROMM, 1970, p. 271).

Esse trecho de Fromm é muito importante para entender seu pensamento sobre o socialismo. Em primeiro lugar, ele recusa o pessimismo (a partir de autores que ele já havia citado, como no caso de R. H. S. Crossman) e aponta que hoje é bem mais fácil pensar o socialismo do que nos períodos anteriores da história da humanidade e da história do capitalismo. Em segundo lugar, ele apresenta a ideia da necessidade de passar dos princípios para os problemas práticos. É exatamente isso que ele faz com sua proposta de socialismo comunitário, partindo dos princípios do socialismo

humanista para uma proposta concreta de sociedade socialista. Assim, ele coloca a necessidade de se pensar o socialismo praticamente, o que muitos consideram “utopismo”⁴⁸. Ele justifica isso citando o caso da democracia (burguesa) que foi pensada antes de ser efetivada.

Um outro elemento que se revela nesse trecho e mostra sua importância é a parte da refutação das objeções⁴⁹. Ele afirma que as objeções se devem a diversas causas. Ele inicia citando o pessimismo e a carência de fé. Este é o caso do já citado Crossman. Aqui se pensa que a sociedade gerencial necessita de gerentes e operários autômatos e que isso não pode ser eliminado, e que, caso ocorresse, resultaria num retorno aos tempos da idade da “roça”. Tal pessimismo e carência de fé não se sustentam e isso é complementado com a refutação das objeções seguintes. Outras objeções, segundo ele, são derivadas da “falta de imaginação”. Ele continua citando as objeções cuja fonte é o “medo à liberdade”, o que já remete para uma explicação psicanalítica. Trata-se do temor de ser libertado e de exercer a liberdade de viver. Fromm, além de explicar as bases dessas objeções, as refuta colocando os avanços da ciência e da tecnologia e que a sua aplicação aos problemas humanos é suficiente para remover os obstáculos apresentados.

Ao refutar as objeções e colocar a necessidade de passar dos princípios para os problemas práticos, Fromm apresenta sua ideia de socialismo comunitário. Segundo Fromm, outras escolas de pensamento socialista superaram os limites do marxismo e apresentaram os objetivos do socialismo “de forma mais adequada”. Ele cita: os owenistas, sindicalistas, anarquistas e socialistas sindicais. Uma síntese dessas escolas e suas propostas é apresentada por Fromm:

O objetivo de todas essas várias formas de socialismo, que podemos chamar de “socialismo comunitário”, era uma organização social na qual todo trabalhador seria um participante ativo e responsável, na qual o trabalho seria atraente e significativo, na qual o capital não empregaria o trabalho, mas o trabalho empregaria o capital. Elas acentuaram a organização do trabalho e as relações sociais entre os homens, e não primordialmente a questão da propriedade (FROMM, 1970. p. 272).

Não custa lembrar a crítica de Fromm ao economicismo e sua concepção equivocada segundo a qual o marxismo se deteria apenas na questão da propriedade

⁴⁸ Vamos retomar essa discussão adiante, incluindo as acusações de utopismo em relação a Erich Fromm.

⁴⁹ E nisso lembra Pannekoek e sua discussão sobre as objeções em *Os Conselhos Operários*.

(erro que ele corrigirá depois, como mostraremos adiante). Fromm coloca em evidência dois aspectos do socialismo comunitário: o primeiro é a questão da liberdade e o segundo é a questão do trabalho. Esses dois problemas se mesclam, tal como deixa perceber a citação que ele faz de G. H. Cole:

A liberdade política por si só é, na realidade, sempre ilusória. Um homem que vive subjugado durante seis ou mesmo sete dias por semana não se pode tornar livre apenas por assinalar com uma cruz uma cédula eleitoral de cinco em cinco anos. Para que a liberdade tenha algum sentido para o homem médio ela deverá incluir a liberdade industrial. Enquanto o homem não se considerar, em seu trabalho, um membro de uma comunidade de trabalhadores autônoma permanecerá essencialmente servil, seja qual for o sistema político sob o qual viva. Não basta abolir a relação degradante existente entre o escravo assalariado e o empregador individual. O socialismo de Estado também conserva o trabalhador nos grilhões de uma tirania não menos odiosa pelo fato de ser impessoal. A autonomia na indústria não é apenas o suplemento, mas a precursora da liberdade política (apud. FROMM, 1970. p. 273).

A citação de Cole mostra que Fromm se preocupa não apenas com a chamada “liberdade política”, mas também a “liberdade industrial” e nesse contexto concorda com a crítica ao “socialismo real”. Outro elemento, derivado de outra citação de Cole, aproxima Fromm da ideia de autogestão (embora seja apenas uma *aproximação*), que é quando se questiona sobre: qual deve ser o objetivo dos trabalhadores? Cole, com aprovação de Fromm, responde que isso pode ser resumido em duas palavras: *gerência direta*.

A tarefa de conduzir de fato os negócios deve passar às mãos dos trabalhadores neles envolvidos. A eles deve competir a determinação da produção, distribuição e troca. Eles devem conquistar a autodeterminação industrial, com o direito de eleger os seus próprios funcionários administrativos; devem compreender e controlar todo o complicado mecanismo da indústria e do comércio; devem tornar-se os agentes acreditados da comunidade na esfera econômica (COLE, apud. FROMM, psic. p. 274).

Esses elementos, que novamente recordam a teoria dos conselhos operários de Anton Pannekoek, apontam para a gerência direta ou o autogoverno dos produtores. Porém, há problemas e por isso há um certo distanciamento em relação à proposta de Pannekoek, tal como será explicitado adiante. Os “funcionários administrativos” é algo questionável, mas seu significado não está claro, se seriam “especialistas” (por isso “administrativos”) ou se seriam apenas “delegados” (como na proposta de Pannekoek e comunistas conselhistas, ou mesmo no sentido que Marx coloca em relação à Comuna de Paris). A ideia de que cabe aos trabalhadores a gerência direta e controlar todo o

processo de produção, distribuição e troca remete para essa proximidade com a teoria da autogestão e, embora pensando tratar do contrário, com a concepção marxista de socialismo desde Marx, passando pelos comunistas conselhistas, até chegar ao marxismo autogestionário.

Fromm cita os exemplos do “movimento comunitário” e das “Comunidades de Trabalho na Europa” (França, Bélgica, Suíça, Holanda), como exemplos de que o socialismo comunitário possa ser exequível. Fromm faz uma extensa descrição dos princípios, características, forma organizacional, de uma dessas comunidades, Boimondau, para demonstrar tal exequibilidade. Fromm apresenta a maior liberdade e como numa dessas comunidades, há depoimentos de comunista, católico, materialista, sindicalista, protestante, humanista, e todos dizem que são respeitados em suas crenças e que as relações são amistosas. Fromm também cita outras experiências do passado, como as owenistas, menonistas ou hutteristas, que sob formas diferentes, também manifestaram esse espírito comunitário.

Para Fromm, o socialismo comunitário rompe com a opção entre gerência autoritária centralizada, por um lado, e a gerência não-planejada e não-coordenada dos trabalhadores. “A resposta está numa fusão da centralização com a descentralização, numa síntese, entre a decisão emanada de cima e a decisão emanada de baixo” (FROMM, 1970, p. 311). Assim, para o socialismo comunitário, “o ponto principal não é, [...], a propriedade dos meios de produção, mas a participação da gerência e das decisões” (FROMM, 1970. p. 310-311). A forma organizacional no socialismo comunitário poderia ser assim sintetizada:

O princípio da co-gerência e da participação dos trabalhadores pode ser elaborado de tal forma que a responsabilidade pela gerência seja dividida entre a liderança central e o pessoal. Pequenos grupos bem informados discutem as questões relacionadas com a sua própria situação de trabalho e do empreendimento como um todo; suas decisões seriam assim canalizadas para a gerência e formariam a base para uma co-gerência real. Como um terceiro participante, o consumidor teria de participar de alguma forma da elaboração das decisões e do planejamento. Uma vez aceito o princípio de que a finalidade primordial de qualquer trabalho é servir o povo, e não produzir lucro, os que são servidos devem ter direito de opinar sobre a operação dos que os servem. Novamente, como no caso da descentralização política, não é fácil encontra-se tais formas, mas certamente não se trata de problema insolúvel, desde que aceito o princípio geral da co-gerência. Resolvemos problemas similares no Direito Constitucional com relação aos respectivos direitos de vários ramos do governo, e nas leis concernentes às

corporações resolvemos o mesmo problema no tocante ao direito dos vários tipos de acionistas, gerência, etc. (FROMM, 1970, p. 311).

Fromm coloca nesse trecho a ideia da produção industrial no socialismo comunitário e seu processo de descentralização e co-gerência. Ele complementa sua concepção de socialismo comunitário com as ideias de transformação política e transformação cultural. A ideia de transformação política é uma necessidade, pois “a democracia não pode funcionar numa sociedade alienada, e que a maneira como a nossa democracia está organizada contribui para o processo geral da alienação” (FROMM, 1970, p. 325). Assim, após algumas observações críticas sobre a democracia atual, Fromm destaca a necessidade de descentralização e formação de pequenos grupos que formariam a base da nova democracia, aliados a outros processos complementares (aumento do acesso a informações, agência cultural, colaboração de personalidades artísticas, científicas, “câmara dos comuns”, etc.), transformariam a política gerando uma verdadeira democracia que superaria a alienação do regime democrático atual.

Por fim, uma transformação cultural também é necessária. Alguns princípios já presentes em várias tradições, desde a judaico-cristã até a de grandes mestres do pensamento, formam a base e por isso não seria necessário criar novos princípios e objetivos. Porém, eles precisariam ser socializados e desenvolvidos e o sistema educacional, transformado, seria fundamental nesse processo. A mudança de ideais e valores, substituindo o homem competitivo e ambicioso e a educação voltada para a reprodução da técnica e do consumo, geraria uma transformação espiritual da sociedade. Nesse contexto, Fromm retoma a questão da religião e seu significado na sociedade que vive sob o socialismo comunitário. Este geraria uma nova forma de religião:

Essa religião criaria novos rituais e formas de expressão artística conducente ao espírito de reverência para com a vida e a solidariedade humana. A religião é coisa que não pode, naturalmente, ser inventada. Ela surgirá com o aparecimento de um novo grande mestre, como as religiões apareceram nos séculos anteriores, sempre que oportuno. Entrementes, os que acreditam em Deus deveriam expressar a sua fé vivendo-a; os que não acreditam, vivendo dentro de preceitos de amor e justiça – e esperando (FROMM, 1970, p. 337).

Fromm, admite, portanto, a importância da religião e sua sobrevivência no socialismo comunitário. No entanto, fica implícita uma crítica aos deístas (em outra obra, Fromm se define como não-deísta, em contraposição ao termo “ateu”) ao colocar

a necessidade de vivenciar a fé (o que pode ser interpretado como contraposição à hipocrisia de muitos religiosos) e que os não-deístas deveriam viver sobre os preceitos, compartilhados com as religiões, do “amor e justiça” e com esperança.

3.5. Fromm, o Socialismo e o Marxismo

Após a descrição das propostas concretas de Fromm para seu “socialismo comunitário”, podemos avançar e realizar uma avaliação da sua concepção de uma nova sociedade. Os dois eixos básicos de sua concepção são o socialismo humanista, elementos mais abstratos e basilares de sua concepção de nova sociedade, e o socialismo comunitário, as propostas concretas que caracterizam a reestruturação da sociedade após a mudança social que ele propõe. Para encerrar nossa pesquisa, uma análise desses dois eixos básicos é fundamental para compreender sua concepção de socialismo e sua relação com o marxismo.

O socialismo humanista, como foi colocado anteriormente, tem suas bases no humanismo, cuja fonte de inspiração remete a Freud e Marx. Freud traz a análise do psiquismo humano, a questão do que ele denominou “aparelho psíquico”, que Fromm retoma, como ressalvas e alterações (abandonando o pansexualismo e outros elementos), mas admite e adapta diversos elementos (inconsciente e ao alterar o significado desse conceito também desenvolve a ideia do inconsciente social) e através da psicanálise reconhece o mal-estar na civilização, que ele identifica com os processos de alienação, abstratificação e burocratização. Marx traz uma crítica da sociedade e das ideologias, o que Fromm recupera e acrescenta os elementos psicanalíticos. Dessa base intelectual e a partir de seus valores e concepções, ele apresenta a sua concepção humanista, em grande parte inspirada em Marx, mas que já existia em seu pensamento anteriormente a essa percepção do humanismo marxista, e sua ideia de socialismo humanista.

O socialismo humanista apresenta como grande preocupação o problema da natureza humana e sua efetivação concreta numa sociedade concreta. A crítica da alienação – no sentido fornecido por Fromm, que nem sempre é preciso no uso de tal termo – e de outros processos sociais, como os desequilíbrios mentais, o nazismo, o

descontentamento, entre outros, mostram as bases da necessidade de mudança social. O socialismo humanista romperia com a sociedade competitiva, com o egoísmo, individualismo exacerbado, alienação, conformismo de autômatos, etc. Ele permitiria o ser humano se reencontrar consigo mesmo. Fromm, nesse sentido, é não só um humanista, mas um herdeiro de toda a tradição judaico-cristã e das preocupações com a elevação espiritual da humanidade.

É tendo por base esse socialismo humanista que Fromm faz uma crítica ao capitalismo de Estado da URSS e outras experiências semelhantes. O “socialismo real” – e Fromm denomina sob formas diferentes esse regime – e propõe o seu socialismo comunitário, que seria a realização do socialismo humanista em termos concretos. Em sua proposta de socialismo comunitário, tal como visto anteriormente, aparece a preocupação com a superação da alienação, no sentido atribuído por Fromm a esse termo, e novas relações de trabalho, relações industriais, humanizadas e descentralizadas. Isso, por sua vez, se complementa com mudanças políticas e culturais, que, por sua vez, incluem outras mudanças (como as educacionais e espirituais).

Uma análise do socialismo comunitário pressupõe a percepção destes elementos. A sua proposta concreta é fundada na ideia de co-gerência e participação efetiva dos trabalhadores na gerência e outros processos decisórios, visando transformar o trabalho em algo significativo e enriquecedor para o trabalhador, mesmo com as dificuldades desse processo no âmbito do trabalho industrial. Isso seria complementado por outras mudanças. Quando apresenta tal proposta, em sua obra *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, ele critica e se contrapõe ao marxismo e aos “socialistas” (que são os representantes dos partidos socialdemocratas e bolchevistas, embora sem nomeá-los dessa forma, e sim como “socialistas” e “comunistas”) e confunde o pensamento de Marx com essas concepções. O foco de sua crítica é o limite da ideia de socialismo como superação da propriedade privada dos meios de produção e economia planificada e centralizada. Fromm não se atenta para o fato de que essa não é a real proposta de Marx e sim uma atribuição a ele, que foi realizada principalmente por Lênin e o leninismo em geral.

Fromm só vai superar isso quando escreve *O Conceito Marxista de Homem*, seis anos depois. Nessa obra, ao comentar os *Manuscritos de Paris*, de Marx, ele reconhece o profundo humanismo de Marx e a questão da alienação se apresenta como fundamental em tal interpretação. Ele reconhece o significado da natureza humana e sua deformação pela alienação e que a proposta de socialismo de Marx significa justamente a superação da alienação e de todos os processos típicos da sociedade de classes. Percebe o vínculo que Marx efetiva entre propriedade privada (que depois será melhor explicitado através do conceito de relações de produção) e alienação, bem como a necessidade de superação desses processos.

Na obra anterior, Fromm não tinha tal consciência disso e por isso distinguiu e apontou como erros de Marx e do marxismo (aqui já envolvendo diversas concepções, inclusive as que foram denominadas posteriormente de pseudomarxistas). A publicação dos *Manuscritos de Paris*, publicado em inglês apenas em 1959, dois anos antes da versão prefaciada por Fromm, permitiu ele rever seus equívocos em relação a Marx e seu vínculo com o capitalismo de Estado.

Porém, apesar disso, nada indica que Fromm alteraria sua proposta de socialismo comunitário, produzida seis anos antes. Isso pelo motivo de que a nova obra de Marx trazia as bases de um socialismo humanista, já pensada por Fromm, mas agora tendo o grande teórico do comunismo como representante mais ilustre e profundo. Assim, a oposição de Marx com os socialistas utópicos, anarquistas e sindicais perde o sentido, pois eles estavam muito aquém do pensamento marxista original. Sem dúvida, a publicação em inglês dos *Manuscritos de Paris* possibilitou essa mudança de interpretação de Fromm, mas isso não anula o fato de que este poderia ter percebido a diferenciação entre Marx e Lênin, bem como em relação ao capitalismo de Estado, independente de conhecer tal obra. Caso tivesse uma leitura mais aprofundada de Marx, com nas passagens de *O Capital* (que ele citará, inclusive, em *O Conceito Marxista do Homem*), ou o texto de Marx sobre a Comuna de Paris (*A Guerra Civil na França*), que, ao que tudo indica, nunca foi lida por Fromm, já que nunca a citou, bem como a *Crítica ao Programa de Gotha*.

Da mesma forma, Fromm não demonstrava ter um grande conhecimento do pensamento socialista em geral, apenas um conhecimento maior das tendências

hegemônicas do dito “socialismo”. Mesmo quando se refere positivamente ao socialismo utópico (especialmente o owenismo e sua concepção cooperativista) e ao anarquismo (algumas poucas citações de Kropotkin e Bakunin), demonstrava não ter muito aprofundamento. Da mesma forma, desconhecia os comunistas de conselhos e as obras de Anton Pannekoek, Otto Rühle, Herman Gorter, Paul Mattick, entre outros, bem como as diversas críticas destes ao pseudomarxismo (socialdemocracia e bolchevismo), capitalismo de estado, deformação do pensamento de Marx, etc.⁵⁰

Esse desconhecimento poderia ser explicado por não ser Fromm um militante político convencional, mas principalmente por ser um psicanalista e preocupado principalmente com as questões psíquicas, morais, etc. Isso está presente em toda sua obra e se tratou do socialismo foi devido a tais preocupações, o seu humanismo o levou ao socialismo e ele derivou o primeiro do segundo, sem maior aprofundamento nos elementos fundamentais para pensar uma nova sociedade. Faltava a Fromm um maior domínio do significado do modo de produção capitalista, bem como de outros aspectos da sociedade capitalista. A sua leitura tardia de Marx, foi feita ainda tendo por base suas preocupações humanistas, deixando de lado as questões do processo de produção e reprodução que Marx desenvolveu de forma aprofundada em *O Capital*.

Isso o coloca no mesmo plano que os representantes da Escola de Frankfurt. Fromm não tinha uma percepção clara dos elementos fundamentais do modo de produção capitalista e de suas mutações, tais como são apresentados hoje sob o conceito de regime de acumulação (VIANA, 2009). Essa falta de percepção de Fromm em relação às transformações do capitalismo, nos remete à crítica que Slater (1978) faz aos teóricos da Escola de Frankfurt. Para Slater, os frankfurtianos embora fossem geniais em fazer as críticas da indústria cultural, lhes faltava uma teoria econômica que possibilitasse compreender as mudanças que ocorrem na sociedade capitalista⁵¹.

⁵⁰ Fromm tinha contato com certos setores da militância política e, nesse caso, se destaca Raya Dunayevskaya, que era representante da tendência Johnson-Forest (autonomismo norte-americano), com a qual ele trocava correspondência e citava alguns textos. No entanto, parecia que isso não exercia grande interesse de sua parte, já que desconsiderava essa tradição e similares.

⁵¹ A crítica de Viana é ainda mais radical: ao não compreenderem o modo de produção capitalista e a dinâmica do capital e do capitalismo, a própria compreensão da “indústria cultural” é limitada, pois não a compreende como sendo formada por empresas capitalistas de comunicação que possuem uma

Esse problema de Fromm se revela em sua compreensão limitada do modo de produção capitalista, suas mudanças, das relações internacionais. Nesse ponto vemos que Fromm também não consegue compreender que o Estado de bem-estar existe devido a uma intensificação da exploração de outros países. E disso deriva uma das principais diferenças entre o pensamento de Marx e de Fromm. O problema da alienação, para Marx, é um problema de classe social e, no capitalismo, do proletariado. Fromm, mesmo em *O Conceito Marxista do Homem*, mostra o problema da alienação e faz referência ao trabalhador, mas não percebe a importância fundamental disso e que essa é a base da teoria da revolução de Marx, e acaba confundindo o trabalhador com o ser humano em geral. O pensamento de Marx criou um método para explicar a sociedade capitalista, bem como uma teoria dos modos de produção que, em linhas gerais, explica a formação e luta das classes sociais e como as sociedades de classes se reproduzem e como, em determinado momento do seu desenvolvimento, entram em crise. Este momento do desenvolvimento das sociedades classistas abre espaço para o surgimento de um novo modo de produção e abre a possibilidade, no período do capitalismo, de emergência do comunismo. Porém, nas sociedades classistas a dinâmica do seu desenvolvimento se fundamenta na luta de classes. Nessas sociedades, uma classe que aspira se tornar a classe dominante, deve colocar os seus interesses como se fossem os interesses universais, apagando a percepção de seus interesses de classe. Marx, enquanto humanista, almeja uma revolução que realize a abolição da exploração e das classes sociais.

Essa percepção está ausente na concepção de socialismo de Fromm. Ele coloca a questão do trabalho e do trabalhador, mas pouco se refere ao proletariado e ao processo de luta e organização dos trabalhadores. Os exemplos que ele oferece passam por cima de toda uma ampla experiência histórica de formas de auto-organização e revolução (as várias experiências desde a Comuna de Paris, passando pela Revolução Russa de 1905 e 1917, a Revolução Alemã, Húngara, Italiana, até chegar na Revolução e autogestão na Espanha na década de 30, entre diversas outras).

dinâmica específica (enquanto capital) que exerce um efeito determinado sobre os seus produtos mercantis (VIANA, 2007d).

Tendo em vistas estes aspectos, como poderíamos definir o socialismo comunitário proposto por Erich Fromm? Ele se distingue do chamado “socialismo real” e da “socialdemocracia”, pois critica ambas as posições por seu foco apenas na distribuição de renda e ou “socialização dos meios de produção” + “economia planificada e centralizada”, pois isso desconsidera a questão da alienação, do psiquismo, da moral. É, segundo Fromm, uma concepção economicista e limitada do ser humano e da sociedade. Os “regimes policiais” do capitalismo estatal também eram duramente criticados por ele, assim como a *Psicanálise da Sociedade Contemporânea* mostra que justamente nos países de maior “bem estar social” havia um alto grau de insatisfação e desequilíbrio mental (que ele demonstrava com as taxas de suicídio, homicídio, uso de drogas), mostrando o vazio de uma sociedade enferma. Ao recordar que o Estado de Bem Estar Social é bastante próximo da socialdemocracia, isso reforça seu afastamento dessa concepção além das críticas diretas, também em relação às experiências mais próximas.

Derivado dessa constatação, resta saber então como caracterizar a concepção de socialismo de Fromm. Seria então a mesma concepção que a de Marx e demais continuadores? Partindo da percepção de que Fromm tem em comum o humanismo e que compreende o comunismo (ou “socialismo humanista”) como meio de libertação humana (que em Marx ocorre via revolução proletária), então notamos a mesma base e objetivos semelhantes. No decorrer da exposição da concepção de socialismo comunitário de Fromm também foi colocado a semelhança com a concepção de Anton Pannekoek e os conselhos operários (e outros comunistas de conselhos).

Porém, a questão é mais complexa. Sem dúvida, a base de Marx e Fromm é o humanismo. Mas é preciso entender que o humanismo possui diversas tendências diferenciadas. Uma coisa é colocar o humanismo marxista, outra o existencialista, entre outros. A diferença fundamental reside no fato de que o humanismo de Marx se fundamenta na historicidade das sociedades humanas e que a negação da natureza humana é produto da sociedade de classes, bem como sua superação ocorre via luta de classes, ou, mais exatamente, pela revolução proletária. Marx afirma isso várias vezes (VIANA, 2017) e isso está explicitado nos *Manuscritos de Paris*, mas Fromm não

reconhece o caráter essencial dessa afirmação. O que promove este não reconhecimento? Isso pode ser explicado pelos seus limites:

Outro limite [de Fromm – AMS] se encontra em seu humanismo abstrato, pois parte de uma concepção correta de natureza humana, mas que não chega a perceber a questão fundamental das classes sociais e das lutas de classes e por isso sua ética humanista também se revela limitada, tal como sua proposta de mudança social. Fromm atribui ao indivíduo uma tarefa hercúlea e muitas vezes cai ingenuamente em receitas de solução individual numa sociedade repressiva. Isso lhe valerá a crítica correta de Marcuse, que o compara com as receitas do “poder do pensamento positivo” e certamente este é um dos motivos da popularidade de Fromm e de seu sucesso no mercado editorial. (VIANA, 2009).

Aqui se explicita a questão da ausência das classes e luta de classes, derivada de seu humanismo abstrato. O humanismo de Marx parte do ser humano e sua essência no processo histórico e no processo em que a emergência das sociedades divididas em classes sociais promove a negação da natureza humana e essa negação é mais forte e ampla no caso do proletariado, que, além disso, é uma classe social explorada e dominada (aliás, o trabalho alienado é justamente esse processo de controle e dominação nas atividades laborais), além de ser o produtor de riquezas e estar no centro da produção capitalista, podendo transformá-la. Fromm, que é um crítico das ilusões, cegueira e ideologias, apelando para Freud e Marx, não consegue ultrapassar as ilusões com os seres humanos, pois não entende que a classe dominante tem interesses e não abre mão deles por “humanismo”. Fromm não percebeu que os interesses de classe (pois se limita aos interesses individuais) são forças poderosas e que não permitiria a transformação social ou abolição da classe que é dominante, sem luta. Daí ele não consegue perceber a necessidade da revolução social e do mecanismo pelo qual se chega a ela, a luta de classes.

Dessa diferença basilar, emergem outras entre a concepção de Marx e a de Fromm sobre o socialismo. A concepção do socialismo comunitário de Fromm não aponta para a revolução, a ruptura, e por isso também não aponta para um processo de rompimento com as relações sociais burguesas. Quando ele afirma que ao invés do capital empregar o trabalho é o trabalho que emprega o capital no socialismo comunitário, ele simplesmente abre mão de real transformação social, pois mantém tanto capital quanto trabalho, mudando, supostamente, a relação entre ambos, mas não abolindo ambos, tal como no projeto comunista de Marx.

A sua ideia de cogerência é semelhante ao que Guillerme e Bourdet (1976) denominam cogestão. Esses autores deixam bem claro que a posição de Marx, de Rosa Luxemburgo, de Pannekoek, é pela autogestão e não pela cogestão, pois essa se estabelece no interior do capitalismo. A semelhança com a proposta de Pannekoek (2007), por exemplo, remete ao processo no qual os trabalhadores devem gerir o processo de trabalho (e não só este, como o conjunto das relações sociais, mesmo porque todos se tornam trabalhadores numa sociedade fundada nos conselhos operários). Fromm pensa mudança no trabalho na indústria e não percebe que pensa a indústria capitalista, que é democratizada, humanizada, mas que ainda funciona sob forma especializada. Os elementos políticos e culturais que ele acrescenta ainda se dão no interior de uma sociedade capitalista. Em síntese, a concepção de socialismo comunitário de Fromm se distingue da concepção do marxismo original (Marx), do comunismo de conselhos (Pannekoek) e do marxismo autogestionário (Guillerme e Bourdet), entre outros, por não ter uma concepção mais radical e totalizante da transformação social⁵².

Nesse sentido, a concepção de Fromm a respeito do socialismo precisa ser compreendida a partir de sua base psicanalítica e preocupação psicológica. Schaar busca interpretar Fromm a partir da ideia de utopia. Segundo ele, Fromm é frequentemente chamado de utópico.

O utópico começa com o sentimento de que sua época é de crise total, época em que está em jogo não este ou aquele aspecto da sociedade, mas a totalidade da vida do homem no mundo. A velha estrutura aproxima-se do colapso total; grandes segmentos dela já estão no chão. Esta crise total exige uma ação total, um salto para um novo modo de vida. O ato total que exige de nós, porém, deve basear-se no mais pleno e desejado conhecimento de nossa condição presente, e de nossos recursos humanos e materiais, para a

⁵² Isso também remete para a questão metodológica: “Parte dos equívocos de Fromm é de origem metodológica, já que lhe falta um maior domínio do método dialético e do materialismo histórico. Sua interpretação de Marx também se revela problemática em alguns aspectos, tal como no que se refere ao conceito de alienação e concepção de socialismo, por se basear apenas nas obras mais conhecidas de Marx. A sua defesa da totalidade é limitada devido ao problema que ele mesmo identificou várias vezes: a especialização. Por ser psicanalista, embora erudito e que adentrava sobre questões culturais, sociais, políticas e econômicas, o fazia de forma bastante restrita nos dois últimos domínios. Sua análise política e econômica era marcada por equívocos devido à pouca profundidade que ela manifestava. As soluções apresentadas por Fromm, tal como o seu “socialismo comunitário”, que não conseguiu ir além das relações de produção capitalistas, apenas mudando a relação entre trabalho e capital ao invés de aboli-la, mostra novamente sua limitação metodológica e na compreensão das relações sociais e de produção. Sua concepção de socialismo se revela um capitalismo reformado, democrático e redistributivo, muito distante da proposta de Marx do “autogoverno dos produtores”, da autogestão social” (VIANA, 2007).

construção de uma nova ordem, Somente esse conhecimento pode dar aos homens a fé em si mesmos que necessitam para o salto no futuro. O próprio salto é estimulado e guiado pela visão de uma perfeição futura (SCHAAR, 1965, p. 211).

Para Schaar, a utopia historicamente surge em momentos que as sociedades passam por profundas crises, quando os indivíduos deixam de acreditar que a sociedade pode proporcionar uma vida melhor para seus membros.

O utópico é ao mesmo tempo um crítico e um sonhador, e as grandes obras utópicas são uma rica fusão de lógica e poesia, um composto de crítica lúcida e profecia brilhante. Mas o sonho utópico não é privado, nem suas origens se acham no inconsciente primitivo. O utópico deseja, pelo contrário, tornar-se concreto através de símbolos que tenham sentidos objetivos e sejam aceitos por todos e deve expressar-se na linguagem pública de justiça social. O utópico, no fundo, expressa um profundo anseio humano por harmonia, comunidade, fraternidade e amor. Daí a sua visão ser essencialmente moral e estética, devendo a sua realização ser medida pelos padrões oriundos dessas esferas (SCHAAR, 1965, p. 211).

Schaar acrescenta que o ponto de partida do pensamento é uma convicção, segundo a qual o homem atingiu um momento de sua jornada histórica no qual “o caminho ascendente, outrora tão amplo e suave, estreitou-se subitamente e se fez trilha estreita que termina à beira de um abismo” (1965, p. 211). Ele acrescenta, após sua definição de utopia, o seguinte:

Poderíamos descrever a utopia de Fromm como radical, mecanicista (embora com tendência para o orgânico), sociológica, voluntarista e gradualista (embora com tendência para revolucionário). Todos esses rótulos, evidentemente, são imperfeitos, e podem por vezes ocultar mais do que revelar. Mesmo assim, são de alguma utilidade para situarmos Fromm na tradição utópica e para indicar as características gerais do seu pensamento (SCHAAR, 1965 p. 214).

Aparentemente a interpretação de Schaar parece dar conta da discussão sobre a concepção de socialismo em Fromm. No entanto, a sua posição parte de uma perspectiva conservadora e limitada e por isso não consegue compreender o pensamento de Fromm adequadamente. A sua noção de utopia é bastante vaga e remete a harmonia, fraternidade, comunidade, amor, que nem sempre se encontra nas várias utopias literárias ou socialistas⁵³. Thomas Morus, por exemplo, admitia a escravidão

⁵³ Bloch (2005) afirma que o marxismo é uma utopia concreta. Esse sentido, de concretude, está relacionado à capacidade do pensamento utópico buscar a sua realização. Para Bloch o marxismo é uma utopia concreta que busca a transformação da sociedade. Porém o termo utópico, tem um sentido pejorativo, tal como no caso de Schaar. O utópico é um sonhador que vive fora da realidade, mas vive numa realidade opressiva que faz com que ele acredite que seja impossível transformar essa realidade.

em sua utopia, e alguns utópicos projetam suas idiossincrasias nas sociedades do futuro. A sua ideia de que o utópico emerge de um sentimento de crise total também não se aplica aos socialistas utópicos.

Por fim, indo além da discussão de Schaar, e discordando dele, há um elemento utópico na ideia de socialismo comunitário de Erich Fromm. Qual é este elemento que o aproxima, inclusive, do socialismo utópico, é a questão da constituição da nova sociedade. Aqui a distinção produzida por Ernst Bloch (2005), entre utopia abstrata e utopia concreta é útil para deixar isso mais claro. O marxismo é, segundo Bloch, uma utopia concreta e, por conseguinte, é exequível, algo possível e que é uma tendência e possibilidade históricas determinada pelas lutas de classes e pela luta operária. A utopia abstrata é aquela na qual não se encontra os mecanismos de sua realização. Marx criticava os socialistas utópicos não apenas por suas invenções arbitrárias de relações sociais e planos mirabolantes, como os falanstérios de Fourier ou as cooperativas de Owen, mas, principalmente, os meios apontados para chegar até a nova sociedade: educação, razão, filantropia e até apelos para os indivíduos da classe dominante.

Erich Fromm se aproxima do socialismo utópico por causa que sua proposta de socialismo comunitário, em que pese cite experiências de comunidades de trabalho, são apenas experiências parciais e limitadas, e que não geram uma nova sociedade e por isso ele precisa complementar com a transformação política e cultural. Outro elemento em Fromm é que ele não diz como isso se concretiza. A socialdemocracia aponta a mudança pelo processo eleitoral, ação estatal, etc. O bolchevismo pela revolução armada e tomada do poder estatal pelo partido de vanguarda. O marxismo coloca que é a auto-organização e autoeducação do proletariado que se desenvolve na luta de classes, que abre a possibilidade da revolução proletária que abole o capital e o Estado, instituindo o comunismo (ou “sistema de conselhos”, “autogestão”).

Fromm apresenta uma proposta de organização do trabalho e industrial, de mudanças políticas e culturais, mas não aponta como isso se concretizará. Ele mostra

Bloch afirma que o pensamento burguês quer arrastar para o fracasso os pensamentos que são opostos. A concepção de utopia de Schaar caminha nesse sentido.

desencanto com a democracia representativa e processo eleitoral, da mesma forma que nega o bolchevismo e seu autoritarismo partidário. Por outro lado, desconsidera o proletariado como agente da revolução e por mais que discuta a questão do trabalho, o trabalhador só aparece como trabalhador e indivíduo que necessita de trabalho gratificante, não como agente político, como negação da exploração, etc.

Em síntese, o projeto humanista e comunitário de Erich Fromm é uma forma utópica, pré-marxista, de socialismo. Embora tenha alguns elementos interessantes e discuta problemas reais que existem tanto no capitalismo estatal como no capitalismo privado e nas ideias das correntes autoproclamadas socialistas, especialmente as pseudomarxistas, ele mostra desconhecer a discussão mais profunda de Marx e dos marxistas posteriores sobre a nova sociedade, inclusive não se refere a nenhuma experiência histórica de tentativa de revolução proletária e instituição de novas relações sociais, mas apenas experiências comunitárias e cooperativas realizadas sem nenhum confronto com o capitalismo.

Assim, está ausente em Fromm o que Marx percebeu nitidamente e foi retomado por outros pensadores: o caráter radicalmente diferente da sociedade autogerida ou “comunista”. Trata-se de outra sociedade, cuja mudança ocorre no modo de produção, na cultura, em todas as instâncias da vida social. E trata-se de uma mudança radical e total e não mudança na relação capital-trabalho, pois ela é abolida, e não mudança cultural ou política e sim instituição, com base em outro modo de produção, de novas relações que dispensam a política (os especialistas na política, o aparato estatal, etc.). Em síntese, apesar dos seus méritos e de retomar o humanismo e apontar alguns problemas do capitalismo e da questão da “alienação” e outros, a sua proposta de solução é limitada e os meios para a atingir não são apresentados. Assim, se Fromm é perspicaz em mostrar que os seres humanos estão caminhando para o automatismo e estão perdidos no conformismo, não consegue explicar como isso será superado, ou seja, como o conformismo deixará de ser o que é e se transformará em ativismo não-alienado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente tese foi destrinchar o significado do socialismo na obra de Erich Fromm. Para tanto, foi necessário realizar uma discussão teórica para explicitar como ocorre a produção da consciência e, nesse processo, como são geradas as ideias socialistas. Tendo em vista que as formas de consciência e as ideias socialistas são produtos sociais e históricos, mas que indivíduos específicos interpretam e desenvolvem uma consciência singular desses processos sociais mais amplos, a partir de sua formação, então abordamos também a formação social e intelectual de Erich Fromm. Nesta, as tradições religiosas, apesar dele não ser um deísta, a formação moral e humanista, aliadas com o seu contato com a psicanálise de Freud e a obra de Marx, possibilitaram a formação da base intelectual que ajuda a compreender a concepção de socialismo de Erich Fromm.

O trajeto desenvolvido aqui visava justamente explicar qual era a concepção de socialismo de Fromm, o que gera outras questões derivadas. Para compreender essa concepção de socialismo, era necessário entender a formação e o pensamento de Fromm. Na sociedade capitalista, que prevalece o lucro, a competição social, a exploração de classe, os valores defendidos por Fromm não são bem recebidos. Por isso ele foi tido de utópico, vulgar, etc. A acusação de sentimentalismo em Fromm é verdadeira, mas exagerada, especialmente por ser uma crítica de pessoas que vivem e concordam com a separação entre razão e sentimentos (SCHNEIDER, 1977) e que reprimem os sentimentos, embora alguns os manipulem para conseguir vantagens ou conquistar o poder. Na sociedade capitalista, o objetivo do homem é ter e não ser, como Fromm tematizou em duas obras (FROMM, 1979, 1992). É ter dinheiro, objetos, pessoas, ser bem-sucedido, possuir a melhor casa, ter o melhor carro. Ou então, se for homem, ter uma bela esposa; se for mulher um marido bem-sucedido. Entre inúmeros outros exemplos que mostram a competição, o ter, etc. como valores fundamentais de uma sociedade enferma, tal como bem diagnosticou Erich Fromm.

Para Fromm, existe um filtro social que determina como pensamos. Logo o que é imposto socialmente passa por esse filtro, mas a percepção é variada, algumas pessoas seguirão os valores dominantes ao pé da letra, outras vão concordar em parte, outros rejeitarão completamente. Essas diferenças estão relacionadas, com a origem social, a classe social a que o indivíduo pertence e, nas classes exploradas existe, naturalmente, uma tendência, a questionar os valores dominantes, até pela condição marginal em relação a vida que existe para as classes exploradas e oprimidas. Desta forma, o humanismo de Fromm aponta para a necessidade de desenvolver as potencialidades do homem individualmente, pensando também na humanidade como um todo. Nesse ponto fica claro a necessidade de superar a sociedade capitalista, e instaurar um regime socialista. O humanismo é a base do socialismo de Fromm. Isso é explícito quando ele usa “socialismo humanista” em toda a sua obra, na qual sempre relaciona humanismo e socialismo.

O socialismo comunitário de Fromm exigia uma maior participação dos trabalhadores nas decisões. Tanto com relação ao trabalho, no qual os trabalhadores participem das decisões em relação à produção, o que deve ser produzido, visando a produção de bens úteis e, eliminando a produção de artigos supérfluos, tendo como consequência a eliminação da alienação do trabalhador no processo produtivo. Tanto quanto em relação às decisões políticas, à sociedade se organizando em grupos comunitários, votariam nas pautas que são de interesse da comunidade e assim influenciariam as decisões políticas, ao contrário do que ocorria, e ocorre, na democracia burguesa, em que o processo de manipulação da opinião pública, esconde das pessoas os verdadeiros motivos e interesses que os candidatos representam.

Essa concepção de socialismo comunitário, se revela, uma utopia. Não uma utopia concreta, mas abstrata (BLOCH, 2005), pois não mostra como ela se concretizaria, além de não romper com elementos do capitalismo. Em Marx, fica claro que o capitalismo tem que ser destruído. Outras concepções apresentaram, cada uma ao seu modo, as formas de se chegar ao socialismo. Nenhuma delas se concretizou. A proposta de Marx se esboçou, mas não se concretizou, mesmo porque era a nível mundial e o capitalismo ainda persiste. A proposta de outros, como socialdemocratas e bolchevistas, tiveram sucesso nos meios, mas não concretizaram os fins, pois tais meios

eram inadequados e não havia no horizonte dessas concepções uma real proposta de nova sociedade, mas sim de reformas no capitalismo.

Para alguns adeptos da socialdemocracia, o Estado de Bem-Estar Social, que não foi um estado socialdemocrata, mas foi a experiência histórica que mais se aproximou disso, seria um exemplo da possibilidade dessa concepção ser exequível. A teoria dos regimes de acumulação, no entanto, nos explica porque, após a Segunda Guerra Mundial, foi possível existir um Estado de bem-estar nos países de capitalismo imperialista. Da mesma forma que explica como esse Estado entrou em crise e foi substituído pelo Estado neoliberal. A concepção socialdemocrata teve nessa experiência o decreto final do seu fracasso, pois o capitalismo não segue uma linha evolucionista, numa evolução rumo ao progresso e ao socialismo. É uma sociedade fundada em contradições e lutas e que tem um caráter destrutivo, como Fromm bem destacou.

Fromm em sua obra, influenciado por sua profissão de psicanalista, valoriza muito a compreensão de determinado fato, a observação clínica. O analista precisa ver o seu paciente, conhecer a sua história para analisar o seu caso. Fromm parte do mesmo princípio para analisar a sociedade, como faz com a capitalista, e às vezes se aproxima, nesse caso, do empirismo. Sem uma teoria para explicar a realidade, não consegue compreender esta e sua dinâmica, bem como a possibilidade de sua transformação.

De toda forma, a trajetória de Fromm em relação ao marxismo o colocou como um dos autores que difundiram as ideias de Marx, combatendo as distorções do pensamento do mesmo. Porém, na época em que viveu e escreveu a maior parte de sua obra, a partir dos anos 1940, o movimento operário entrou em refluxo. E nesses momentos o marxismo original, perdeu espaço para ideologias, como as da socialdemocracia. Nesse contexto, o caráter revolucionário do marxismo é deformado por uns, abandonado por outros. E Fromm viveu nesse momento e por isso sua leitura e aproximação das teoria do capitalismo e da revolução de Marx não foi amplamente estudada por ele. Em grande parte de sua obra ele confundiu Marx com o “marxismo”, um pseudomarxismo, na verdade. Quando tomou conhecimento da teoria da alienação

de Marx, fez uma revisão, mas não conseguiu aprofundar e não conseguiu captar a essência do materialismo histórico, a teoria da luta de classes.

Ao terminar o trajeto da presente pesquisa, notamos que o socialismo humanista de Fromm se concretiza com sua proposta de um socialismo comunitário. Trata-se de uma proposta concreta, prática. Nesse processo, devido ao seu pouco aprofundamento em economia e política, bem como na teoria da revolução e do capitalismo de Marx, não conseguiu ultrapassar uma concepção utópica abstrata de socialismo, recordando elementos do socialismo utópico. Essa é a conclusão da presente tese, que caracteriza a concepção de socialismo de Fromm como utópico.

As razões disso remetem à formação intelectual de Fromm, bem como sua formação social. A formação intelectual mostra a forte influência da psicanálise, por um lado, e uma influência de Marx, mas mais em suas considerações sobre a natureza humana e a força das ilusões e das ideologias. A formação social de Fromm, por sua vez, aponta para uma classe social não proletária na origem familiar e depois a inserção na classe intelectual e, posteriormente, nunca teve um grande contato com indivíduos proletários ou mesmo com o movimento operário. Nesse sentido, esses elementos explicam a origem do utopismo de Fromm.

REFERÊNCIAS

- BASKAR, R. *Idealismo*. In BOTTOMORE, T. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BARROT, J. *O Movimento Comunista*. Porto: Etc, 1975.
- _____. *O renegado Kautsky e seu discípulo Lenin*. Revista Marxismo e Autogestão. V.1, n.1, 2014.
- BICCA, L. *Marxismo e Liberdade*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- BIHR, A. *Da Grande Noite à Alternativa: O Movimento Operário Europeu em Crise*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- BLOCH, E. *Princípio Esperança* V1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- _____. *Princípio Esperança* V2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- BOOKCHIN, M. *Anarquismo, Crítica e Autocrítica*. São Paulo: Hedra, 2010.
- BOTTOMORE, T. B. *Introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- _____. *Dicionário do Pensamento Marxista*/T. B. editor. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BRINTON, Maurice. *Os Bolcheviques e o Controle Operário*. Porto: Afrontamento, 1975.
- CARUSO, I. *Psicanálise e Dialética*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967.
- CATTANI, A. D. *Trabalho e Tecnologia: Dicionário Crítico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- CLEAVER, H. *Leitura Política de o Capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- CHATELET, F, DUHAMEL, O, PISIER-KOUCHNER, E. *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

- CHATTOPARDHYAY, P. *O Conteúdo Econômico do Socialismo de Lenin é o mesmo que de Marx?* Revista Enfrentamento. N.12, 2012.
- EVANS, R. I. *Diálogo com Erich Fromm*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- EAGLETON, T. *Ideologia*. Uma Introdução. São Paulo: Boitempo, 1997.
- EATON, J. *Manual de Economia Política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- FREUD, S. *O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FROMM, E. [org] *Humanismo Socialista*. Lisboa: Edições 70, 1965c.
- FROMM, E. *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974a.
- _____. *Zen Budismo e Psicanálise*. São Paulo: Cultrix, 1960.
- _____. *A Arte de Amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.
- _____. *A Crise da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- _____. *A Descoberta do Inconsciente Social*. São Paulo: Manole, 1992a.
- _____. *A Linguagem Esquecida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980b.
- _____. *A Missão de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965b.
- _____. *A Revolução da Esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- _____. *A Sobrevivência da Humanidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975b.
- _____. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975c.
- _____. *Conceito Marxista de Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975a.
- _____. *Da Desobediência e Outros Ensaio*s. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- _____. *Do Amor à Vida: Palestras Radiofônicas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- _____. *Do Ter ao Ser*. São Paulo: Manole, 1992b.

_____. *Grandezas e Limitações do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980a.

_____. *Meu Encontro com Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965a.

_____. *O Coração do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970b.

_____. *O Dogma de Cristo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974b.

_____. *O Espírito de Liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____. *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970a.

_____. *Psicanálise e Religião*. Rio de Janeiro: Livro Líbero Americano, 1962.

_____. *Ter ou Ser?* Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

FROMM, E. e MACCOBY, M. *Caráter Social de uma Aldeia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

GOMES, M. *Marx e a Crítica do Idealismo*. Espaço Livre. V.12, N. 24, dez. de 2017.

GUILHERM, A e BOURDET, Y. *Autogestão: Uma Mudança Radical*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2000.

HESSEN, J. *Teoria do Conhecimento*. 8ª edição. Coimbra: Armênio Amado, 1987.

HOBSBAWM, E. J. *Revolucionários*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HORNEY, K. *Novos Rumos na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

HORNEY, K. *A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

ILLICH, I. *Sociedade sem Escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

JAY, M. *A Imaginação Dialética*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

- KORSCH, K. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.
- LENIN, V. *Lenin: Política* [org] Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1978.
- LINHART, Robert. *Lênin, os Camponeses, Taylor*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- LUXEMBURG, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- MANACORDA, M. *Marx e a Pedagogia Moderna*. São Paulo, Cortez, 1991.
- MANNHEIM. K. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MAKHAISKY, J.W. “*Ciência Socialista, A Nova Religião dos Intelectuais*”. In TRAGTENBERG, M [org]. *O Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MARQUES, E, e BRAGA, L [orgs]. *Intelectualidade e Luta de Classes*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2013.
- MARX, K. *18 Brumário e Luís Bonaparte*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. *As Lutas de Classes na França*. São Paulo: Boitempo, 2012b.
- _____. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. *Crítica do Programa de |Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012a.
- _____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- _____. *O Capital Volume 1*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, K e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- MARX, K e ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Editora Hedra, 2011.
- MÁXIMO, A. C. *Os Intelectuais e a Educação das Massas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- MOSCA, G. e BOUTHOU, G. *História das Doutrinas Políticas*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1968.
- NOBRE, M. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

- ORWELL, G. 1984. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- OSBORN, R. *Psicanálise e Marxismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- PANNEKOEK, A. *A Revolução dos Trabalhadores*. Rio de Janeiro: Barba Ruiva, 2007.
- _____. *Partidos, Sindicatos e Conselhos Operários*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2011.
- PIETTRE, A. *Marxismo*. Rio de Janeiro: Boitempo, 1954.
- ROSENBERG, A. *Democracia e Socialismo*. São Paulo: Global, 1986.
- _____. *História do Bolchevismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.
- ROUANET, S. P. *Razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- SCHAAR, J. H. *O Mundo de Erich Fromm*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- SCHINEIDER, M. *Neurose e Classes Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SUCHODOLSKI, B. *Humanismo da Renascença e Humanismo Marxiano*. In FROMM, E. *Socialismo Humanista*. Lisboa: Edições 70, 1976.
- SLATER, P. *Origem e Significado da Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SVITAK, I. *As Fontes do Humanismo Socialista*. In FROMM, E. *Humanismo Socialista*. Lisboa: Edições 70, 1976.
- TRAGTENBERG, M. *A Revolução Russa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.
- _____. *Reflexões Sobre o Socialismo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.
- _____. *Teoria e Ação Libertárias*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- VARES, L.P. *O Anarquismo*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 1988.

VIANA, N. *A Consciência da História: Ensaio Sobre o Materialismo Histórico*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007b.

_____. *A Mercantilização das Relações Sociais*. Rio de Janeiro: AR Editora, 2016.

_____. *A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx*. Florianópolis: Bookess, 2012a.

_____. *As Esferas Sociais: A Constituição Capitalista da Divisão do Trabalho Intelectual*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2015.

_____. *Cérebro e Ideologia*. Jundiaí SP: Paco Editorial, 2010.

_____. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia: Alternativa, 2007a.

_____. *Estado, Democracia e Cidadania*. Rio de Janeiro: Achiamé Editora, 2003.

_____. Fromm e a Renovação da Psicanálise. *Revista Espaço Livre*, vol 4, n. 8, 2009b.

_____. *Karl Korsch e a Concepção Materialista da História*. Florianópolis: Bookess, 2012b.

_____. Karl Marx e a essência autogestionária da Comuna de Paris. *Revista Espaço Acadêmico*. N.118, 2011.

_____. *Karl Marx: A Crítica Desapiedada do Existente*. Curitiba: Editora Primas, 2018.

_____. *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008a.

_____. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e letras, 2009a.

_____. *O Fim do Marxismo e Outros Ensaio*s. São Paulo: Giz Editorial, 2007b.

_____. *O Modo de Pensar Burguês*. Curitiba: Editora CRV, 2018.

_____. *O que é Marxismo?* Rio de Janeiro: Elo Editora, 2008b.

- _____. *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007c.
- _____. *Universo Psíquico e Reprodução do Capital*. São Paulo: Escuta, 2008c.
- _____ (Org.). *Indústria Cultural e Cultura Mercantil*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007d.
- WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- WOLHEIM, R. *As Ideias de Freud*. São Paulo: Círculo do Livro, 1971.
- WOODCOCK, G. *História das Ideias e dos Movimentos Anarquistas Volume 1*. Porto Alegre: LPM Editores, 2002.
- _____. *História das Ideias e dos Movimentos Anarquistas Volume 2*. Porto Alegre: LPM Editores, 2008.
- ZIZEK, S. *Às portas da revolução: seleção dos escritos de Lenin de fevereiro a outubro de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2005.